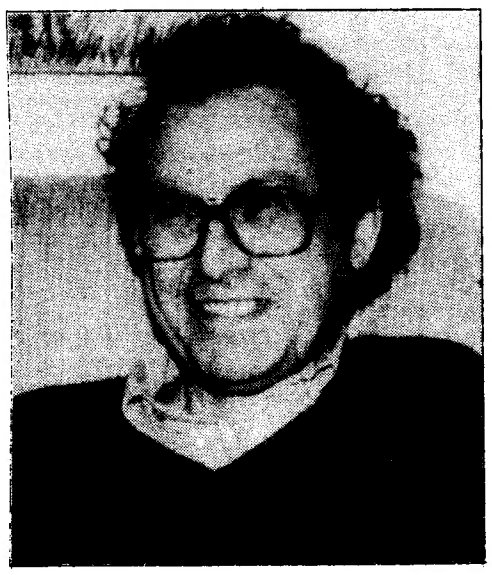
Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23360 DIRECTOR **ANTÓNIO RUELLA RAMOS** TERÇA-FEIRA 6 NOVEMBRO 90 70$00



Soares proibido de usar canção de Zeca Afonso

Viúva do cantor não deixa o MASP utilizar «Venham Mais Cinco» como slogan

A viúva de José Afonso ameaçou apresentar queixa contra o MASP, na Sociedade Portuguesa de Autores, pela utilização indevida da frase «Venham Mais Cinco», título do poema publicado no livro «Cantar de novo» e de um disco gravado em Paris, em 1973. Margarida Pinto Correia disse ao «Diário de Lisboa» que a frase já foi retirada da campanha e será substituída por duas novas expressões, a divulgar na próxima semana. A mandatária sublinhou que não havia intenção de utilizar a música de Zeca Afonso, era apenas «uma frase que apelava ao empenhamento num ideal». **Pág. 5**

Fogo posto?

Um armazém de material de construção civil, situado em Santos-o-Velho, foi consumido por um incêndio, na madrugada de hoje. Segundo informações dos bombeiros e da PSP, há fortes suspeitas de o fogo ter origem criminosa. Não se registaram vítimas. A violência das chamas, que irromperam pelas 3.50, fez ruir o tecto do edifício de dois andares, localizado no número 68 do Pátio do Pinzaleiro, à Avenida 24 de Julho. O armazém situa-se nas trazeiras da discoteca Kremlin. Esta manhã, moradores da área relacionavam a causa do sinsitro com a acção de presumíveis frequentadores deste estabelecimento, manifestamente do seu desagrado.

Rui Pacheco

Ciúmes entre magistrados dominam eleições para o Supremo *Pág. 5*

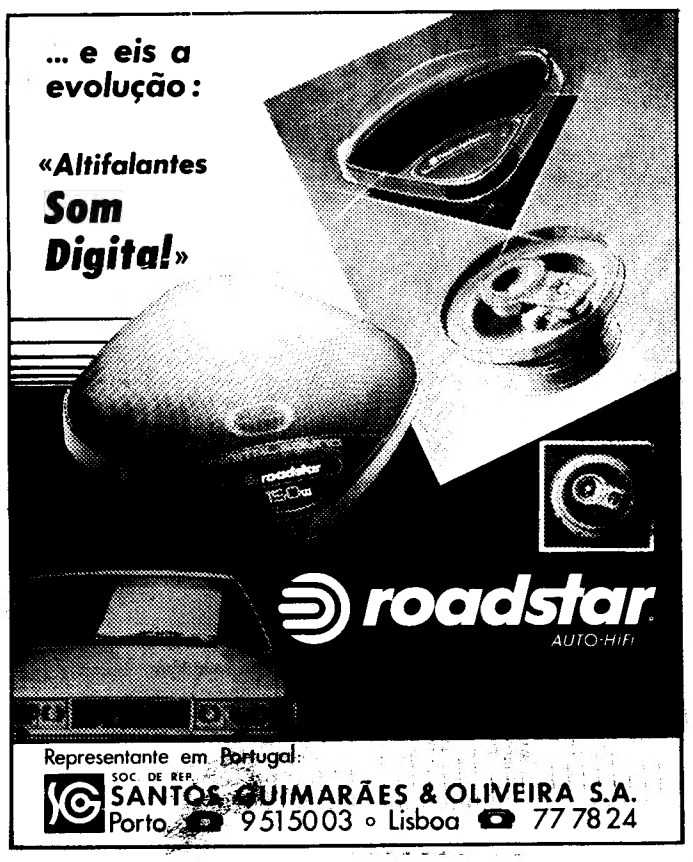
Encarnação demitiu-se da comissão executiva da CGTP *Pág. 9*

Assassinado em Nova Iorque o líder dos «ultras» israelitas *Pág. 7*

Lotaria Popular
1.º 076 106
2.º 260 243
3.º 444 857
4.º 068 058
Pág. 9

Hoje Suplemento de Economia

PORTE PAGO



Tempestade à vista na Câmara de Lisboa

Em causa o projecto do Alto de Campolide, do Grupo Amorim

O empreendimento urbanístico do Alto de Campolide, da responsabilidade do grupo Amorim, continua a causar polémica na Câmara de Lisboa. Os vereadores do PSD vieram a terreiro dizer que existem irregularidades no andamento do processo. A maioria nega e garante que as acusações que lhe são feitas apenas visam atingir objectivos políticos. **Pág. 9**

Sporting, Porto e Estrela nas Taças da UEFA

Os jogos das 3 diferenças

FC Porto a procurar desempatar o «zero-zero» trazido de Bucareste, Estrela da Amadora empenhado em superar o «zero-dois» com que regressou de Liège e o Sporting em viagem de «recreio» até à Roménia. Três jogos com as suas diferenças. Três rotas distintas tendo igual destino. Informação e comentário nas págs. 2, 3 e 4, com o patrocínio de

CLINFOR, LD.ª

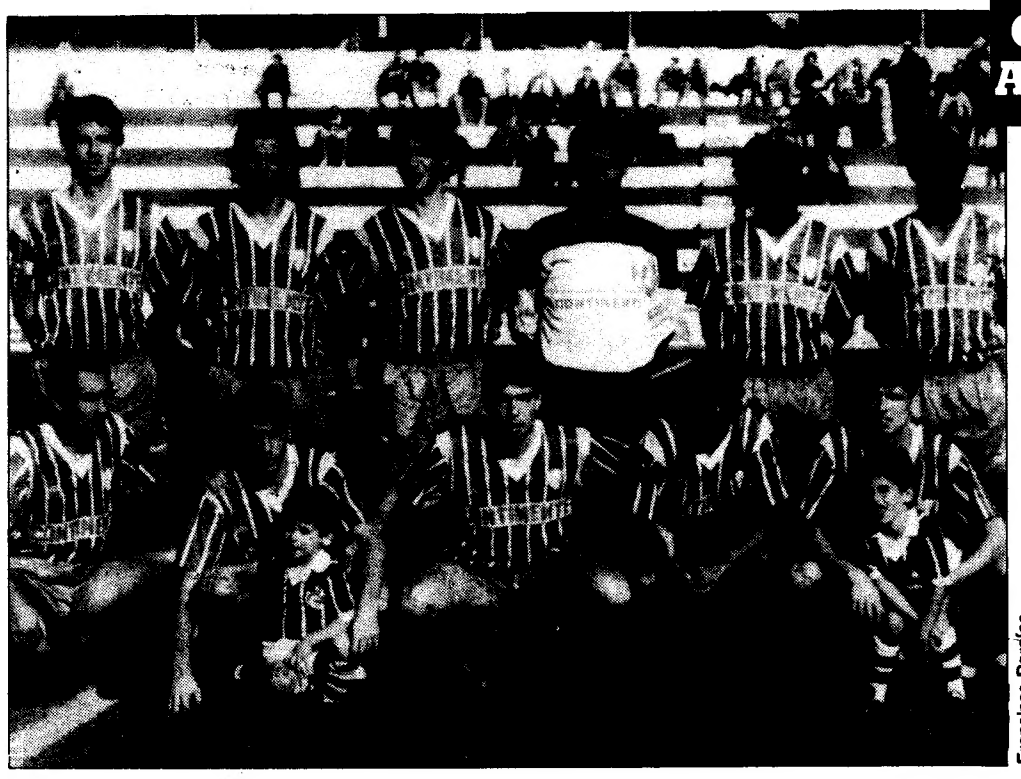
Estrela «pola

Com o Sporting em passeio pela Roménia e o FC Porto a «medir forças» com o Dínamo de Bucareste num jogo em que se torna inquestionável o favoritismo dos «dragões», as atenções, de todos nós, na jornada europeia de amanhã, estão «polarizadas» no jogo da Reboleira

GRANDE ANGULAR

Depois do Benfica não ter resistido aos romanos e dos vimaranenses terem sido vergados ante o futebol mais esclarecido de um vulgar «timinho» de origem turca, aí estão os nossos três heróicos resistentes (Porto, Estrela da Amadora e Sporting) a procurar salvar a «honra do convento lusitano».

Na Roménia encontra-se a representação sportinguista, a viver um dos momentos mais eufóricos do seu bonito historial, e, depois do confortável «score» de sete-zero, é impensável que o mais optimista adepto do Timisoara acredite na eventual reviravolta.



Destes, Manuel Fernandes não poderá contar com os «punidos» Dimas e Valério

Francisco Paraíso

Paulo Bento: uma aposta de Manuel Fernandes

Recordando todas as finais

Taça dos Campeões

Data	Jogo	Resultados
13.06.56	Real Madrid-Stade Reims	4-3
30.05.57	Real Madrid-Fiorentina	2-0
29.05.58	Real Madrid-Milão (•)	3-2
03.06.59	Real Madrid-Stade Reims	2-0
18.05.60	Real Madrid-Eintracht	7-3
31.05.61	Benfica-Barcelona	3-2
02.05.62	Benfica-Real Madrid	5-3
22.05.63	Milão-Benfica	2-1
27.05.64	Inter-Real Madrid	3-1
27.05.65	Inter-Benfica	1-0
11.05.66	Real Madrid-Partizan	2-1
25.05.67	Celtic-Inter	2-1
29.05.68	Mancheste U.-Benfica (a)	4-1
28.05.69	Milão-Ajax	4-1
06.05.70	Feyenoord-Celtic (a)	2-1
02.06.71	Ajax-Panathinaikos	2-0
31.05.72	Ajax-Inter	2-0
30.05.73	Ajax-Juventus	1-0
15.05.74	Bayern-Atlético Madrid (a)	1-1
28.05.75	Bayern-Leeds	2-0
12.05.76	Bayern-Saint Etienne	1-0
25.05.77	Liverpool-B. Moenchengladbach	3-1
10.05.78	Liverpool-FC Brugge	1-0
30.05.79	Nottingham-Malmoe	1-0
28.05.80	Nottingham-Hamburgo	1-0
27.05.81	Liverpool-Real Madrid	1-0
26.05.82	Aston Villa-Bayern	1-0
25.05.83	Hamburgo-Juventus	1-0
30.05.84	Liverpool-AS Roma (b)	1-1
29.05.85	Juventus-Liverpool	1-0
07.05.86	Steaua Bucar.-Barcelona (c)	0-0
27.05.87	F. C. Porto-Bayern	2-1
25.05.88	PSV Eindhoven-Benfica (d)	0-0
24.05.89	AC'Milão-Steaua Bucareste	4-0
23.05.90	Benfica-AC Milão	0-1

(a) Após prolongamento — (b) Liverpool venceu por pontapés da marca de «penalty» (4-2) — (c) Steaua venceu por pontapés da marca de «penalty» (2-0) — (d) PSV venceu por pontapés da marca de «penalty» (6-5)

Taça das Taças

Época	Vencedor	Vencido	Resultado
1960/61	Fiorentina (Ita)	G. Rangers (Esc)	2-0 e 2-1
1961/62	At. Madrid (Esp)	Fiorentina (Ita)	1-1 e 3-0
1962/63	Tottenham (Ing)	At. Madrid (Esp)	5-1
1963/64	Sporting (Por)	MTK (Hun)	3-3 e 1-0
1964/65	West Ham (Ing)	1860 Munique (RFA)	2-0
1965/66	B. Dort. (RFA)	Liverpool (Ing)	2-1
1966/67	Bayern (RFA)	G. Rangers (Esc)	1-0
1967/68	Milão (Ita)	Hamburgo (RFA)	2-0
1968/69	Slovan (Che)	Barcelona (Esc)	3-2
1969/70	M. City (Ing)	Gornik (Pol)	2-1
1970/71	Chelsea (Ing)	Real Madrid (Esp)	1-1 e 2-1
1971/72	G. Rangers (Esc)	D. Moscovo (URSS)	3-2
1972/73	Milão (Ita)	Leeds	1-0
1973/74	Magdburgo (RDA)	Milão (Ita)	2-0
1974/75	D. Kiev (URSS)	Ferencvaros (Hun)	3-0
1975/76	Anderlecht (Bel)	West Ham (Ing)	4-2
1976/77	Hamburgo (RFA)	Anderlecht (Bel)	2-0
1977/78	Anderlecht (Bel)	Áustria Viena (Aus)	4-0
1978/79	Barcelona (Esp)	F. Dusseldorf (RFA)	4-3 (*)
1979/80	Valência (Esp)	Arsenal (Ing)	5-4 (**)
1980/81	D. Tiblissi (URSS)	Carl Zeiss (RDA)	2-1
1981/82	Barcelona (Esp)	St. Liège (Bel)	2-1
1982/83	Aberdeen (Esc)	Real Madrid (Esp)	2-1 (*)
1983/84	Juventus (Ita)	FC Porto (Por)	2-1
1984/85	Everton (Ing)	Rapid (Aus)	3-1
1985/86	D, Kiev (URSS)	At. Madrid (Esp)	3-0
1986/87	Ajax (Hol)	Lok Leipzig (RDA)	1-0
1987/88	Malines (Bel)	Ajax (Hol)	1-0
1988/89	Barcelona (Esp)	Sampdoria (Ita)	2-0
1989/90	Sampdoria (Ita)	Anderlecht (Bel)	2-0(*)

(*) após prolongamento
(**) após «penalties»

Taça UEFA

Ano	Vencedor	Vencido	Resultados
1959	Barcelona	Londres (selecção)	6-0/2-2
1960	Barcelona	Birmingham	4-1/0-0
1961	Roma	Birmingham	2-0/2-2
1962	Valência	Barcelona	6-2/1-1
1963	Valência	Dinamo de Zagreb	2-0/2-1
1964	Saragoça	Valência	2-1
1965	Ferencvaros	Juventus	1-0
1966	Barcelona	Saragoça	0-1/4-2
1967	Dinamo de Zagreb	Leeds	2-0/0-0
1968	Leeds	Ferencvaros	1-0/0-0
1969	Newcastle	Ujpest	3-0/3-2
1970	Arsenal	Anderlecht	3-0/1-3
1971	Leeds	Juventus	1-1/2-2
1972	Tottenham	Wolverhampton	1-1/2-1
1973	Liverpool	M'Gladbach	3-0/0-2
1974	Feyenoord	Tottenham	2-0/2-2
1975	M'Gladbach	Twente	0-0/5-1
1976	Liverpool	F.C. Bruges	3-2/1-1
1977	Juventus	Atlético Bilbao	1-0/1-2
1978	PSV Eindhoven	Bastia	3-0/0-0
1979	M'Gladbach	Estrela Vermelha	1-0/1-1
1980	Elntracht Francfort	M'Gladbach	1-0/2-3
1981	Ipswich Town	AZ 67	3-0/2-4
1982	Gotemburgo	Hamburgo	1-0/3-0
1983	Anderlecht	BENFICA	1-0/1-1
1984	Tottenham	Anderlecht	1-1/1-1(a)
1985	Real Madrid	Videoton	3-0/0-1
1986	Real Madrid	Colónia	5-1/0-2
1987	Gotemburgo	Dundde United	1-0/1-1
1988	Bayer Leverkussen	Espanhol	0-3/3-0(b)
1989	Nápoles	Estugarda	2-1/3-3
1990	Juventus	Fiorentina	0-0/2-0

a) 4-3 em grandes penalidades.
b) 3-2 em grandes penalidades.

ACEITAMOS REVENDEDORES
PARA O CONTINENTE E ILHAS
PREÇOS ESPECIAIS
PARA REVENDA

CLINFOR, LD.ª

CENTRO COMERCIAL GÁLIA
AV. ALM. REIS, N.º 123, LOJA 10
TEL.: 52 68 20 — FAX 80 62 78
1000 LISBOA

AT 386 SX
1 MB RAM 16 MHZ
1 DRIVE DISCO 40 MB
MONITOR MONO
★
TOPIS 349 000$
CITY DESK (a) 399 000$
SAMSUNG (b) 399 000$
HYUNDAI 359 000$
(a) 2 MB RAM 20 MHZ
(b) 2 MB RAM

XT
640 KB RAM
1 DRIVE DISCO 30 MB
MONITOR MONO
★
TOPIS (a) 189 000$
CITY DESK 165 000$
HYUNDAI 195 000$
COMMODORE 185 000$
(a) 1 MB RAM

AT 286
1 MB RAM 12 MHZ
1 DRIVE DISCO 30 MB
MONITOR MONO
★
CITY DESK 299 000$
HYUNDAI 285 000$

ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
GARANTIDA
ATENDIMENTO
PERSONALIZADO
ASSISTÊNCIA
PÓS-VENDA

IVA INCLUIDO

riza» as atenções

Geraldão, Domingos, André e Vítor Baía fazem teste físico

Pelo que vimos na ronda da primeira «mão», felizes poderão ficar os romenos se a «remessa» se não repetir no seu recinto. A um Sporting moralizado e dotado de artistas do mais fino e requintado recorte técnico, é oposto um frágil conjunto futebolístico, pelo que cedo ficou encontrado quem seguirá em frente e quem está irremediavelmente colocado na berma da estrada.

Marinho Peres deixou em Lisboa o brasileiro Careca, por razões pouco clarificadas, e a comitiva que se encontra em Timisoara integra os seguintes elementos: técnicos — Marinho Peres e António Dominguez; Álvaro Braga (director do departamento de futebol), Fernando Ferreira (médico), Leonel Pires (massagista), Manuel Fernandes (roupeiro) e os jogadores Ivkovic, Sérgio, Carlos Xavier, Venâncio, Luisinho, Leal, João Luís I, Miguel, Litos, Filipe, Oceano, Douglas, Mário Jorge, Bozinoski, João Luís II, Edel, Gomes e Cadete.

A comitiva integra ainda Mendes Palitos (presidente da AFL), os presidentes do Famalicão e do Boavista, Valentim Loureiro, César Borges Carvalheira (vice-presidente do CNA), Borges de Castro, João Mateus, José Camacho Vieira, José Castro, Tito Lívio Xavier, Domingos e Dionísio Castor e os cozinheiros Evaristo e Pedro Cardoso.

Esta tarde, Marinho Peres irá submeter os seus comandados a um derradeiro teste e pelas 13 horas (hora portuguesa) de amanhã, teremos o suíço Muhmenthaler a fazer soar o silvo para o pontapé de saída.

FC Porto: centro-campista Jorge Couto, aposta jovem de Artur Jorge

Pinto e Paille: ausentes

Os «dragões» regressaram de Bucareste como partiram. Zero-zero foi o resultado e esperanças repartidas, ainda que tenhamos de atribuir franco favoritismo ao F.C. do Porto, porque joga nas Antas e porque é inquestionávelmente formado por jogadores de maior valia.

Artur Jorge debate-se com alguns problemas. Branco já abalou para Itália, Paille não poderá actuar por se encontrar castigado pela UEFA e João Pinto contraiu uma lesão no encontro de Braga estando, por isso, afastada hipótese de actuar. Três questões que Artur Jorge resolverá, uma vez que possui elementos com valor bastante para colmatar as ausências imponderáveis. Por isso a convocação, para o lote dos 17, de Jorge Plácido e do búlgaro Kostadinov, e em estágio estão os seguintes artistas: Vítor Baía, Padrão, Abílio, Aloísio, Geraldão, Paulo Pereira, André, Kiki, Morgado, Jorge Couto, Semedo, Fernando Couto, Jaime Magalhães, Jorge Plácido, Domingos, Kostadinov e Madjer.

O encontro de amanhã será dirigido pelo italiano Túllio Lanese e a nossa convicção (e o voto de plena sinceridade) é que o F.C. Porto seguirá em frente na rota por todos desejada.

Já agora refira-se que Multescu (treinador do Dínamo) fez deslocar os seguintes 16 futebolistas: Stelea, Cypeano Costel, Eduard, Miaescu, Nicolae, Dobos, Matei, Rednic, Pana, Cheriuge, Marcu, Fulga, Saba, Raducanu, Zamfir e Damaschin.

Estrela: Dimas e Valério entre os «indisponíveis»

Castigados pela Comissão de Disciplina da UEFA, Dimas e Valério estão impossibilitados de defrontar o F.C. de Liège. Por outra razão (lesão) encontram-se igualmente fora dos planos de Manuel Fernandes Álvaro, Agatão e Pedro Xavier. São cinco «baixas» de vulto para as pretensões do Estrela, mas o seu técnico não se mostra muito pessimista quanto à possibilidade de poder «virar» o resultado. Diz Manuel Fernandes: «Para este jogo é necessário contar com muito calor humano. Vai ser necessário muita gente a apoiar o Estrela. Sinto que temos possibilidades de discutir a eliminatória, apesar do zero-dois. Já demonstrámos em Liège que não somos inferiores ao nosso opositor. A equipa está bem física e psicologicamente, por isso há que acreditar».

É isso, Manel! Temos que confiar. Eu sou desses.

Alves Henriques

Palmarés das três competições

Inglaterra: 22 «canecos» no painel

No historial das três competições instituídas pela União Europeia de Futebol (UEFA), já se disputaram 35 Taças dos Campeões Europeus, 29 das Taças e 31 da UEFA. Apesar da interdição aplicada aos clubes ingleses (derivado dos trágicos acontecimentos verificados no Heysel) é ainda a velha Albion que lidera o «ranking» mundial com 22 triunfos (oito vitórias na Taça dos Campeões, cinco nas Taças e nove na UEFA). Segue-se a Espanha (8-5-8), Itália (7-4-3), RFA (4-3-4), Holanda (5-1-2) e Portugal (3-1-0).

Vejamos o quadro:

PAÍSES	VITÓRIAS			DERROTAS		
	TCE	T/T	TU	TCE	T/T	TU
1.º Inglaterra	8	5	9	2	4	6
2.º Espanha	6	5	8	6	5	5
3.º Itália	7	4	3	7	3	2
4.º RFA	4	3	4	5	3	5
5.º Holanda	5	1	2	1	1	2
6.º PORTUGAL	3	1	-	5	1	1
7.º Bélgica	-	3	1	1	2	3
8.º Escócia	1	2	-	1	2	1
9.º URSS	-	3	-	-	1	-
10.ºs Hungria	-	-	1	-	2	3
Suécia	-	-	2	1	-	-
12.º França	-	-	-	3	-	1
13.ºs Jugoslávia	-	-	1	1	-	2
RDA	-	1	-	-	2	-
Roménia	1	-	-	1	-	-
16.º Checoslováquia	-	1	-	-	-	-
17.º Áustria	-	-	-	-	2	-
18.º Grécia	-	-	-	1	-	-
19.º Polónia	-	-	-	-	1	-
TOTAL	35	29	31	35	29	31

Sem presenças em finais:

Suíça, Bulgária, Dinamarca, Turquia, Finlândia, Eire, Irlanda do Norte, País de Gales, Noruega, Islândia, Albânia, Chipre, Malta e Luxemburgo.

Sal e pimenta

Aí está, já batendo à porta, nova 4.ª feira uefeira, com três estandartes lusitanos empenhados em outra viagem pela Europa, contestatários romenos no percurso de portistas e *leões*, dialogantes belgas poisando na Amadora. Como mágoa, o apaixonado verde-rubro viu ficarem na margem da estrada mais dois símbolos: Benfica enrolado na manta por romanos que continuam colocando no topo do castelo futebolístico do velho continente a bandeira italiana, Guimarães insolitamente baleada por turcos de 2.ª apanha. Logo, neste instante, Portugal desportista tem junto ao coração um trio de emblemas: *dragões* das Antas apenas a carecerem de vencer (mesmo que pela mais singela das expressões), estrelistas obrigados a duro golpe de rins para emendarem o 0-2 embarcado na viagem em Liège (e Manuel Fernandes com um património humano defraudado de unidades mais que vitais), sportinguistas revigorando o seu prestígio e a continuarem comprovando o virtuosismo num passeio à mártir cidade de Timisoara, onde os romenos vão despedir-se do frágil Politehnica, contemplando a luzida embaixada ibérica que, em Alvalade, resolveu a questão de molde a estar agora regaladamente de papo para o ar, esperando somente o novo cliente para a sua loja.

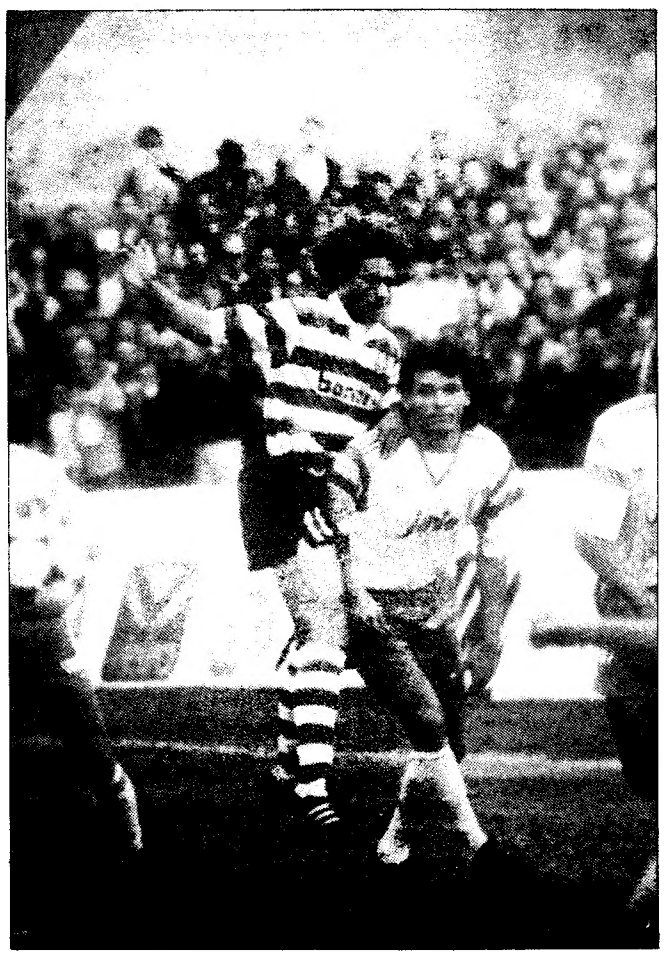
Pois é: por cá, deixamos as esperanças e a confiança nos alunos de Artur Jorge e nos senhores do parque José Gomes, esperando que *azuis-brancos* e colegas de Duílio e Rebelo consigam catapultar as entidades patronais para mais uma etapa de lucro financeiro que, como todos bem sabemos, é tão solicitada aos céus por tudo quanto gravita em torno do futebol profissional como um sucesso desportivo, porque as vedetas do baile sobre relva já não alinham *nessa* do arreigado amor à camisola, logicamente aderindo a uma modernidade onde, como diz o meu querido amigo Raul Solnado, «*só é amador quem não tem talento para ser profissional*».

Obviamente que é muito espinhosa a tarefa colocada nos horizontes de quem fica por cá e, em contrapartida, no compromisso sportinguista há uma certeza absoluta: Sousa Cintra pode avançar para trerras helvéticas, esperando quem vai sair em nova rifa a sportinguistas que deixaram Careca e Lima em Portugal, têm a garantia de Marinho Peres de que não vai haver dolce farniente mas permanente interesse na qualidade do espectáculo e, até para se notar onde chega a compenetração dos grandes dominadores do Campeonato, bastará citar que connosco (até Timisoara) viajou Evarista Álvaro, o cozinheiro que já esteve em Saltillo com os «infantes» e trouxe agora na bagagem, desde água a café, tudo o que a comitiva de Alvalade vai consumir até ao pôr do sol de amanhã. Um cuidado que reflecte o severo ponto de reflexão dos responsáveis *verdes*, francamente decididos a fincarem duradoiro pé entre os maiorais do futebol das cinco paradas do mundo.

Claro que, num período em que a mentira e a vergonha tingem negramente vários quadrantes do nosso jogo-soberano, numa fase em que as plateias se interrogam sobre o que vai resultar das clivagens entre dirigentes, do modo como displicentemente se está encarando a realização de um Mndial de juniores, dos quotidianos atropelos à ética e à limpidez de processos de acção que maculam a classe arbitral, de todo um longo somatório de casos que cada vez mais afastam do conclave as multidões, desistentes de gastarem pequenas fortunas em troca de espectáculos sem qualidade e, na maioria das faces do prisma, com resultados previstos a partir de se conhecerem os (in)fiéis das balanças...

Resta confiar nos técnicos que adoram o futebol ofensivo, mais nos jogadores e nas bolinhas aos pulos: eles são sal e pimenta, o melhor do jogo que domina todas as latitudes, que poderá futuramente baixar bandeira na predilecção popular mas que, neste findar de século, é (incontestavelmente) o maior fenómeno de contágio colectivo que jamais se inscreveu na história.

Neves de Sousa



Cadete (a arte e a velocidade) e Oceano (a força e o inconformismo): duas potentes armas do Sporting actual

GRANDE ANGULAR

A frontalidade de Marinho Peres

«Coloco em campo quem merece»

O Sporting deverá contratar um jogador para colmatar a saída do médio brasileiro Paulo Silas, que recentemente ingressou no Cesena, da primeira divisão italiana de futebol — revelou o técnico dos «leões», Marinho Peres.

Comentando a série de resultados vitoriosos do Sporting no Campeonato Nacional e na Taça UEFA, Marinho Peres afirmou, no Estádio de Alvalade, em Lisboa: «*não sou de ficar eufórico. Acho que o nosso quadro de jogadores tem bons valores, mas é possível que tenhamos de contratar mais um elemento por causa da saída de Silas.*»

Marinho Peres acrescentou pretender um «*médio que entre bem na frente ou um avançado*» e referiu já ter conversado sobre o assunto com o presidente do Sporting, Sousa Cintra.

«*Já falei com o presidente sobre esta questão, mas é muito possível que voltemos a conversar*» — frisou, horas antes de o Sporting partir para a Roménia, onde defronta o Polithenica de Timisoara.

Há duas semanas, na primeira mão, o Sporting goleou em Lisboa o Polithenica de Timisoara por 7-0, mas Marinho Peres considerou que a sua equipa tem de actuar com «determinação» para «evitar complicar» a eliminatória.

Embora admitindo ser «muito difícil» o afastamento do Sporting pelos romenos, Marinho Peres alertou: «*Não há dúvida que sete golos são uma vantagem excelente, mas temos de nos bater com determinação e dedicação para que as coisas não se compliquem.*»

«*O jogo é uma responsabilidade para nós, pois representamos o futebol português e, por isso, não vamos poupar jogadores*» — referiu o técnico brasileiro, acrescentando: «*vamos colocar em campo os que estiverem em melhores condições.*»

Apontando a necessidade de «ser frontal» e de «colocar em campo quem merece», Marinho Peres, justificou a ausência de Careca do lote de 18 convocados para Timisoara com o facto de o médio de ataque brasileiro «*não estar no seu melhor e ter decaído de produção*».

Mas o Sporting já pode contar com o médio brasileiro Douglas, ausente no encontro da primeira mão por se encontrar a cumprir o castigo de um jogo de suspensão das competições europeias, após a eliminatópria com os belgas do Malines.

Dínamo: chegar e treinar

A comitiva do Dínamo de Buacareste chegou ontem à tarde ao Aeroporto das Pedras Rubras com duas horas de atraso, ficando instalada numa unidade hoteleira de Espinho e, pouco tempo após a chegada, o técnico Gheorgus Multescu ordenou uma sessão de trabalho no estádio do clube da Costa Verde.

No termo do treino, o técnico romeno afirmou de que a sua equipa vinha jogar para o espectáculo, acrescentando:

«Não viemos jogar para a qualificação, pois não estamos em condições de discutir uma eliminatória que ficou desequilibrada com o desfecho da primeira mão e com a ausência de alguns dos nossos titulares habituais.»

Naturalmente que nem Artur Jorge, nem Pinto da Costa, nem Reinaldo Teles, nem nós, acreditados na «sinceridade» de Multescu.

Estrela convida Cavaco

A direcção do Estrela da Amadora tem audiência marcada para as 17 horas de hoje em S. Bento, onde se deslocará com o propósito de convidar Cavaco Silva a assistir ao confronto de amanhã frente ao FC Liège e, segundo informações de que dispomos, o primeiro-ministro deverá aceder ao convite já que, quando do encontro com o Neuchatel, foi forçado a recusar por ter de se deslocar em missão oficial ao Japão.

Na Amadora reina a esperança de que o «zero-dois» trazido da Bélgica irá ser superado. Oxalá o Estrela possa brilhar.

Como estão as «coisas»

Taça dos Campeões

Bayern Munique (RFA)-CSKA (Bul.)	4-0
Dínamo Desden (RDA)-Malmoe (Suécia)	1-1
Estrela Vermelha (Jug.)-Glasgow Rangers (Esc.)	3-0
Dínamo Bucareste (Rom.)-FC PORTO	0-0
Real Madrid (Espanha)-Tirol (Áustria)	9-1
Nápoles (Itália)-Spartak Moscovo (URSS)	0-0
AC Milão (Itália)-FC Bruges (Bélgica)	0-0
Lech Poznan (Polónia)-Marselha (França)	2-3

Taça das Taças

Fram (Reykjavik)-Barcelona (Espanha)	1-2
Manchester United (Ingl.)-Wrexham (País Gales)	3-0
Dínamo Kiev (URSS)-Dukla Praga (Checol.)	1-0
Olympiakos Pireu (Grécia)-Sampdória (Itália)	0-1
Montpellier (França)-Steaua Bucareste (Rom.)	5-0
FC Liège (Bélgica)-ESTRELA DA AMADORA	2-0
Aberdeen (Escócia)-Légia Varsóvia (Polónia)	0-0
Áustria Viena (Áustria)-Juventus (Itália)	0-4

Taça UEFA

Magdeburgo (RDA)-Bordéus (França)	0-1
Brondby (Dinamarca)-Ferencvaros (Hungria)	3-0
FC Lucerne (Suíça)-Admira Wacker (Áustria)	0-1
Heart Midlothian (Escócia)-Bolonha (Itália)	3-1
Katowice (Polónia)-Bayer Leverkursen (RFA)	1-2
Fenerbahce (Turquia)-Atalanta (Itália)	0-1
SPORTING-Politechnica Timisoara (Roménia)	7-0
Real Sociedad (Esp.)-Partizan Belgrado (Jug.)	1-0
Valência (Espanha)-Roma (Itália)	1-1
Chernomorets Odessa (URSS)-Mónaco (França)	0-0
Universitae Craiova (Rom.)-B. Dormund (RFA)	0-3
Omonia Nicósia (Chipre)-Anderlecht (Bélgica)	1-1
Colónia (RFA)-Inter Bratislava (Checoslováquia)	0-1
Vitesse (Holanda)-Dundee United (Escócia)	1-0
Aston Villa (Inglaterra)-Inter Milão (Itália)	2-0
Torpedo Moscovo (URSS)-Sevilha (Espanha)	3-1

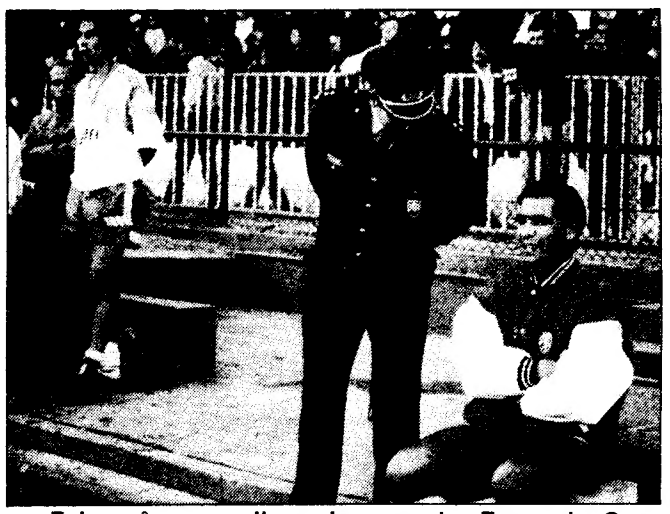
Numa breve observação pelo quadro de resultados verificados na primeira mão desta segunda eliminatória, é fácil extrair algumas previsões. Vejamos quais:

Taça dos Campeões: Real Madrid, Bayern de Munique e Estrela Vermelha de Belgrado obtiveram «marcas» que os colocam no degrau do piso seguinte da prova. Na verdade, torna-se imprevisível que os «merengues» percam por nove, do mesmo modo que ninguém ousará prognosticar que o Bayern sofra cinco golos ou que o Estrela Vermelha se deixe surpreender pelos escoceses do Glasgow Rangers.

Taça das Taças: Como favoritos incontestáveis, surgem a Juventus, o Montpellier, o Manchester United e o Barcelona. Quanto aos demais, votamos num grande jogo da Reboleira e pensamos que a Sampdoria também estará de «pedra e cal» na eliminatória que se seguirá.

Taça UEFA: Bom, quanto ao Sporting é assunto bem arrumado. Os dinamarqueses do Brondby, o Admira Wacker, o Atalanta, o Borússia de Dortmund, o Inter de Bratislava e o Aston Villa, também se nos afiguram em situação de se juntarem aos nossos representantes, ainda que, algumas surpresas possam surgir, a conflituar com as nossas previsões.

A.H.



«Foi você que pediu mais um golo, Fernando Gomes?»

PROMOÇÃO ESPECIAL

SAMSUNG XT-SPC 3000 V
768 KB de RAM, 4.77/10 MHZ, 1 drive, disco de 20 MB, 2 portas p/ jogos, porta p/ rato, portas série e paralelo, monitor mono, impressora A4 — 9 agulhas, caixa de disquetes. **226 000$00**

SAMSUNG AT 286-S 550
1 MB de RAM, 12 MHZ, 1 drive, disco de 30 MB, 2 portas p/ jogos, 2 portas série e 1 paralela, monitor mono, impressora A4 — 9 agulhas, caixa de disquetes. **316 000$00**

TOPIS AT 286/12
1 MB de RAM, 12 MHZ. 1 drive, disco de 40 MB/25 ms, monitor VGA policromático 14'.
335 000$00

IVA INCLUIDO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

CLINFOR, LD.ª
CENTRO COMERCIAL GÁLIA
AV. ALM. REIS, N.º 123, LOJA 10
TEL. 52 68 20 — FAX 80 82 73
1000 LISBOA

POLÍTICA

Em causa o slogan «Venham mais Cinco»

Jovens soaristas proibidos de utilizar Zeca Afonso

Zélia, viúva de Zeca : divergências ideológicas na base da proibição

O MASP/Jovem retirou o slogan «Venham mais cinco», que já tinha sido anunciado oficialmente como fio condutor da sua participação na campanha de Mário Soares, devido ao protesto manifestado por Zélia Afonso e pela Sociedade Portuguesa de Autores, entidade que tem obrigação de defender os direitos de Zeca Afonso até 50 anos após a morte do autor.

A viúva de Zeca, quando soube da intenção do MASP/Jovem em utilizar o título do poema publicado no livro «Cantar de novo», anunciou que apresentaria queixa à SPA por uso indevido, pois «ele nunca consentiria na utilização do título do poema» para uma campanha presidencial de Mário Soares.

São do conhecimento público as divergências ideológicas e de *praxis* que sempre existiram entre o poeta / cantor e o então líder do Partido Socialista, Mário Soares.

A mandatária do MASP/Jovem, Margarida Pinto Correia disse ao «Diário de Lisboa» que «não havia intenção de utilizar a música de José Afonso, nem sequer transformar a frase num hino. Era apenas uma frase que fazia o apelo ao envolvimento das pessoas num projecto e num ideal».

Zélia terá entendido que os ideais do companheiro não eram compatíveis com os da organização juvenil de apoio à recandidatura de Mário Soares e em conjunto com a Sociedade Portuguesa de Autores avisou que accionaria uma queixa contra o MASP, caso as intenções dos jovens soaristas fossem avante.

Essa situação não se irá verificar porque «já retirámos a frase - disse Margarida Pinto Correia - e estamos a preparar dois novos *slogans* que vão aparecer em cartazes por todo o país, na próxima semana».

A mandatária do MASP/Jovem não quis adiantar pormenores sobre as duas novas expressões da campanha, mas adiantou que «serão também *slogans* apelativos ao envolvimento dos indivíduos num ideal de sociedade».

Presidente do Supremo Tribunal de Justiça é amanhã eleito

Ciúme entre magistraturas pesa no voto dos 45 juizes

O vice-presidente do Conselho Superior de Justiça, Abel Pereira Delgado, e o antigo ministro da Justiça, José Menéres Pimentel, são os principais candidatos à presidência do Supremo Tribunal de Justiça. Trata-se de escolher a quarta figura do Estado, logo a seguir ao primeiro-ministro: o acto eleitoral efectua-se amanhã, ao princípio da tarde em Lisboa, sendo o colégio eleitoral composto por 45 juízes conselheiros, incluindo os que estão em comissão de serviço.

Pereira Delgado e Menéres Pimentel têm concepções diferentes sobre o papel e os poderes do Ministério Público, questão avivada com os «casos» Melancia e Costa Freire e que vai determinar a opção de voto de muitos dos eleitores. Enquanto o primeiro defende que «a última palavra cabe ao juiz» e que é este, de facto, «o titular do órgão de soberania tribunal», o segundo contesta que exista uma alegada «hegemonia do Ministério Público no aparelho de Estado».

O vice-presidente do Conselho Superior da Magistratura considera que o «MP está a sobressair», quando há um poder social, o dos juizes titulares do órgão de soberania-tribunal, -a quem cabe «definir o direito». O antigo ministro da Justiça do Governo Balsemão entende que o Ministério Público «está a desenvolver devidamente a sua missão» à luz do Código do Processo Penal de 1987 e segundo o qual «passou a assumir maior notoriedade a investigação criminal», que até então competia à Polícia Judiciária.

O conselheiro Manso Preto é também apontado como tendo algumas possibilidades, numa lista de 45 hipotéticos candidatos. Mas as suas alegadas ligações ao antigo regime (foi Procurador-Geral da República, ao tempo de Antunes Varela, procurador à Câmara Corporativa e chefe de gabinete do Ministério da Justiça) limitam-lhe os apoios, apesar da postura conservadora que normalmente se atribui à classe.

O antagonismo de posições que distancia os dois principais candidatos deverá decidir o vencedor de um acto eleitoral «sui generis», em que todos os conselheiros do Supremo são candidatos mas não há candidaturas organizadas e nenhum dos juízes faz abertamente campanha.

Abel Pereira Delgado é o único candidato que fez toda s sua carreira como juiz, desde os tribunais da primeira instância. O facto de ter obtido 70 por cento dos votos nas eleições para o CSM poderá ser um indicativo para amanhã. Adepto da contingentação, isto é, da limitação funcional do número de processos atribuídos a cada juiz, como forma imediata de ultrapassar a lentidão da justiça em Portugal, Abel Delgado sustenta que «os juízes não chegam para as encomendas, para as necessidades da nossa justiça».

Meneres Pimental está há dezoito anos na magistratura, para a qual entrou em 1950. Teve uma efémera passagem pelo Ministério Público, nos anos 50, e foi juiz em Tavira, em 1958. Diz ter deixado a magistratura em 1965 por desencanto, quando o MP dependia do poder político.

Júlio Rodrigues

Soares: entrevista-espectáculo pelas três despedidas da RTP

O Tivoli reabre amanhã, não para as suas funções tradicionais de sala de cinema mas sim para utilização de Mário Soares na sua campanha de recandidatura: às 21 e 30, a bela sala da avenida da Liberdade será palco de uma entrevista-espectáculo a realizar ao presidente-candidato pelas três jornalistas despedidas da RTP, Maria Elisa, Margarida Marante e Maria Antónia Palla. A entrada é livre para esta entrevista estando a ser convidados, especialmente, jornalistas das principais Redacções. O agora designado «Espaço Tivoli» vai funcionar, até ao fim da campanha eleitoral, como centro de actividades políticas e culturais do MASP, nomeadamente como café-concerto, aberto todas as noites.

Carvalhas: campanha na Madeira

Praticamente como se estivessemos já em plena campanha eleitoral para a Presidência da República, todos os candidatos aceleram os actos de propaganda e os contactos com o eleitorado. Carlos Carvalhas, candidato proposto pelo Partido Comunista, não foge à regra e vai andar numa roda viva pelo País até ao próximo dia 16. Carvalhas vai à Madeira nos dias 13 e 14, mas antes visitará os concelhos de Sintra e Amadora (amanhã e depois), participará em Setúbal nas Jornadas sobre o Desenvolvimento da Península (dia 10) e vai a Trás-os-Montes jantar com as estruturas locais do PCP (Vila Real, no domingo). Prevista está também uma deslocação à Marinha Grande, no dia 16.

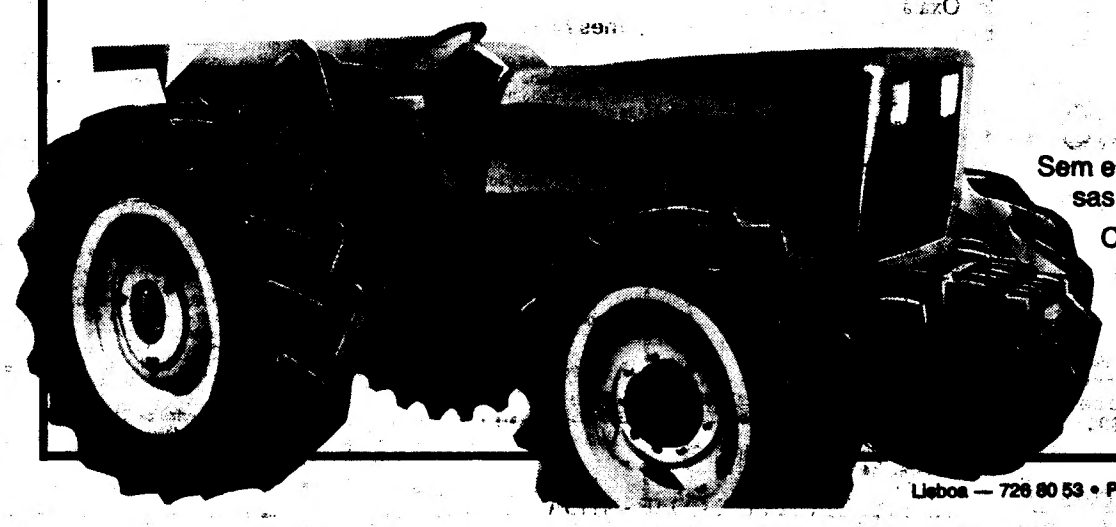
Marques no Alentejo e Algarve

Quanto a Carlos Marques, outro dos candidatos anunciados, reservou quatro dias, já a partir de amanhã, para percorrer o Algarve e o Baixo Alentejo. Marques começa este périplo por Odemira, para reuniões aprazadas com a União das Cooperativas, a Junta de Freguesia e o Município, encontrando-se na quinta-feira em Portimão com apoiantes seus e com ecologistas ligados à Ria de Alvor. O candidato apoiado pela UDP marcou também encontros com a Comissão contra a construção da prisão distrital de Faro, o próprio presidente da Câmara local e a União dops Sindicatos do Algarve.

PRD vai dizer como vota

O PRD desmentiu, entretanto, que já tenha dado orientação aos seus militantes para votarem em branco nas eleições presidenciais, gorada que foi a possibilidade de apresentação de um candidato próprio. Um comunicado da Comissão Directiva, ontem emitido, desmente que tal orientação de voto tenha sido revelada na última conferência de Imprensa e garante que, por ora, isso não passa de «mera hipótese». Uma posição definitiva sobre esta matéria será tomada no Conselho Nacional Extraordinário dos renovadores marcada para on próximo sábado, dia 10.

UTILIZE JÁ NESTA COLHEITA O SEU NOVO TRACTOR.



Sem esperas, sem créditos difíceis, sem despesas pesadas.

Com a **Sofiniloc** pode escolher – nós financiamos, em *leasing*. As máquinas agrícolas de que Você necessita. No tempo preciso.

A **Sofiniloc** tem resposta, faça chuva ou faça sol. Consulte-nos.

Lisboa — 726 80 53 • Porto — 68 92 51 • V. Nova Famalicão — 31 24 17 • Aveiro — 2 90 58 • Leiria — 81 19 66 • Faro — 2 91 89

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração:
António Ruella Ramos.
Administradores:
Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
Daniel Reis e Rodrigues da Silva
Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, José Luís Feronha e Neves de Sousa

Redacção e reportagem fotográfica:
Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Céu Neves, Dina Soares, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, Jorge Ferreira, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Marina Tavares Dias, Pedro Alvim, Rodrigues Borges, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria da Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. **Impresso na Renascença Gráfica, SA** - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$60; nos Açores, 85$00.

BANHO MÁRIO

O dr. Mário Soares andou muito tempo a desejar enfrentar um verdadeiro competidor nestas eleições presidenciais.

O dr. Basílio Horta está a fazer-lhe a vontade.

É possível é que o dr. Mário Soares comece a achar que o dr. Basílio Horta exagera.

Está bem que assim seja.

Não apenas para a genuinidade da campanha.

Mas porque o dr. Mário Soares começava a habituar-se, mal. À imagem que o espelho lisongeiro lhe devolvia. E aos espelhos com que os seus próprios adversários essenciais o cercavam. A ponto de esta candidatura correr o risco de, olhando-se, tanto de dentro para fora como de fora para dentro, parecer — um Muro de Espelhos.

Pelo que ainda bem que o dr. Basílio Horta não é a pêra doce que se suporia.

Digamos que o dr. Mário Soares desejava talvez enfrentar um competidor sobretudo sociológico. Um competidor que valesse sobretudo sociologicamente. À direita, naturalmente. Para marcar, à direita, o ponto. Para a direita marcar o ponto. Votando, também ela, ao fim e ao cabo, largamente Soares.

Pois bem, o dr. Basílio Horta está a ter o talento de fazer; e não apenas ao dr. Mário Soares, a surpresa de se assumir um pouco mais do que um candidato sociológico.

Não que a sociologia não entre na candidatura do dr. Basílio Horta.

Entra.

Mas é capaz de acabar por entrar de uma forma mais alargada, voluntariosa e consciente do que seria, para alguns, a incumbência desta candidatura. A sociologia não é um gráfico de barras de pedra. Exerce o seu direito à opção eleitoral. Também ela faz surpresas. Dá guinadas. Frustra expectativas eleitorais. Tira o tapete debaixo de presumíveis confortos para-eleitorais.

O dr. Basílio Horta chegou a um cenário todo montado para a vitória fácil do adversário e não se conformou.

Não apenas cometeu o óbvio estratégico da agressividade.

Fez mais, deu substância à agressividade.

Converteu essa substância em estratégia.

Colocou consideráveis sectores sociológicos que o soarismo empatizara entre a espada da agressividade e a parede da sua consciência ideológica.

Estabeleceu, pelo menos para a primeira fase desta campanha, se não as regras do jogo, pelo menos o jogo das regras.

Disse que o rei ia, não apolineamente nu, mas vestido.

E não de Presidente.

Mas de Residente.

Se não de Reincidente.

O dr. Mário Soares tem de compreender que, se um senhorito de honor é um voto como outro qualquer, um senhorito de honor não é o melhor rosto possível da sua candidatura

Breve: o dr. Basílio Horta começou a quebrar louça nesta loja da Vista Alegre que arriscadamente começava a ser o soarismo.

Breve: o dr. Basílio Horta disse alto aquilo que a direita metera na gaveta da sua consciência ideológica.

É evidente, o dr. Mário Soares é o *sportsman* político que se sabe. Dirá que tudo isto é óptimo. E crescerá com o crescimento do adversário. «Venham mais seis Basílios Hortas!»

O dr. Mário Soares é a Rosa Mota. Em homem, em largo e em fábula corredora de La Fontaine.

O problema está em que o dr. Basílio Horta, a campanha que o dr. Basílio Horta, não apenas promete, mas já desencadeou, a memória que já mobilizou, os interesses que já responsabilizou, os traumas que já invocou, os mágicos que já amanheceu, exigem, do dr. Mário Soares, esta coisa muito simples — que seja ele próprio.

Na sua qualidade, no seu instinto, na sua personalidade psicológica, claro, mas também ideológica e cultural.

Que a sua candidatura não seja um bolo de noivo eleitoral.

Que o seu discurso não nos seja dito por senhoritos de honor, que não passam de senhoritos ideológicos.

Ou seja, o dr. Mário Soares tem de pôr alguma ordem na sua corte na aldeia. Que está para aí que parece uma aldeia na corte.

O dr. Mário Soares tem de compreender que, se um senhorito de honor é um voto como outro qualquer, um senhorito de honor não é o melhor rosto possível da sua candidatura.

Artur Portela

O dr. Mário Soares tem de compreender que a estratégia do grande debate nacional é um continente, não é um conteúdo: o que se espera de um candidato não é que ele presida a uma gigantesca assembleia geral, é que o conteúdo seja ele, é que ele diga o que quer, até porque não é o dr. Mário Soares que vai decidir se nós merecemos votar nele, somos nós que vamos decidir se ele continua a merecer que nós votemos nele.

O dr. Mário Soares tem de compreender que a sua candidatura não pode correr o risco de merecer nem a fórmula severa de sopa de pedra nem a severa fórmula de estalagem espanhola.

Contam, aqueles que conhecem o dr. Mário Soares, e não da última condecoração que ele lhes colocou na lapela, com os recursos deste homem.

Com efeito, Colette, se tivesse o dr. Mário Soares, no regaço, passar-lhe-ia, sobre o lombo, a mão, e contaria setenta e sete fôlegos.

Além de que ainda agora a campanha vai no adro.

Urge, porém, ao que parece.

A campanha já aí está.

As candidaturas já aí estão.

O dr. Mário Soares repete-se.

O dr. Basílio Horta estabelece o *trend* da campanha.

O dr. Mário Soares, a sua candidatura folheia-se como quem folheia as páginas amarelas ideológicas.

O dr. Basílio Horta, a sua candidatura é um «115» sociológico, com «PBX» ideológico.

O dr. Mário Soares está lastrado quer por Todo-o-Mundo quer por Ninguém.

O dr. Basílio Horta tem a nitidez, a coesão e a desenvoltura da estrutura leve que é ser um Basílio, um Horta e um Macedo.

O dr. Mário Soares corre o risco de ser, psicossocialmente, uma banalidade, uma ilustre e amável banalidade, mas uma banalidade.

O dr. Basílio Horta está a ser, psicossocialmente, uma novidade.

Numa palavra: o dr. Mário Soares vai ter de fazer o favor de voltar a surpreender-nos.

Talvez começando por surpreender aqueles que banalizam a sua candidatura. Os que querem que este homem seja o espelho da sopa de espelhos que eles são. Aquecida, não em banho-maria, mas em — banho mário.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1999

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro de Distribuição de Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 1 da linha para o PT ACN 15 Vale Alto e término no PT ACN 89 Minde, com 34 metros, na freguesia de Minde, concelho de Alcanena, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALCANENA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do segundo e último anúncio.

Execução Ordinária. n.º 6333. 3.ª Secção. Exequentes — Renascença Gráfica, SA. Executado — Afinco — Sociedade Editora de Publicações, SA, Rua Augusta, 124 — 1.º Lisboa.

Lisboa, 27 de Setembro de 1990

O Juiz de Direito
Carlos Marcos Rodrigues

O Escrivão de Direito
Ana Maria Ferreira

«DL»: 2.ª Pub 6/11/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
14.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da SEGUNDA E ÚLTIMA PUBLICAÇÃO DESTE ANÚNCIO.

Execução DE SENTENÇA n.º 5284/B, 2.ª Secção.

Exequentes — JOSÉ MARIA GARCIA DA SILVA.

Executados — MANUEL TOMÉ DA COSTA, residente na Vivenda Costa, Largo da Igreja — Livramento — Estoril.

Lisboa, 25 de Outubro de 1990.

O Juiz de Direito
Pedro dos Santos Gonçalves Antunes

A Escrivã Adjunta
Leonor Augusta Ferreira Piçarra

«DL» — 6/11/90 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
4.º JUÍZO
ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA MARGARIDA LEANDRO MARTINS, Meritíssima Juíza de Direito, do 4.º Juízo — 3.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, faz saber:

Que por este Juízo e Secção, correm termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho, sob a forma Sumária, registados sob o n.º 86/89, em que é Autora MARIA MENDES SIBORRO e RÉ MARIA SALOMÉ OLIVEIRA SOUSA e OUTROS, e por este meio são os Réus ANTÓNIO JOSÉ RIBEIRO NOGUEIRA LEITE, cuja última residência conhecida foi na Rua Nina Marques Pereira, n.º 5-2.º Esq.º, em Lisboa e JOSÉ LUÍS FARIA SAMPAIO, cuja última residência conhecida foi na Rua Nina Marques Pereira, n.º 5-2.º Esq.º, em Lisboa, notificados de que foi designado o próximo dia 24 de Janeiro de 1991, pelas 10 horas, para Audiência de Discussão e Julgamento, nos referidos autos, sendo a sua comparência pessoal obrigatória, nos termos do disposto no Art.º 89.º, n.º 1 do Cód. Proc. Trabalho.

Lisboa, quatro de Outubro de 1990.

A Juíza de Direito
(Ilegível)
A Escriturária Judicial
(Ilegível)

«DL» — 6/11/90 — 2.º Pub.

INTERNACIONAL

Crise do Golfo tem nova fase

James Baker continua à procura de uma solução pacífica, mas admite que uma intervenção militar está a ser considerada

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, afirmou que a crise do Golfo entrou numa nova fase que ameaça as tentativas de solução política e diplomática que têm sido procuradas.

Baker, que falava durante um encontro com o emir do Kuweit, o xeique Jaber Al-Ahmed Al-Sabah, reafirmou que a hipótese de forçar o Iraque a sair do Kuwait através de uma intervenção militar está a ser considerada.

«Esta crise está a entrar numa nova fase e, embora continuemos a procurar uma solução política e diplomática, temos de optar por uma posição a partir da qual possamos pôr em prática qualquer opção», disse o governante norte-americano.

Baker reuniu-se com emir do Kuwait em Taif, na Arábia Saudita, segunda etapa da sua digressão por sete países europeus e do Médio Oriente para sondar o apoio dos países árabes e europeus a uma eventual intervenção militar no Golfo.

Baker salientou que não discutiu com o chefe de Estado kuweitiano uma data limite para solucionar o conflito pela vida diplomática e que «toda a comunidade internacional» está ainda a desenvolver esforços para encontrar uma solução pacífica.

Diplomatas ocidentais acreditados na região do Golfo consideram que as conversações de Baker com o monarca saudita serão cruciais para qualquer iniciativa diplomática ou militar que possa ser planeada pelos Estados Unidos para forçar o líder iraquiano, Saddam Hussein, a retirar as suas tropas do Kuweit.

Entretanto, o secretário-adjunto da Marinha norte-americana, Lawrence Garrett, disse que aquele ramo da armada dos EUA poderá continuar na zona do Golfo Pérsico, mesmo após o conflito ser resolvido.

Garrett não especificou, no entanto, qual a força militar naval que os EUA iriam manter na área, mas carescentou que a contínua presença daquelas tropas seriam uma extensão da política norte-americana para a crise que há muito se vive na zona. «Temos estado na região desde 1947, só que nunca tivémos tantos efectivos como agora», disse Garrett, acrescentando que «posso desde já antecipar que iremos manter unidades navais, na zona do Golfo, o que ainda não decidimos e qual o número de tropas que iremos manter».

Rei Fahd, da Arábia Saudita, recebe o secretário de Estado norte-americano, James Baker

Os Estados Unidos têm na região do Golfo e na Arábia Saudita um total de quase duzentos mil efectivos e cerca de cinquenta navios de guerra.

O secretário-adjunto disse que com um pouco de sorte, de preserverança e com o contínuo apoio dos aliados que se opõem à invasão iraquiana do Kuweit, a crise do Golfo irá resolver-se sem a necessidade de recorrer a uma guerra.

Enquanto o Governo britânico continua a enviar tropas para o Golfo, prevendo que até meados do corrente mês estejam estacionadas nesta zona mais de 9500 soldados, o partido no poder no Japão abandonou um plano visando o envio de tropas para o Golfo e apelou aos partidos da oposição para que iniciem conversações sobre um novo plano para auxiliar os esforços internacionais na região.

O primeiro-ministro Toshiki Kaifu e Ichiro Ozawa, secretário-geral do Partido Liberal Democrático (PLD), no poder, concordaram em retirar a proposta de envio de tropas da câmara baixa do parlamento, revelaram dirigentes do PLD.

A proposta, que abriria caminho para o envio de dois mil soldados para o Golfo, enfrentaria uma derrota certa na câmara alta, controlada pela oposição.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Milhares de estudantes protestam em França

Mais de 100 mil estudantes do ensino secundário francês manifestaram-se ontem em Paris e em diversas cidades francesas para protestar contra a insegurança e a degradação dos estabelecimentos de ensino. Na capital francesa onde, segundo os dados da Federação Independente Democrática Liceal (FIDL), desfilaram 40 mil pessoas, oito jornalistas e três policias ficaram feridos na sequência de confrontos havidos entre as forças policiais e um grupo de duzentos estudantes que, lançando pedras, tentaram forçar o cordão de segurança formado pelos agentes nas imediações da Assembleia Nacional. Em cada cidade de província francesa como Lyon, Grenoble, Touluse, Lille, Estrasburgo, Marselha as manifestações de protesto atingiram, segundo as primeiras estimativas, cifras que oscilam entre os seis e os oito mil participantes, não se tendo registado nenhum tipo de violência. Apenas em Reims, cidade a uma centena de quilómetros de Paris, cerca de 500 estudantes invadiram o Hotel da cidade, sem porém provocar a intervenção das autoridades policiais. O movimento de revolta iniciado há três semanas é promovido e apoiado essencialmente pela FIDL e pelas associações juvenis afectas aos partidos comunista, trotzkista e socialista.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Reféns geram unidade na CEE contra Hussein

A Comunidade Económica Europeia reiterou hoje a sua unidade contra Saddam Hussein recusando-se a negociar individualmente a libertação dos reféns retidos no Iraqu e no Kuweit. A Itália, que detem a presidência dos Negócios Estrangeiros dos Doze para discutir a possibilidade de alguns dos membros se distanciarem da política conjunta contra o Iraque. A reunião foi requerida pela Bélgica e pela Holanda na sequência de várias deslocações controversas ao Iraque, de delegações de alguns dos países da CEE, incluindo a deslocação do chanceler alemão, Willy Brandt, que chegou hoje a Bagdad, e que foi alvo de criticas, nomeadamente por parte da Grã-Bretanha. No final da reunião, o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, disse que o seu Governo considera que a deslocação de Brandt não viola o acordo da CEE para a negociação individual da libertação de reféns, afirmando que o antigo chanceler vai apelar para a libertação de «todos os reféns ocidentais».

Líder israelita de extrema direita morto a tiro em Nova Iorque

O líder do partido Kach, da extrema direita israelita, Meier Kahane, foia noite passada assassinado a tiro num hotel de Nova Iorque, anunciaram fontes policiais.

O rabi Kahane, que defendia a expulsão de todos os árabes de Israel, era um antigo deputado ao Knesset (Parlamento) e um dos fundadores, nos anos 60, da Liga para a Defesa do Judaísmo.

O atacante atingiu Kahane, de 58 anos, com dois tiros disparados à queima-roupa, na face e no peito, depois de o rabi ter proferido uma conferência para grupos judaicos num hotel de Manahatan, disseram testemunhas.

«Kahane estava a responder a perguntas quando um jovem caminhou para ele, sorridente e com um ar estranho, sacou de uma arma e disparou, atingindo-o na cabeça e no corpo», afirmou a testemunha Richard Dunetz.

A polícia disse que o atacante, que foi mais tarde ferido a tiro por um agente, a um quarteirão do hotel, tinha documentos em nome de El-Sayid Al-Nosair, de 34 anos. Foi-lhe autorizada a entrada na sala da conferência pelos próprios agentes da segurança de Kahane.

Joseph Borrelli, responsável da polícia de Nova Iorque, disse que as pessoas presentes no hotel tinham pensado que o atacante fosse um judeu originário de um país árabe. Assistiram à conferência cerca de 100 pessoas.

Depois de abater Kahane, o atirador fugiu da sala, ferindo a tiro Evan Franklin, de 73 anos, que tentou impedí-lo de fugir.

O homem saíu do hotel a correr e tentou forçar a entrada num táxi, sob a ameaça da arma, mas foi impedido pelo agente da polícia postal Carlos Acosta, de 55 anos.

O atacante disparou contra Acosta, atingindo o seu colete à prova de bala e ferindo-o num braço. Acosto respondeu ao fogo, ferindo o homem. Ambos foram transportados para o hospital de Bellevue, onde o estado do atacante foi descrito como «crítico, mas estável».

Kahane, que apelidou publicamente os árabes de cães e era apodado por outros judeus de nazi, foi pronunciado morto em Bellevue, onde chegou pouco após ter sido atingido a tiro.

Políticos condenam

Políticos israelitas de todos os quadrantes condenaram hoje o assassínio de Meier Kahane, considerando que actos desta natureza em nada contribuem para a paz.

Entretanto as autoridades de Jerusalém mobilizaram as suas forças de segurança para impedir ataques contra árabes, depois de o movimento liderado por Kahane ter revelado que os seus apoiantes poderiam tentar vingar o assassínio.

Fontes de segurança afirmaram que o exército e a polícia enviaram reforços para locais de potencial agitação, incluindo áreas onde se concentram cidadãos áreas onde se concentram cidadãos árabes para irem trabalhar em Israel.

Foi também reforçada a guarda em lugares sagrados, tanto para judeus como para muçulmanos da Cisjordânia ocupada.

Fontes palestinianas anunciaram entretanto que um motorista matou hoje a tiro um casal palestiniano no território ocupado da Cisjordânia.

Não se sabia ainda se os assassínios estavam relacionados com a morte a tiro do rabi antiárabe Meier Kahane.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

IMPORTANTE LEILÃO

COM INTERESSE ESPECIALMENTE PARA COMERCIANTES, «BRIC-À-BRACS», ANTIQUÁRIOS E PARTICULARES

Constando de antiguidades — Grande diversidade de móveis de diversos estilos e épocas — Quadros a óleo, aguarelas, desenhos e gravuras, de categorizados artistas antigos, contemporâneos e modernistas — Lustres, candeeiros, apliques e tocheiros — Pianos de meia-cauda, vertical e de mesa — Porcelanas orientais e europeias — Faianças — Tapetes e passadeiras, persas e de outras procedências — Carpetes de Arraiolos e outras — Pratas nacionais e estrangeiras, e jóias — Esculturas de mármore, marfim, bronze e madeira — Muitos cristais e vidros — Casquinas e metais — Relógios, aparelhos de precisão e máquinas fotográficas — Objectos de arte — Estatuetas — «Bibelots» e objectos de vitrine — Cofres — Colchas, «mantons», paramentos, tecidos, casacos de vison, astrakan e raposa, vestidos românticos, etc. — Utilidades (móveis e outros objectos) — Etc., que serão vendidos pela maior oferta, e descritos muito resumidamente no folheto em distribuição e em anúncios a publicar.

Bens estes que guarneciam as moradias sitas em Cascais e S. João do Estoril, de um nosso cliente que se retira para o estrangeiro, e que para maior comodidade dos Exm.°s Clientes, se transferiram para os nossos amplos salões do antigo Palácio de Ficalho, sito na

RUA LUZ SORIANO, 53 - 1.°
EM LISBOA

onde se efectua o leilão, nos dias 14, 15 e 16 (quarta, quinta e sexta-feira) de Novembro de 1990, das 15 às 19 e das 21 às 24 horas.

EXPOSIÇÃO: Dias 13 (terça-feira) das 9 às 13 e das 15 às 19 horas, e dia 14 (quarta-feira) das 9 às 12 horas.

Atenção: Para evitar maior algomeração de público nas salas durante o leilão, agradecemos que os Exm.°s Clientes, para seu interesse e comodidade, vejam antecipada e minuciosamente, os lotes em que estejam interessados.

ORGANIZAÇÃO DA ANTIGA AGÊNCIA

SOARES & MENDONÇA, LDA.

— LEILOEIROS-AVALIADORES —

Rua Luz Soriano, 53-1.° • Telefs. 32 13 12-346 98 80
1200 LISBOA

Outros países do ex-bloco comunista aguardam a vez

Hungria adere hoje ao Conselho da Europa

A Hungria será hoje o primeiro país de Leste a aderir ao Conselho da Europa, um organismo que até agora só englobava 23 democracias ocidentais.

O Governo de Budapeste assina a sua adesão aos estatutos do Conselho da Europa e a Convenção Europeia de Direitos Humanos, cujo 40º aniversário se assinalou ontem, antes de participar na reunião extraordinária do comité de ministros do conselho de hoje.

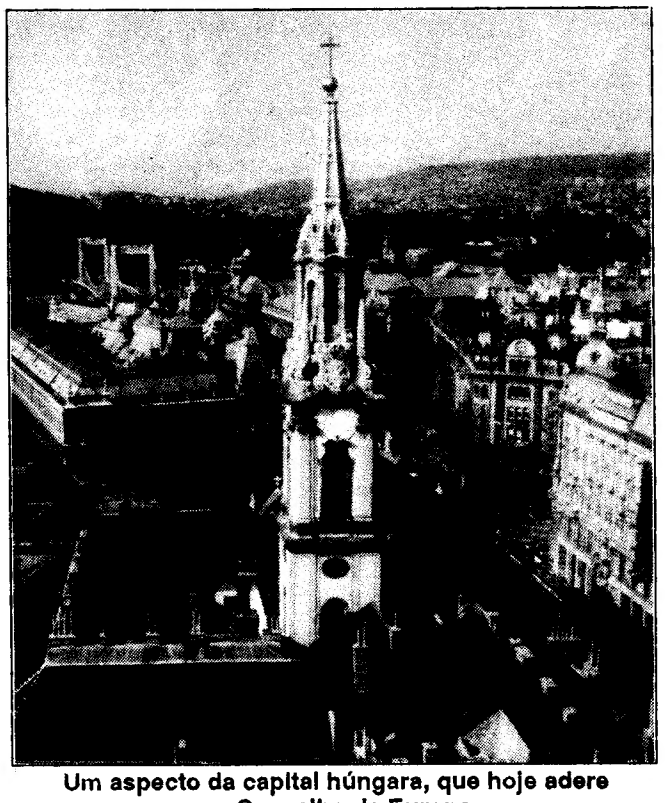
A Checoslováquia e a Polónia, que participarão como convidados na sessão, deverão ser os próximos países a aderir ao Conselho da Europa, podendo vir a seguir-se-lhes a Jugoslávia e a União Soviética.

A Polónia apresentou o seu pedido de adesão em Janeiro, a Checoslováquia em Abril e a Jugoslávia em Fevereiro.

Fundado em 1949, o Conselho da Europa, com sede em Estrasburgo, é a mais antiga organização do pós-guerra que procura a unidade europeia.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 24 discutirão na reunião de hoje a preparação da cimeira da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), que se realiza de 19 a 21 do corrente mês em Paris.

Na Cimeira da CSCE, os membros da NATO e do Pacto de Varsóvia assinarão um tratado sobre redução de armas convencionais na Europa.



Um aspecto da capital húngara, que hoje adere ao Conselho da Europa

O Conselho da Europa ambiciona tornar-se o quadro institucional permanente da CSCE.

Esta sessão do Conselho da Europa coincide também com a presidência espanhola do conselho até Maio de 1991.

Catherine Lalumiére, secretária-geral do conselho, declarou numa entrevista recente que o ingresso da Hungria no Conselho da Europa representa uma etapa histórica na superação da divisão no continente europeu decidida em Ialta.

Alargar ainda mais o conselho

O ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Gianni de Michelis, defendeu entretanto a entrada para o Conselho da Europa dos Estados Unidos, Canadá e países do Leste Europeu.

De Michellis, que abria uma conferência informal sobre Direitos do Homem, realizada sob a égide do Conselho da Europa, deu também o seu aval a uma proposta para que a assembleia do conselho se transforme num novo Parlamento agrupando os países ocidentais e os do antigo bloco comunista de Leste.

Esta conferência faz parte das comemorações do 40º aniversário da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, subscrita pelos membros do Conselho da Europa em Roma.

Portugal fez-se representar na reunião pelo ministro da Justiça, Laborinho Lúcio.

O Conselho da Europa tenta agora adaptar-se às novas realidades do velho continente, nomeadamente procurando emergir como um órgão político paralelo à NATO, organização de ca-ráçter militar, e a CEE, de cariz essencialmente económico.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

B R E V E S

CEE financia Angola

A Comunidade Económica Europeia vai conceder um financiamento de cerca de 21 milhões de contos a Angola, anunciou o chefe de divisão para o Desenvolvimento do Mercado Comum, à sua chegada a Luanda. O montante anunciado junta-se a cerca de 95 mil contos destinados ao financiamento de uma intervenção ho Hospital do Cazenga, sob participação directa da organização «Médicos Sem Fronteiras. Blonk disse ainda que a comissão da CEE está a trabalhar com vista a disponibilizar para Angola um financiamento de mais de 2,3 milhões de contos para o saneamento básico de Luanda.

Itália vai ser mediadora de conversações em Maputo

O deputado socialista italiano Raffaelli continuará a ser o mediador da terceira ronda de conversações, que poderá começar amanhã, caso Maputo aceite oficilamente a mediação italiana, disse o presidente da Renamo. Dhlakama recordou que «antes da Itália tinhamos feito uma proposta, em Julho deste ano, para que Portugal fosse local e medianeiro das conversações, mas a proposta não satisfez e a Frelimo preferiu a Itália. Interrogado sobre os pontos que a Renamo vai colocar nesta ronda de conversações, Dhlakama respondeu: «até aqui trataou-se de uma guerra civil entre a Renamo e a Frelimo. Agora, a primeira coisa de que vamos falar é de multipartidarismo, das eleições parlamentares e presidênciais».

Desemprego atinge um milhão de polacos

O número de desempregados na Polónia atingiu um milhão de pessoas em Outubro, dez meses após a introdução das medidas de austeridade para a passagem à economia de mercado, revelou fonte oficial. Um representante do Ministério do Trabalho declarou que o número total dos desempregados se cifrou em 1 008 416 indivíduos até 31 de Outubro, o que corresponde a 7,5 por cento da força de trabalho. A Polónia possuia 9700 desempregados até à prática do plano de austeridade imposta pelo Governo de Varsóvia e o qual visava o combate da inflação e a reforma das estruturas económicas com vista à abertura para a economia de mercado.

Eleições nos EUA poderão registar elevada abstenção

Recentes sondagens sobre os prováveis resultados das eleições que hoje decorrem nos EUA, para eleger os membros da Camâra dos representantes e parte dos senadores e governadores estaduais, apontam para a manutenção da maioria no Senado do Partido Democrático que, apesar do favoritismo e da campanha agressiva dos candidatos republicanos, centrada na crise do Golfo, poderá ainda ganhar mais alguns lugares na Camâra dos Representantes. Ainda segundo as análises feitas sobre os dados das sondagens, nas eleições para governadores, os candidatos democratas poderão contar com a vitória nos Estados da Florida, Illinois, Texas e Carolina do Norte. Mas a principal preocupação entre os republicanos deve-se às previsões e à queda do apoio popular a George Bush, que nas últimas semanas baixou de 80 para 48 por cento. As sondagens indicam de facto que a afluência às urnas deverá ser a mais reduzida dos últimos 50 anos, o que representará uma abstenção de cerca de dois terços dos inscritos. Ao todo, os 122 milhões de eleitores norte-americanos deverão hoje escolher 34 dos 100 membros do Senado, 435 para Camâra dos Representantes e 36 dos 50 governadores estaduais, além de designar numeros cargos nas Camâras Municipais. Entretanto, e como último acto da campanha unanimemente considerada agressiva e pautada por recíprocas acusações entre republicanos e democratas, o dirigente político do Partido Democratico, Ronald Brown, desafiou ontem o Presidente dos EUA, George Bush, a justificar a «utilização imprópria dos fundos dos contribuintes» para apoiar a sua actividade política partidária. Brown acusou Bush de utilizar o avião presidencial para viagens políticas quatro vezes mais do que o antigo Presidente, Jimmy Carter, último democrata na Casa Branca. A administração norte-americana já reagira a acusações deste tipo, anunciando que a Comissão Repúblicana Nacional tinha reembolsado o Tesouro norte-americano pelos gastos inerentes às viagens partidárias do Presidente Bush. Mas David Pryor, senador do Partido Democratico e membro da Comissão dos Assuntos Governamentais do Senado, pediu ao Gabinete Geral de Contabilidade a avaliação de todos os gastos associados com as viagens partidárias de Bush. O Gabinete Geral de Contabilidade, por seu turno, anunciou que, além de investigar sobre os gastos efectuados pelo Presidente, efectuará idênticos controlos sobre os custos associados com viagens, para fora da zona de Washington, efectuadas pelo Vice-Presidente Dan Quayle e outros membros do executivo.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1998

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 38 da linha para o PT CCH 57C Cooperativa de Transformação de Produtos do Vale do Sorraia e término no PT CCH 239 Monte da Barca, com 78 metros, na freguesia e concelho de Coruche, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/113

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 30kV, com origem no PST n.º 35 — Marinhais e término no PT n.º 36, Salvaterra de Magos, com 8914 metros, nas freguesias de Marinhais e Salvaterra de Magos, concelho de Salvaterra de Magos, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SALVATERRA DE MAGOS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/114

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 60kV, n.º 6552 entre a SE n.º 6361 — Glória e o PS n.º 7045 — Maxoqueira, com 13 663 metros, nas freguesias de Muge, Marinhais, Salvaterra de Magos e Barrosa, concelhos de Salvaterra de Magos e Benavente na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SALVATERRA DE MAGOS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 30 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

QUOTIDIANO

Polémica sobe de tom sobre Alto de Campolide

A votação de amanhã, na Câmara Municipal de Lisboa, promete ser tempestuosa. O PSD alega «escândalo», a maioria responde que ainda é cedo

«Procedimento casuístico», «escândalo», bradam os vereadores do PSD. Em causa está o projecto do Alto de Campolide, da responsabilidade do Grupo Amorim, cujo estudo preliminar de urbanização deverá ser votado na reunião de amanhã do executivo municipal. Para Fonseca Ferreira, responsável pela Direcção de Planeamento Estratégico camarária, as acusações feitas pela bancada do social-democrata na autarquia lisboeta não passam de críticas que pretendem atingir objectivos políticos.

«A Câmara apenas vai deliberar sobre aquilo que diz respeito à edificabilidade, ou seja às volumetrias. As decisões não incidem sobre os direitos de promoção ou de construção», disse ao «DL» o referido responsável.

Toda a polémica em torno deste empreendimento, levantada pelos vereadores do PSD, incide basicamente na forma como o processo está a ser conduzido pela maioria na Câmara. Os social-democratas acusam mesmo Jorge Sampaio de estar a dar o seu aval a este estudo sem «medir as consequências».

Concretamente, o PSD afirma que a Maioria, ao autorizar as volumetrias constantes na proposta do empreendimento de Américo Amorim está a considerar os terrenos da EPAL que confinam com os da MORATE — a empresa do grupo Amorim — como parte integrante de uma unidade urbanística que serve como base de cálculo. A EPAL só negociou com a MORATE uma faixa de terreno necessária à abertura de uma via entre a Avenida Gulbenkian e a Avenida Marquês da Fronteira. Não negociou a totalidade dos terrenos de que é proprietária, dizem os vereadores socia-democratas.

A história do empreendimento do Alto de Campolide vem já do mandato anterior. Na altura, Abecasis aprovou logo o estudo prévio do projecto, mesmo sem o apresentar ao executivo camarário. Depois, chegada a fase de loteamento, o projecto de Amorim acabou por «cair». Chumbado.

Com o novo elenco camarário, o assunto foi parar inevitavelmente às mãos de Sampaio. Em Agosto passado, quando subiu à Câmara o estudo preliminar de urbanização do Alto de Campolide foi «liminarmente rejeitado» porque para uma área de 47.184 metros quadrados apresentava uma volumetria de 225.927 metros cúbicos, facto que excedia a capacidade máxima autorizada no Plano Geral de Urbanização da Cidade de Lisboa, PGCUL, 161.000 metros cúbicos.

A MORATE não desistiu e em 3 de Outubro apresentou à Câmara um novo estudo de urbanização que abrangia uma área de terreno superior. Além da sua propriedade, estavam incluídos os terrenos da EPAL cuja a aquisição dizia estar a negociar. Nestas condições tudo mudava, refeitos os cálculos as volumetrias propostas pareciam agora susceptíveis de merecer a aprovação dos serviços da Câmara. Foi desta mudança que surgiu a proposta a votar amanhã.

É precisamente aqui que os vereadores do PSD levantam todas as objecções. «A EPAL não negociou a totalidade dos seus terrenos, só negociou uma faixa e no entendimento dos vereadores do PSD, os interesses daquela empresa são amplamente prejudicados já que renunciará a quaisquer direitos de edificabilidade na totalidade daquele terreno», sublinha o vereador Vítor Gonçalves que, ontem, em conferência de Imprensa, apresentou a opinião do PSD sobre o problema. Segundo as contas do vereador, a EPAL ao não tirar contrapartidas desta situação perde aproximadamente cerca de 4 milhões de contos. Aquele responsável exige que os serviços camarários se certifiquem da amplitude das negociações entre o grupo Amorim e a EPAL.

Fonseca Ferreira desdramatiza a situação e sublinha que não é isso que está em causa: «Se a MORATE foi incorrecta nas informações que transmitiu mesmo assim isso não prejudica a deliberação da Câmara porque as volumetrias atribuídas a cada um dos proprietários estão separadas e definidas». De acordo com este técnico, na fase em que se encontra o processo a EPAL não está a ser lesada porque os seus níveis de edificabilidade estão calculados em separado bem como os seus direitos de construção».

Numa fase ulterior, aí sim, as coisas têm de ficar muito claras, refere Fonseca Ferreira. «Quando passarmos ao loteamento e licenciamentos tem de haver prova do direito de propriedade. Quando se definem volumetrias uma unidade de ordenamento pode compreender várias propriedades», afirma . «Agora — frisa — quem construir é que fica com os direitos e não é isso que se discute».

L. A. B.

Encarnação demite-se do executivo da CGTP

O coordenador da União de Sindicatos de Setúbal (USS), José Encarnação, apresentou o seu pedido de demissão de membro da comissão executiva da CGTP.

Alvo de contestação, enquanto dirigente, por parte de sindicatos filiados na União, Encarnação - militante do PCP e membro do INES - poderá ter jogado em «antecipação» uma vez que, tal como já admitiram fontes ligadas à CGTP, era dada como provável a sua substituição de lider da USS no congresso que se inicia dia 16.

No entanto, e de acordo com declarações deste dirigente sindical, as razões que se prendem com o seu pedido de demissão estão na «desautorização» que sofreram, no último plenário de sindicatos da CGTP, parte dos membros do Conselho Nacional que defendiam a assinatura do acordo económico-social.

«Penso que a assinatura deste acordo fortalecia a estratégia da Central e o facto de não ter sido realizado é prejudicial para o seu futuro, por isso não tinha outra posição a tomar», afirmou José Encarnação.

Brandão e UGT: guerra em aberto

O diferendo protagonizado por José Brandão, do Sitra, e a UGT tem vindo a agudizar-se, considerando a central sindical que as acusações de existência de «negócios obscuros» na direcção das suas estruturas, ontem proferidas por aquele dirigente, não passam de «dislates completos».

«Muito pouca confiança nos trabalhadores», «contradições» e uma «crise artificialmente criada por Brandão por motivações e, ou, condicionantes da sua pessoa», são as respostas da direcção da UGT às recentes declarações do lider do Sitra.

Ponto quente de todo este diferendo serão, por certo, as duas conferências de imprensa simultâneas que Torres Couto e José Brandão vão dar esta tarde, em Lisboa mas em locais diferentes.

Lotaria Popular

1º - 076106	**3 000 000$00**
2º - 260243	**1 000 000$00**
3º - 444857	**500 000$00**
4º - 068058	**250 000$00**
Terminações em 6106	**85 000$00**
Terminações em 106	**60 000$00**
Terminações em 243	**10 000$00**
Terminações em 857	**3 500$00**
Terminações em 058	**1 500$00**
Terminações em 29,76,73,94,82,42 e 32	**500$00**

Um morto em colisão frontal

Uma colisão frontal de duas viaturas ligeiras de passageiros, ocorrida, na madugada de hoje, junto ao quartel do Ralis, em Lisboa, causou um morto e quatro feridos graves.

A vítima mortal foi identificada como Joaquim Pires. Os feridos foram internados no Hospital de Santa Maria.

O acidente, que se verificou 20 minutos depois da meia-noite, na Estrada Nacional 1, ficou a dever-se ao facto de um dos automóveis transitar fora de mão.

Pouco depois, nas proximidades daquele local, em Sacavém, quando elementos da Brigada de Trânsito, da GNR tomavam conta de outro acidente entre um automóvel e um veículo pesado, de que resultara um ferido ligeiro, uma terceira viatura viria embater no carro-patrulha da GNR, pondo-se depois em fuga.

No entanto foram recolhidos elementos que permitirão identificá-la.

Barnard em Portugal Christian Barnard, pioneiro das transplantações cardíacas, foi ontem recebido pelo presidente da Ordem dos Médicos, Machado Macedo, na sede desta associação. O cirurgião sul-africano está hoje Coimbra, onde tem um encontro na reitoria da Universidade, visita hospitais e desloca-se a uma «república» de estudantes. À noite, participa num jantar, na sede dos antigos orfeonistas da Universidade, seguido de uma serenata de fado de Coimbra.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS
ANÚNCIO

O Doutor Francisco Curto Fidalgo, Juiz de Direito do 4.º Juizo do Tribunal Judicial de Cascais;

Faz saber que na notificação Judicial avulsa registada com o n.º 452 da 1.ª Secção, em que é requerente HORÁCIO SIMÕES DA COSTA, residente na Rua 3 — Zona 2 — Lote 22 — Amoreira — Estoril e requerida MARIA MANUELA FERREIRA CARDOSO DA SILVA PEIXOTO, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua da Açucena, Vivenda Reis Silva, S. José da Abuxarda, Cascais, é esta notificada por forma a que fique ciente de que:

a) O requerente declare pretender compensar o crédito que a requerita sobre ele detém, de Esc.: 1 200 000$00, acrescida de juros legais desde 24/1/84, e objecto da decisão proferida no processo n.º 61/86 da 1.ª Secção do 3.º Juizo do Tribunal Judicial de Cascais, com, e na parte correspondente, o crédito que o requerente sobre ela detém, de esc.: 7 848 700$00, e reconhecido por decisão transitada em julgado proferida no processo n.º 3553 da 1.ª Secção do 1.º Juizo do Tribunal Judicial de Cascais, sem prejuízo do recurso interposto no primeiro dos Processos referidos;

b) Que com essa compensação se considera livre da referida obrigação para com a queixosa, tudo nos termos dos art.ºs 847.º n.º 1 e 848.º do C. Civil.

Cascais, 28 de Setembro 1990
O Juiz de Direito
Francisco Curto Fidalgo

O Escriturário Judicial
Luís Lopes

«DL»: 2.ª PUB. 6/11/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
17.º JUÍZO
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos da ré MURALTO — CONSTRUÇÕES HABITACIONAIS, LDA., para no prazo de VINTE DIAS findo o dos éditos contestarem, querendo, a presente acção com advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo Autor, cujo, extracto é o seguinte: serem condenados a reconhecer a existência e exigibilidade do crédito do autor e ainda o direito de retenção sobre a fracção em causa que o garante, decidindo-se que essa garantia real do A. prevalece sobre qualquer hipoteca, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que fica à disposição dos citandos na Secretaria deste Juízo.

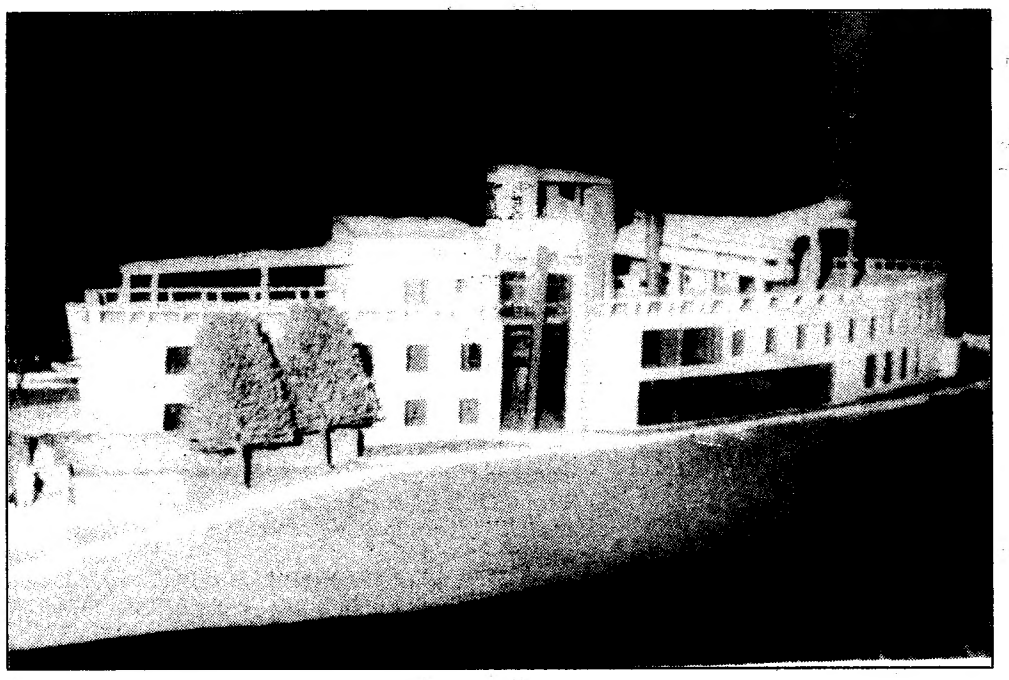
Proc. 6434 Acção Ordinária 2.ª Secção
AUTOR: JOSÉ DIAS BANDEIRA, residente na Rua Diogo Cão n.º 24-A - 2.º-D Portimão.
RÉS: Muralto — Construções Habitacionais, Lda., com sede na Av.ª Elias Garcia 147-5.º-Dto. Lisboa
Caixa Geral de Depósitos, com sede no Largo do Calhariz Lisboa
Credores Desconhecidos da 1.ª Ré.

Lisboa, 18 de Outubro de 1990.

O Juiz de Direito
Alfredo Carlos André dos Santos

O Escrivão de Direito
Cristina Correia

DL — 2.ª Pub — 6/11/90



Maqueta do futuro lar de Santa Tecla para a terceira idade, que em nada ficará a dever a um hotel de quatro estrelas

Com capacidade para 70 pessoas

Hotel vai funcionar como lar da 3ª idade

Braga vai orgulhar-se de ter acolhido e aprovado a ideia de um hotel a construir na parte Norte da cidade, concretamente em santa Tecla, funcionar com o lar da terceira idade. O projecto foi apresebtado no passado fim-de-semana à Comunicação Social, reunindo, para já, o apoio do clero e da comunidade local.

O presidente da Câmara Municipal de Braga, Mesquita Machado, e um dos máximos representantes do clero local, o cónego Melo, apadrinham a ideia. O primeiro lançou a primeira pedra do novo edifício, situado numa zona idílica, onde ainda não chegou a força do camartelo nem da desordem urnanística, enquanto o cónego Melo abençoou o acto, benzendo o respectivo feldsfato.

Para quem conhece a situação dos lares de terceira idade em Lisboa e arredores, em que nunca se sabe qual a maquia que há que pagar no final de cada mês, a disposição de instalar idosos numa espécie de hotel é deslumbrante.

O hotel-lar de 3ª idade de Santa Tecla, com vista para o Sameiro e o Bom Jesus, deverá estar pronto em Novembro/Dezembro do próximo ano, segundo disse aos jornalistas um dos investidores do projecto, na cerimónia de apresentação. Carlos Fonseca revelou que a capacidade dos seus utentes não poderá ultrapassar as sete dezenas e que candidatos à oferta não faltam.

A Câmara Municipal ajudou bastante a iniciativa, vendendo o terreno para o futuro lar e fazendo-se representar na cerimónia de lançamento da primeira pedra pelo presidente e o vereador Henrique Moura. Braga, como outras cidades e locais do país, apresenta carências em instituições deste tipo. As listas de espera para os poucos lares que existem não páram de crescer. Assim a construção de de um novo lar de terceira idade, ainda que não resolvendo definitivamente o problema (mas dando resposta a quem tiver possibilidades de desembolsar sessenta mil escudos/mês), por certo que o atenuará.

Como em qualquer hotel que se preze, há três modalidades de ocupação, o que não é o mesmo que dizer que há três classes de clientes. É a oferta da firma «Santos, Vicente & Barbosa», com o apoio do Montepio Comercial e Industrial, que se fez representar no acto por Daniel Gonçalves. Esta instituição, que desenvolve a sua vertente social à custa, por assim dizer, da caixa económica que a justifica, diz transformar « afrieza dos números numa relação de amizade» e quer aumentar o seu número de sócios a todo o transe, para os quais diz dispor de «excepcionais condições». Esta aposta na terceira idade, concretamente na construção de lares deste tipo, poderá ser uma vocação do Montepio Comercial e Industrial - adiantou Daniel Gonçalves ao «DL».

J. R.

Mesquita Machado ao «DL»:

«Braga é das poucas cidades com casas para alugar»

O presidente da Câmara Municipa de Braga orgulha-se da sua cidade e so seu concelho no tocante à habitação. Segundo ele, Braga «é das poucas cidades do País com casas para alugar», a preços que se praticam na maioria das vilas portuguesas.

Questionado pelo «Diário de Lisboa» acerca do tão propalado desordenamento urbanístico de Braga, Mesquita Machado reagiu contra aquilo que, em sua opinião, constitui «uma massa acéfala» que se manisfesta contra si, alegando que quanto a urbanismo «não há nada que se compare a Braga». A talhe de foice trouxe à cena o que no mesmo domínio se passa em Loures, na Amadora e em Oeiras, «que não se podem comparar em harmonia e ordem ao que se vê neste concelho».

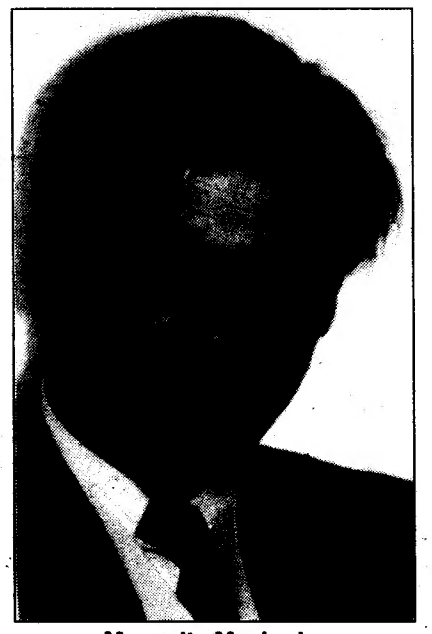
Aluguer de um T-3 por 42 contos

O presidente da Câmara Municipal de Braga apontou como exemplo o local onde vai ser construído o Lar de Santa Tecla, em terreno vendido pela edilidade, «numa zona em que não há atropelos de nenhuma espécie». Fica no vale de Lamações, a caminho do Bom Jesus, zona que, como todas as outras do concelho, «vai continuar a desenvolver-se harmoniosamemte», garantiu.

As casas em Braga são, pelos vistos - como disse Mesquita Machado ao «DL» -, mais acessíveis que, por exemplo, em Famalicão e Barcelos, as cidades mais próximas da capital dos minhota.

O presidente da edilidade bracarense garante que é possível alugar um T-3 no seu concelho por 42 mil escudos/mês, que em Famalicão ou Barcelos custa 60 contos.

Para além disso, Braga oferece outras condições que os concelhos em volta não oferecem: transporte municipais para todas as suas 62 freguesias, embora isso se salde por prejuízos ao fim do ano. Prejuízos que o Governo Central se comprometeu a minimizar, mas que em 1988 não comparticipou -o que de resto aconteceu em relação ao Barreiro e a Coimbra.



Mesquita Machado: Braga é excepção

Apostando na qualidade de vida e no bem-estar, o Município adudicou já a construção do seu primeiro viaduto no cruzamento da Avenida da Liberdade com a Rua da Imaculada Conceição, de modo a escoar o tráfego da zona mais concorrida da cidade, a chamada rodovia. Espera ainda que, finalmente, a LAR faça uso do seu aeródromo, a sete quilómetros da cidade, no qual a Câmara Municipal fez vários investimentos.

Júlio Rodrigues

Obras na marginal exigem abertura de auto-estrada

As obras de fundo na estrada marginal Lisboa-Cascais só serão efectuadas após a abertura da auto-estrada Lisboa-Estoril, em princípios do próximo ano, afirmou uma fonte oficial à Lusa.A elevada densidade de tráfego rodoviário naquela marginal «impede a realização de obras em profundidade», pois elas exigirão o encerramento da via, explicou.

A existência de uma ligação viária alternativa permitirá recuperar em profundidade a marginal, construída entre 1939 e 1941, à qual a acção erosiva do mar retira partes do aterro em que assenta.

O jornal «Semanário», na sua edição de sábado passado, referia que a Junta Autónoma das Estradas tinha injectado 30 metros cúbicos de cimento em buracos localizados no troço situado entre a curva dos pinheiros e o edifício do Instituto de Socorros a Náufragos.

O jornal acrescentava que a Junta Autónoma «não sabe ao certo» o que se esconde por baixo das faixas de rodagem.

Porém, a fonte contactada pela Lusa frisou que «não há razão para alarmes», até porque a utilização de cimento, embora não recupera as falhas existentes, «assegura a solidez necessária» para evitar qualquer desabamento da via nas zonas em que foi construída sore espaços conquistados ao mar.

A estrada marginal Lisboa-Cascais está sujeita, além disso, a um intenso tráfego diário, sendo desde há anos considerada insuficiente para facultar capazmente a ligação de Lisboa com os os concelhos de Oeiras e Cascais. O seu traçado, o grande volume de trânsito e a irreflexão de muitos condutores têm originado inúmeros acidentes, que valeram á marginal a fama da estrada portuguesa que maior número de mortos tem no seu efectivo de sinistralidade.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-C Processo 1/382

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 30kV, n.º 3133 entre os apoios n.ºs 28 e 33, com 1272 metros, e linha aérea, a 30kV, n.º 3133/R7 com origem no apoio n.º 30 da linha n.º 3133 e término no PT n.º 7036 Herdade dos Sarilhos, com 130 metros, na freguesia e concelho de Vila Franca de Xira, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-A Processo 1/207

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 6 (30) kV, com origem no apoio n.º 9 da linha para o PT 459 Murteira e término no PT 1973 Vale Mouchinho, com 1307 metros, na freguesia de Mouriscas, concelho de Abrantes, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 30 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/117

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 30kV, com origem no apoio n.º 12 da linha para o PT n.º 77 Porto Alto e término no PT n.º 495 Baixa do Poço, com 3520 metros, na freguesia e concelho de Benavente.

Modificação da linha aérea, a 30Kv, com origem no apoio n.º 26 da linha para o PT n.º 495 Baixa do Poço e término no PT n.º 496 Rio Sorraia, com 28 metros, na freguesia e concelho de Benavente, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 30 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

Mulheres portuguesas pressionam Bruxelas

O lobby europeu escolheu a sua presidente em Portugal. A acção já tem programa

Foi ontem apresentado, em Portugal, o «Lobby Europeu de Mulheres», presidido pela portuguesa Ana Vale. Esta organização pretende exercer pressão, em Bruxelas, no «sentido de contribuir para a melhoria da situação da mulher», disse ao «DL» Ana Vale. Questionada sobre a importância da presidente ser de nacionalidade portuguesa, acrescentou: «Falo sobretudo daquelas mais marginalizadas e desfavorecidas, onde se inclui o caso português».

O «Lobby Europeu de Mulheres» agrupa organizações de todos os quadrantes políticos, de Norte a Sul da Europa. A primeira acção a desenvolver vai ser a adopção do 3º programa comunitário a «favor da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres da Comunidade Europeia, garantindo os empenhamentos constantes dos anteriôres programas».

Estas mulheres prometem não parar perante eventuais dificuldades. Neste sentido, a forma privilegiada de pressão será a realização de campanhas transnacionais.

Rui Vasco

A representação portuguesa no *lobby* europeu: Antonieta Pereira, Ana Vale, Graça Vasconcelos e Isabel Gonçalves

Constituído em Setembro, deste ano, um dos objectivos principais do *lobby* é «servir de instrumento às associações para promover os interesses das mulheres que vivem nos Estados membros da Comunidade, incluíndo os imigrantes, as minorias étnicas e os grupos socais mais expostos e marginalizados, no quadro de uma Europa unida e democrática».

A escolha de uma portuguesa para presidir aos destinos desta organização, independentemente do valor das pessoas propostas, é um triunfo para Portugal.

«Recebi a nomeação com satisfação porque, em termos comunitários, o nosso país não tem tido muitas oportunidades. Com preocupação pelo trabalho que isso implica e pelas dificuldades que vamos encontrar. Estou a lembrar-me do que foram estes três anos de empenhamento para a constituição do *lobby*. Por outro lado, é um estímulo para as organizações de mulheres portuguesas», disse ao «DL» Ana Vale.

Aliás, um dos factores salientados na apresentação do «Loby Europeu de Mulheres» foi, precisamento, o consenso de todas as representantes nacionais em relação à candidata para a presidência. «Foi o único país em que todas as organizações se reuniram à volta de uma mesa», realçaram os membros da delegação portuguesa.

A nossa representação, para além da presidente, inclui, ainda, Antonieta Pereira, Associação Portuguesa das Mulheres Juristas, Graça Vasconcelos, Liga dos Direitos das Mulheres, e Isabel Gonçalves, Comissão das Mulheres da UGT. A delegação foi eleita pelas Organizações não Governamentais de Mulheres que constituem o Conselho Consultivo da Condição Feminina.

Ana do Vale tem 45 anos, é advogada e pertence ao Conselho Consultivo da Comissão da Condição Feminina e à Comissão Nacional de Mulheres da CGTP.

C. N.

D. Branca da Madeira em tribunal

Dois dos quatro réus do chamado caso D. Branca da Madeira foram, ontem, ouvidos pelo colectivo do Tribunal de Santa Cruz, leste do Funchal, presidido pelo juíz Silvio de Sousa.

Branca de Jesus Monteiro Peste, de 73 anos, natural do concelho de Anadia, assumiu perante o tribunal toda a culpa do processo que envolve uma quantia superior a 100 mil contos. No entanto, evocando Deus, a sua fé e o destino, Branca de Jesus afirmou: «ainda durante este julgamento irei provar que posso pagar o dinheiro e que vou pagá-lo».

A alegada burla, agora em julgamento, que date de 1985, envolve muitas pessoas pobres, na sua maioria pescadores do Caniçal e Machico, que lhe entregaram as suas economias com a promessa de devolução com juros na ordem dos 100 por cento.

O dinheiro era emprestado a uma senhora de «linhagem» precisamente Branca de Jesus, herdeira de uma suposta grande fortuna que precisava de desbloquear a herança nos tribunais e, para tal, precisava de dinheiro.

O caso foi levantado, no ano passado, pelo «Jornal da Madeira».

Um dos problemas deste caso é que não se sabe ao certo a quantia em questão, já que não há recibos nem qualquer outra prova.

O Tibunal de Santa Cruz tem em sua posse apenas um conjunto de vales telegráficos que foram enviados por um dos arquidos, o advogado Alexandre Teixeira, os quais ascendem a 16 mil contos.

Além de Branca de Jesus e de Alexandre Teixeira, estão sentados nos bancos dos réus Filipe Teixeira, também advogado e Lúcio Martins, ex-empregado bancário.

Não é a primeira vez que Branca de Jesus se senta no banco dos réus. Já em 1968 fora acusada de burla agravada pelo Tribunal de Figueira da Foz. Desta feita a vítima foi um industrial daquela cidade que ficou sem dois mil contos.

Branca de Jesus respondeu outra vez em Lisboa e esteve presa em Tires.

Seixal celebra hoje tradições históricas

Os 154 anos da fundação do concelho são celebrados hoje no Seixal, através de uma sessão solene da Câmara, com a participação do presidente do município, Eufrazio Filipe, em que são atribuídas medalhas de bons serviços, de honra e de mérito municipal, a trabalhadores, personalidades e instituições. A efeméride coincide com as transformações políticas e sociais realizadas pela revolução liberal, de que a própria formação do concelho, aliás, resulta.

Presidida por Eufrázio Filipe, a sessão efectua-se na Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense, pelas 17.30 horas.

O concelho do Seixal foi instituído em 1836, na sequência da Revolução de Setembro e da promulgação do Código Administrativo de José da Silva Passos, que estabeleceu a divisão do País em distritos, concelhos e freguesias. O concelho abrangia já as freguesias de Amora, Arrentela, Seixal e Paio Pires, às quais se juntou, posteriormente, a de Corroios.

Os núcleos populacionais do Seixal exerceram papel de relevo nos grandes acontecimentos da História de Portugal. Nesse período histórico, a baía converteu-se num grande estaleiro onde se construiram muitas das caravelas e naus que partiram do Tejo à demanda do desconhecido. Posteriormente, com a industrialização, aquela terra de pescadores, artesãos e marinheiros revelou-se um centro de tradições operárias e democráticas.

Entre as personalidades que constam do rol de contemplados com a medalha de mérito municipal contam-se o médico cardeologista Carlos Manuel Perdigão, dirigente de um grupo de estudos no Hospital de Santa Maria e o médico Jorge Munoz Cardoso (a título póstumo), muito estimado pela população do concelho.

São também galardoados, na cerimónia desta tarde, Emílio de Oliveira Rebelo, pelo papel de detaque na história da Timbre, da qual foi dirigente e músico, e João Coelho Tavares, músico da Timbre Seixalense durante mais de 50 anos.

Joaquim Soares, fundador e actual presidente da Associação de Reformados da Amora (AURPI da Amora) e o professor Paulo Assunção Bagina (a título póstumo), professor, durante muitos anos, em escolas primárias das freguesias do Seixal e de Paio Pires, são também contemplados com a referida distinção. A medalha de mérito é ainda entregue ao jornal «Tribuna do Povo», o único existente no concelho, em publicação desde 1950. Segundo um comunicado da edilidade, a publicação, de periodicidade quinzenal, «tem contribuído para um mais amplo conhecimento das actividades culturais, recreativas e associativas registadas na área do concelho, em simultâneo com uma particular atenção dada às actividades e acontecimentos religiosos da Diocese de Setúbal e da comunidade católica».

Com a medalha de bons serviços municipais será contemplado, este ano, Joaquim Duarte Franco, bombeiro voluntário da Coroporação do Seixal e privativo da Mundet, com 51 anos de serviço.

Por fim, a medalha de 25 anos de serviço será entregue aos funcionários da autarquia Eliseu Almeida Pereira, João Rosado Garrido, Joaquim Dias Ribeiro, Maria Climénia Silva e Mariano Galego.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1997

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 30 kV, com origem no apoio n.º 11 da linha para o PT CCH 208 Vale do Boi e término no PT CCH 240 Herdade do Vale do Boi, com 2080 metros, na freguesia de Biscaínho, concelho de Coruche, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/2001

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 30 kV, com origem no apoio n.º 4 da linha para o PT APC 18 Monchão do Inglês e término no PT APC 44 Cardeiras, com 786 metros, na freguesia e concelho de Alpiarça, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALPIARÇA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1994

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação entre a linha mista, a 30 kV, para o PT ACN 30 Minde, entre o PC ACN 18 e o apoio n.º 2, com 97 metros, em Minde, concelho de Alcanena, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALCANENA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

Viagem às prisões norte-americanas

As noites b do Bronx

Uma jornalista do «Le Monde» quis conhecer de perto o mundo das prisões norte-americanas. Desde uma noite «vulgar» no tribunal do Bronx - onde se julga um caso em cada dois minutos - ao inferno da colónia penal de Rikers Island (Nova Iorque), o panorama é desolador: uma guerra perdida num «Vietname interior»

Grande parte das detenções efectuadas pela polícia de Nova York relacionam-se com casos de droga

Aqui, as baratas sentem-se em casa. Avançam tranquilamente pelo passeio, detêm-se no limiar da esquadra da Polícia, aspiram o odor de suor, de imundície, de urina. Despertado o apetite, desaparecem em direcção às células onde se amontoam, embrutecidos pelo som de um televisor aos berros, os detidos desta jornada.

É uma noite vulgar no tribunal de instância criminal do Bronx, grande fornecedor das prisões de Nova Iorque. Dezenas de crianças brincam nas escadarias; mulheres amamentam bebés; homens exibem os seus músculos e tatuagens. É quase meia-noite, e os juízes ainda não despacharam a sua ração diária de audiências preliminares, destinadas a averiguar se há motivo para prisão preventiva.

Sessenta mil pessoas foram detidas, o ano passado, na zona do Bronx. O número de crimes - mais de dez mil - duplicou no espaço de doze meses. Oitenta e cinco por cento dos delitos foram cometidos por jovens entre os 16 e os 25 anos. Sessenta preparam-se para desfilar, esta noite, perante o juiz Iacovetta. O caso mais complexo tem direito - o que constitui um recorde - a cinco minutos: são três jovens que comparecem por terem sido descobertos 15 miligramas de «crack» no carro em que seguiam. Ouvidas as alegações do procurador e de um dos advogados oficiosos da Defesa, o juiz fixa a caução: 2 500 dólares (cerca de 375 contos). Ninguém pode pagar. Destino: a prisão. A única mulher de raça branca julgada, esta noite, é alta, esbelta, de ar distinto. Epiléptica, tem um olho negro por ter caído durante um ataque. Vai no seu 22º roubo de calcinhas num grande armazém e, ao contrário da maior parte das pessoas que comparece no tribunal, não tem quem a represente. Destino: a prisão. Ao ritmo de um ou dois minutos por cada processo, a noite passa rapidamente...

Posse ilegal de armas; venda de «crack» a um polícia «infiltrado»; rixas familiares; roubos de viaturas: as histórias são todas semelhantes, só o nome dos protagonistas muda. «Ser delinquente, é a sua profissão. São eles próprios que o dizem» - ironiza Joel Karpoff, encarregado dos que são autorizados a partir em liberdade condicional. Mas muito poucos, após um período de detenção que ultrapassa, por vezes, as 72 horas, escapam à prisão preventiva.

O juiz Iacovetta tem o ar cansado e triste de quem perdeu todas as ilusões. Também ele, nasceu no Bronx. Ainda lá vive, e quer gostar do seu bairro natal. Mas tem 1200 processos para estudar e, no tribunal, julga uma centena de casos por dia, sem contar com as horas extraordinárias noturnas...«Os fulanos que tenho de julgar ganham, por vezes, numa tarde, duas ou três vezes o que eu ganho por mês. Uma dose de «crack» por cinco dólares (750 estudos), mesmo para os pobres, não é caro. Para eles, é uma maneira de passar o tempo, como é para nós sair, ou ir ao teatro».

Calcula-se que existem mais de 860 000 toxicómanos no estado de Nova Iorque e, pelo menos, 50 000 na própria cidade. Quando o «Tactical Narcotic Team» de Nova Iorque - a brigada especial contra os estupefacientes, composta de um milhar de agentes - decide efectuar uma rusga no bairro, como aconteceu recentemente, é necessário duplicar as equipas de juízes e de advogados para poderem fazer frente à «enchente». Mas não serve de nada: quer se prenda um traficante ou um simples consumidor, logo outros tomam o seu lugar. E são, agora, crianças, de sete ou oito anos, que servem de «aliciadores».

Polícias e delinquentes, num dos seus frequentes confrontos nas ruas de Nova York

Prender cada vez mais

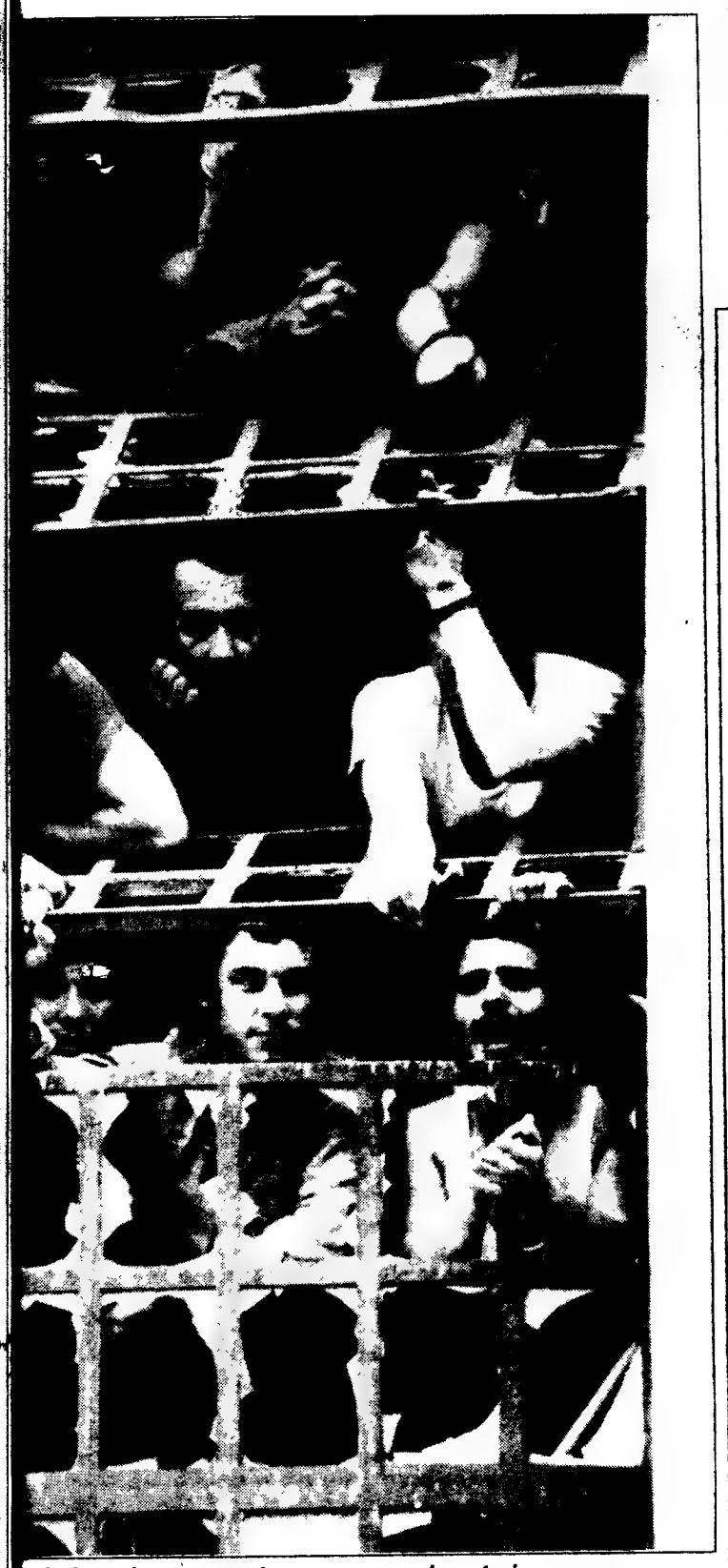
«Ninguém parece ter uma resposta» - diz o juiz -, «excepto encarcerar cada vez mais». Os magistrados não possuem nenhuma margem de manobra: são obrigados a aplicar, sem «nuances», as sentenças que impõem penas fixas mínimas, nomeadamente para os casos de droga. Não há qualquer «individualização» das penas: os juízes tornam-se autómatos.

O estado de espírito dos advogados oficiosos não é melhor. Pertencem ao departamento de assistência jurídica do Bronx, que emprega 130 causídicos. Mira Gur-Arie, de 26 anos, desempenha há um ano estas funções: recusou um emprego num escritório particular, onde ganharia três vezes mais, para defender os desfavorecidos. Parece uma colegial, mas o seu ar de doçura esconde uma profunda cólera. «Estou farta de defender

A violência nas cadeias às vezes explod

A.M.A.
Auto Monumental de Arroios S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

s brancas



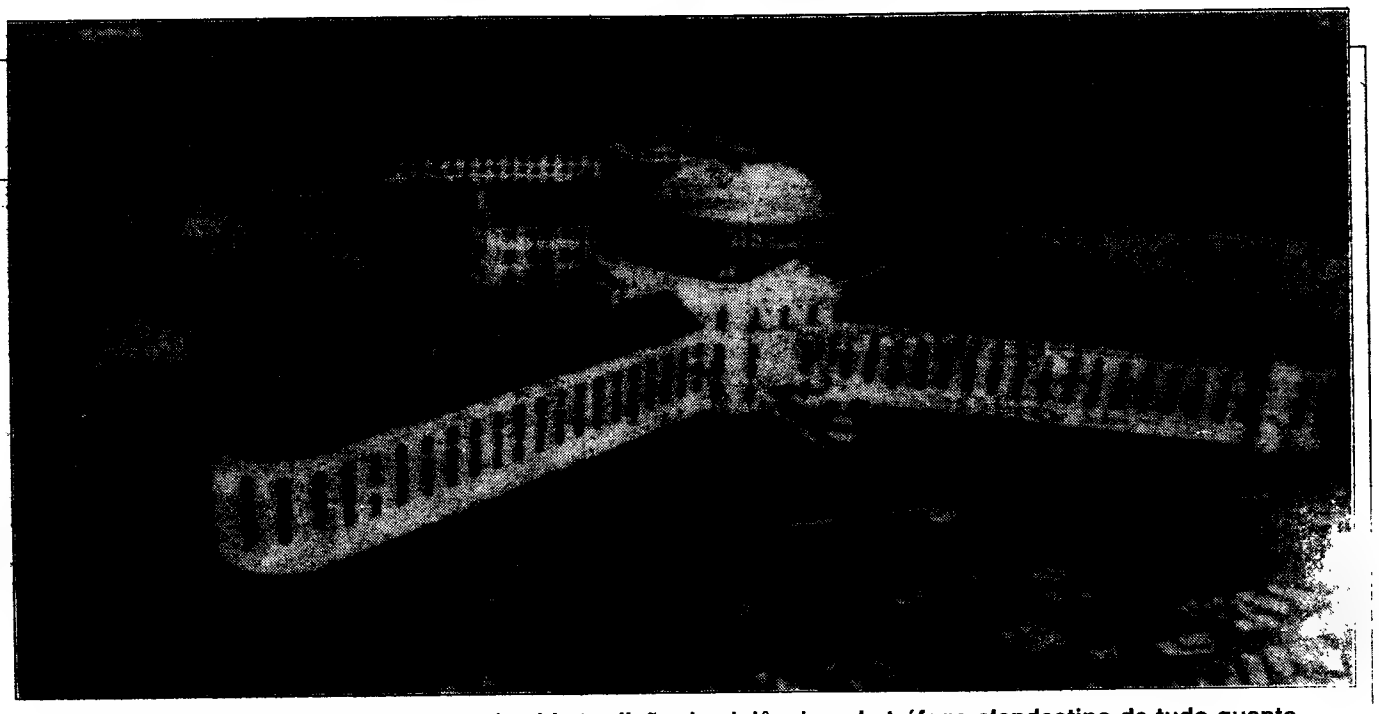
xplode e chega a mostrar-se ao mundo exterior

par- miseráveis que se enviam para a prisão sem reflectir. jur- Aqui, nunca se pensa na ra- rega ão que leva uma mulher a r-A- roubar leite em pó para os fi- nha lhos. É porque não teve outra ões: escolha. Mandá-la para a pri- num são vai alterar o problema? nde Como querem que pessoas nais, que não têm nada possam ore- pagar uma caução?». gial, O sargento Fenessey, que con- cumpriu a sua ronda, enver- lera. ga, como é hábito, um colete nder à prova de bala. Aqui, até os agentes responsáveis pelos condenados em liberdade vigiada fazem o mesmo, e andam armados no Bronx. Diz-se que existem dois milhões de armas a circular, ilegalmente, em Nova Iorque, pelo que «mais vale prevenir...» - afirma, sorrindo, o sargento. Se, em Manhattan, o tribunal funciona 24 horas por dia - chegando a atrair excursões de turistas -, no Bronx, tudo para à meia-noite. É a hora em que apenas os «gipsy cabs» (táxis-piratas) ainda se arriscam a percorrer as ruas.

Exaustos, juízes e advogados regressam a casa. Os polícias prosseguem as suas rondas. Os detidos partem, nas carrinhas celulares, em direcção a Rikers Island. A sua longa noite ainda está longe de terminar.

AGATHE LOGEART
Exclusivo «Le Monde»/DL
Adaptação de Isabel Joyce

NA



As prisões americanas têm uma conhecida tradição de violência e de tráfego clandestino de tudo quanto os presos procuram, incluindo droga

Droga, prisão, morte

Andrew Phoenix faz colecção de ursos de peluche. Também gosta dos bonbons coloridos que fazem as delícias das crianças. Mas, neste momento, não lhe apetece brincar nem chupar guloseimas. Elabora, penosamente, o relatório que tem de enviar aos seus superiores sobre o recrudescimento da violência na HDM (House of Detention for Men), uma das nove prisões da colónia penitenciária de Rikers Island, em Nova Iorque (que aloja um total de 13 500 reclusos numa área de 160 hectares) - e da qual ele, um antigo guarda prisional negro, se tornou director.

A HDM, com os seus 1100 detidos, é considerada como uma das prisões mais duras da cidade. Os que aí aguardam julgamento são, quase sempre, «multireincidentes», envolvidos em casos de droga e crimes sangrentos. A violência das ruas encontra-se reproduzida, de forma quase idêntica, no interior da penitenciária, onde os «gangs» se reconstituem para disputar um território pouco menos miserável do que no exterior. Adoptam nomes como os «Dead Squad» (Esquadrão da Morte) ou os «Beasts» (as Bestas). O seu poder é tal que podem ordenar represálias sobre a família de um detido que não se mostre suficientemente colaborante... Controlam, por exemplo, a droga - apesar das buscas sistemáticas aos visitantes e da presença de nove cães-«farejadores» -, que circula no estabelecimento, a prostituição e as chamadas telefónicas para o exterior.

Há algumas semanas, dois detidos foram atingidos por balas, um dentro da sua própria cela, outro à saída da messe. De onde vêm as armas, se não dos próprios guardas, os únicos a penetrar na ilha sem serem revistados? Em dois meses, três reclusos sofreram uma morte violenta: um porque não se submetia à lei do «gang», outro durante um ajuste de contas. O terceiro - explica um assistente social, que quis permanecer anónimo por medo de represálias administrativas - esteve a sangrar durante quatro dias, sem se atrever a queixar...e ninguém viu nada. Tinha 20 anos. Em Nova Iorque, o número deste tipo de incidentes aumentou duplicou no prazo de um ano.

Jaulas empilhadas

O encanto do HDM, um edifício dos anos 30 em «art deco», cessa à entrada dos blocos. As células são autênticas jaulas, empilhadas em dois níveis. Não há portas, mas barras por detrás das quais é impossível isolar-se, nem para utilizar a latrina. Segundo a «perigosidade» dos detidos, os guardas aceitam, ou não, que um lençol sirva de cortina. Prisioneiros e vigilantes encontram-se separados por grades: de que lado o medo será mais forte?

Mas a violência não constitui o único problema da administração penitenciária. É, apenas, um dos sintomas da sobrelotação desenfreada. O sistema penitenciário da cidade de Nova Iorque tornou-se um dos maiores do Mundo: desde 1983, o número de reclusos duplicou (passando de 10 para 20 mil). O número de «entradas» (130 mil) aumentou em 52 por cento desde 1986. O orçamento municipal passou de cerca de 21 milhões de contos, em 1983, para 114 milhões, em 1990. Os 12 500 funcionários da administração penitenciária efectuaram, este ano, 18 milhões de contos de horas extraordinárias. Aliás, a profissão de guarda prisional conheceu um «boom» extraordinário nas zonas urbanas, ultrapassando, de longe, qualquer outro emprego na administração pública.

Por outro lado, a expansão do consumo de «crack» contribuiu para modificar, acentuadamente, a composição da população prisional. Mais de 80 por cento dos detidos submetidos a uma análise de urina revelaram resultados positivos. Nas prisões do estado de Nova Iorque, quase 80 por cento dos delitos estão relacionados com a droga, o que também explica o aumento do número de mulheres condenadas (mais 112 por cento, entre 1989-1990): quando os seus companheiros estão presos, são elas que se encarregam do tráfico. Como as penas são cada vez mais severas e, por conseguinte, mais longas, o número de reclusos com idade superior aos 5[illegible] duplicou desde 1980, pelo que se encara a hipótese de [illegible] prisões especiais para os «idosos», que necessitam de cuid[illegible] médicos especiais. Além disso, avaliou-se em 8 mil, no e[illegible] de Nova Iorque, o número de detidos contaminados pelo [illegible] da sida, dos quais 220 morrem todos os anos (40 por cent[illegible]o latino-americanos). Estas circunstâncias verificam-se, um pouco por todo o lado, nos EUA: em 37 estados, os tribu[illegible]is ordenaram a libertação de detidos em prisões sobrepovoa[illegible]as, onde as condições se tinham tornado degradantes.

«Deitem fora a chave...»

Foi o que aconteceu em Nova Iorque, em 1983: 600 rec[illegible]sos foram postos na rua. O «mayor» da época, Edward [illegible]h, reagiu como se se tratasse de uma ofensa pessoal - é [illegible] administração que se devem os projectos mais surpreen[illegible]tes. Em Rikers Island, os edifícios prisionais crescem como cogumelos: em construções pré-fabricadas ou em tendas insufláveis, geralmente utilizadas para abrigar «courts» de t[illegible]is. Até se compraram chalupas que o Exército britânico utilizara para alojar oficiais, durante a guerra das Malvinas...

Uma destas embarcações está atracada num cais do [illegible]t River. Cerca de 400 detidos - delinquentes «estreantes» con[illegible]enados por casos de droga - participam voluntariamente [illegible]m programa especial, durante o qual se procura convencê-los dos aspectos nefastos do «crack», numa atmosfera que hesita [illegible]re um campo de escuteiros e uma sessão de psicoterapi[illegible] de grupo.

Uma das modalidades é o «pet program», no qual 12 det[illegible]dos são convidados a acariciar animais de estimação (cães, [illegible]atos ou tartarugas), para reaprenderem a encarar com [illegible]s meiguice os seus semelhantes...E vê-se, em fase d[illegible]-bamento, uma nova prisão especialíssima, que abrigará, sob as arcadas inferiores...centros comerciais. Sendo o preço do metro quadrado, em pleno Manhattan, exorbitante, o que é preciso é rentabilizar!

Rentabilizar tornou-se, com efeito, a palavra-chave. Em período de recessão orçamental, o custo das prisões pes[illegible] «É um investimento pouco produtivo» - reconhece o novo p[illegible]ão da administração penitenciária. Até agora, associaçõ[illegible] de juristas ou de defesa dos Direitos do Homem eram as úni[illegible]a pregar no deserto contra um sistema concentracionário que atinge, primordialmente, os jovens de cor (segundo um est[illegible]do recentemente publicado, um negro em cada quatro, entre [illegible]20 e 30 anos, está na prisão ou sob vigilância do tribunal, [illegible]m total de 609 mil pessoas, ou seja, mais do que o núm[illegible] de estudantes de cor). Como nenhum político se atrevia a cr[illegible]ar o sistema, é aos contribuintes - e não aos cidadãos - que [illegible]a administração pretende dirigir-se. A criminalidade não [illegible]mi-nui e as prisões continuam a encher-se: de que serve conti[illegible]ar e até onde se poderá ir? - interrogam.

Um recluso custa cerca de 9 mil contos por ano, enqu[illegible]o internamento num centro de tratamento anti-droga vai de 2 100 a 2 400 contos: eis um bom motivo de reflexão p[illegible]o contribuinte. Numerosos responsáveis também consider[illegible]m que o lugar de muitos detidos não é na prisão. Assim, a Câmara pretende diminuir, por exemplo, o montante das cauções, para reduzir o número de «entradas». Outra solução consistiria em instaurar trabalhos comunitários (semelhantes a um serviço cívico).

Porém, nada garante que a opinião pública - apesar de todos os argumentos financeiros - aceite uma tal reviravolta. «Lock 'em up and throw away the key» («Fechem-nos e deitem fora a chave»): esta filosofia, popularizada durante os anos Reagan, ainda está profundamente enraízada na mentalidade norte-americana.

A. L.
(Adapt. de I.J.)

CULTURA

Evocação de Eugénio de Castro na Bélgica

«Oaristos» publicado há cem anos

De 7 a 9 de Novembro, nas cidades belgas de Mons e Liège, efectua-se um Colóquio Internacional Comemorativo do Centenário da Publicação dos «Oaristos», obra máxima do poeta português Eugénio de Castro.

O encontro é organizado pelos profs. Jean-Marie d'Heur e René Poupart, respectivamente docentes das Universidades das duas cidades acima mencionadas. Como colaborador, Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra.

O programa, extenso, evoca o VII Centenário da Criação da Universidade de Coimbra, bem como o 15º. aniversário da criação do leitorado de português da Universidade de Mons.

No dia 6, na Universidade de Mons, as comunicações dos seguintes docentes universitários:

«Eugénio de Castro e o Simbolismo Português» (Isabel Christina de Brito Pinto), «Eugénio de Castro - o caminho para "Oaristos" e o sentido do novo» (José Carlos Seabra Pereira), «"Salomé" de Eugénio de Castro - uma temática de época» (Paula Mourão), «A tentação de São macários e La Légende de Saint-Julien L'Hospitalier - uma abordagem intertextual» (Maria João Pinto Reynaud) e «Eugénio de Castro e Gomes Leal: um diálogo de visionários» (Maria de Natividade Carvalho Pires).

No dia 7, na Universidade de Liége:

Mensagem do prof. Georges Thines, representante da Academia Real da Língua e da Literatura Francesas Francesas da Bélgica, de que o poeta português era sócio; «Sobre "Cravos de Papel" (Ana Paula Amorim de Sousa), «Albert Mockel & Eugénio de Castro» (Cécile Adam), «Notas sobre Eugénio de Castro em Itália» (Sabina Gola) e «*Ars longa* ... Arte Breve» (Jean-Marie d'Heur).

De novo, na Universidade de Mons:

«Da Beleza na ruptura do signo» (Maria da Penha Campos Fernandes de Menezes), «"Oaristos": quesões de versificação» (Vera Lúcia Ferreira Pinto Vouga), «"Constança" ou o outro lado do mito» (Maria de Fátima Aires Pereira Marinho Saraiva), «Eugénio de Castro e a cultura clássica» (René Poupart) e «Uma revisão da leitura da poesia de Eugénio de Castro» (Fátima Freitas Morna).

«Quem tem medo de Virgínia Woolf?» - vá ao Teatro da Graça e descubra por si. É um óptimo antídoto contra a envenenada ideia que temos do nosso teatro, se visto apenas no pequeno écran

Quem tem medo da Graça?

Mário Jacques e Isabel de Castro

Esta história do teatro, às vezes espanta-nos pela sua tremenda redundância em relação à vida: sentamo-nos desprevenidamente numa sala simulada, só com paredes esboçadas em fragmentos de esferovite, onde aparecem amigos e conhecidos a fingir que são outras pessoas, a dizerem o que nos anos 60 escreveu um americano (Edward Albee, traduzido por Manuel João Gomes), o qual nada sabia do que se passa hoje em Portugal com certos intelectuais (?) de profissão e respectivas esposas, e sentimo-nos em casa. Espectadores de uma cena que conhecemos de cor e salteado, na sua comicidade patética, ou na sua humilhada tragédia.

Isto não é realismo, pois uma obra, por muito realista, que tratasse das agruras da vida de um pobre operário, cheio de filhos, não reuniria condições para o habitual frequentador das salas de espectáculo se sentir no seu ambiente. É outra coisa, só acessível aos autores capazes de concentrarem num bocado de papel os desesperos, aspirações, fragilidades e poderes de cada ser humano, e a isto dá-se geralmente o nome de universalidade.

E se a encenação (de Fernanda Lapa) e a representação (de Isabel de Castro, Mário Jacques, Maria José Pascoal e Fernando José Oliveira) são boas a ponto de nos convencerem de que é real o fingimento, então, não só damos graças por haver bom teatro em Portugal, como aderimos à história na qualidade de seus comparsas. Meninas simplórias mas sabidas quanto à oportunidade de inchar e desinchar, segundo as suas conveniências, gente ambiciosa que sabe saltar de cama em cama para alcançar objectivos carreiristas, num currículo mais eficaz que o apresentado nos concursos oficiais para promoção, os infelizes que, justamente por serem dotados, sofrem patadas da mediocridade reinante, a corrupção nos seus vários aspectos e com a sua variada metodologia, as ilusões fabricadas para suportar a frustração, os filhos reais ou fictícios gerados ou mortos atrás da porta da retrete, tudo isto é americano, francês, português, próprio da humanidade, portanto, universal.

O cenário (de José Manuel Castanheira) não varia, só Marta muda de roupa, os fatos (de Jasmim de Matos) são sempre os mesmos, a peça podia tornar-se monótona; em palco, nem sequer acontece nada, e no que eles contam é impossível encontrar a fronteira entre a verdade e mentira. Porém, as três horas de espectáculo voam sem darmos por isso, porque em cena há uma batalha campal, quase sem tréguas, duelos em que as armas são palavras, e as palavras, pura violência psicológica exercida sobre o adversário.

Nas bancadas, a princípio, há risos. Sim, por momentos, distraimo-nos, esquecemo-nos de que a batalha é nossa, de que somos nós que estamos no palco, agredindo ou sofrendo agressões, nós, pessoas iguais ao inteligente e, por isso, falhado George, à pateta mas espertalhona Honey, ao ambicioso, mas aviltado Nick, iguaizinhos à violenta, viperina, imaginativa e desamparada Marta.

«Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?» - vá ao Teatro da Graça e descubra por si. É um óptimo antídoto contra a envenenada ideia que temos do nosso teatro, se visto apenas no pequeno écran.

Maria Estela Guedes

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS
SALA NOVA
SALA 1
TERÇA A SÁBADO — 21.30 * DOMINGO 17H
O ESTRANGEIRO EM CASA
3.º MÊS
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSE MARIO BRANCO
M/12
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
M/16
«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO
«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL
APOIOS FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN • REMEDIOS MUSICA
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY PÚBLICO
SUBSÍDIO S E C
MARCAÇÕES T. 726 0818

No Parque Mayer

Variedades prepara-se para a «Grande Festa»

Mais de vinte e cinco mil contos, investidos em obras na recuperação parcial de um dos mais prestigiados teatros do Parque Mayer, acrescidos de 35 milhões de escudos a dispender na montagem de um espectáculo (*novo*, de *novos* e para *novos* espectadores), eis o que constitui a *nova* aposta dos empresários Helder Freire Costa e Vasco Morgado com a «Grande Festa», cuja estreia se prepara no Teatro Variedades.

Enquanto no palco, ou nos bastidores, ou até no "foyer", os ensaios prosseguem em ritmo alucinante, bem como a pintura dos cenários e a construção dos "décors" e a execução do guarda-roupa, dentro e fora da velha sala continuam as obras de recuperação de um edifício que os referidos empresários pretendem recolocar ao nível dos melhores e gloriosos tempos, desafiando a tendência catastrófica que tem vindo a atrofiar a importância que o teatro não pode deixar de ocupar na Cultura portuguesa, seja ela popular ou erudita.

Se as obras do Variedades estão orçadas em cerca de 25 mil contos, é justo realçar que por elas estão a responsabilizar-se - exclusivamente - os empresários, ainda que, em função do que significa a recuperação e conservação daquele imóvel, a Secretaria de Estado da Cultura lhes havia prometido apoio. Até ao momento, porém, ainda limitado à condição de promessa.

Entretanto, o projecto avança. Porque nada tem impedido os empresários do Teatro Variedades, apesar dos enormes esforços que ainda recentemente desenvolveram para fazer renascer das cinzas o Teatro Maria Vitória, de levarem por diante o seu actual projecto: o de um espectáculo *novo* num teatro renovado.

Acontece que este projecto não se confina às obras, porque se prolonga no próprio espectáculo a estrear no palco do Teatro Variedades. Ou seja, uma comédia musical que não é, apenas, comédia musical; uma revista que não chega a ser revista; um espectáculo de teatro que pretende ser, sobretudo, isso mesmo: Teatro!

Teatro jovem, moderno, feliz, a assinalar a estreia absoluta de mais de duas dezenas de jovens - rapazes e raparigas - que irão demonstrar, em palco, que a crise do teatro não é, de forma alguma, uma crise de novos valores.

Esperemos que, com a estreia da «Grande Festa», tudo isto se clarifique.

«Los Inimigos», de Sérgio Magaña, pela Companhia Nacional do México

FIT de Cadiz, Ano V

De Pirandello a Artaud

Este FIT trouxe a Cadiz aquela que é a principal companhia de teatro do México, de carácter estatal como o seu nome indica: Companhia Nacional do México, fundada em 1977.

A companhia mexicana apresentou no Teatro Falla dois espectáculos, o primeiro com o título *Los Inimigos*, visão antropológica de um teatro indígena que o aproxima de um outro espectáculo apresentado no FIT (*A Profecia*, pela C.ª Guatemalteca de Teatro); o segundo, oposto a esse, um espectáculo de carácter documental que dramatiza uma história autêntica.

Os Inimigos é uma peça de Sérgio Magaña, inspirada numa outra obra teatral, escrita em 1862 pelo presbítero e investigador francês Charles Étienne Brasseur de Bourbourg, intitulada *Rabinal Achí*. Esta peça do séc. XIX foi inspirada por uma cerimónia a que Brasseur assistiu e que na versão de Magaña, fora apresentada a seu pedido. Essa cerimónia teatral maia tinha por título *O Baile de Tun*, designação utilizada na antiguidade para determinadas trombetas de barro.

A peça de Sérgio Magaña é uma obra-prima no que se refere à sua construção dramática através da qual o espectáculo passa surpreendentemente de Pirandello a Artaud. A sua acção decorre numa igreja na povoação de Rabinal, onde o francês faz investigações com a colaboração de um auxiliar, descendente do povo maia que lhe serve também de intérprete. Brasseur pede que seja representada para ele a *História de Rabinal* mas a antiga, não uma versão moderna. Esse pedido encontra alguma resistência por parte dos responsáveis, resistência que Brasseur acaba por vencer ao aceitar que a cerimónia decorra na própria igreja.

O ritual, que tem incidências políticas, sociais, religiosas, conta a história do Varón de Queché e do Varón de Rabinal que é a história de dois guerreiros apaixonados pela mesma mulher, cada um deles defendendo, ao mesmo tempo, os seus povos. Queché encontra a banhar-se nua no lago a jovem Yamanic, prometida de Rabinal.

A paixão dos dois jovens reforça a validade dele com Rabinal que o acusa também pelo facto dos seus guerreiros terem roubado os tributos que pertenciam ao seu povo. Depois de vários combates, Queché é preso e condenado à morte, por decisão dos funcionários que representam a poderosa burocracia local. Ditada a sentença, o espectáculo tem uma pausa durante a qual Brasseur dá a comunhão a todos os intérpretes que representaram a cerimónia, a pedido deles. Este gesto inesperado e outras manifestações insólitas, em especial o desmaio que se repete do intérprete do Varón de Queché para o qual não são dadas explicações, aumentam a expectativa em relação ao desfecho da obra. O que vimos até aqui foi um espectáculo obviamente pirandelliano em que um ritual é representado por uma comunidade para determinadas personagens. Esse ritual é representado, por intervenção da encenadora, como se as personagens e as situações resultassem da visão da Europa barroca tal como se pode ver em estampas da época, o que resulta no esplendor dos fatos apresentados e no que há de insólito na composição de algumas personagens. Esta proposta enriquece a composição do espectáculo ao mesmo tempo que torna ainda mais surpreendente o desfecho da obra. O fim da peça é constituído pela execução de Queché pelo próprio Rabinal de acordo com a tradição.

Por um momento Rabinal parece querer perdoar ao seu inimigo e esquecer a execução mas tal não é possível. Com uma faca arranca o fígado de Queché que um sacerdote recolhe num prato de ouro. O presbítero e investigador fica siderado pois não pudera imaginar que representar o auto à moda antiga, como ele quisera, implicava o sacrifício de um homem.

É assim, como disse, e embora em termos metafóricos, claro, que o espectáculo passa de uma arquitectura pirandelliana a uma visão do teatro da crueldade de Antonin Artaud.

Os Inimigos de Sérgio Magaña, com encenação de Lorenza Maza, pela Companhia Nacional do México, é pela cenografia (que inclui um pequeno lago onde personagens se banham), guarda-roupa, música, interpretação, um espectáculo digno de uma grande companhia.

Outros inimigos

O mesmo não poderemos dizer do segundo espectáculo apresentado pela mesma companhia, *El Viage de los Cantores* (título que lembre o do célebre filme *Viagem dos Comediantes)*, texto de Hugo Salcedo, Prémio Tirso de Molina. A peça parte de um facto verídico, por sinal, um facto que se nós levássemos a vida a sério nos obrigaria a mandar o teatro às urtigas, ou a abandonar a vida se levássemos o teatro a sério. Este o facto: um grupo de mexicanos emigra clandestinamente para os Estados Unidos com uma a cumplicidade de um candongueiro de homens. O vagão onde viagem, vagão de gado, foi hermeticamente fechado pelo contrabandista e, por avaria do comboio, permaneceu hermeticamente fechado a uma temperatura de 40.º o que provocou a morte de 17 mexicanos, tendo-se salvo quase por milagre o 18.º É de resto uma história do quotidiano mexicano. A peça começa por caracterizar a situação das personagens no seu «pueblo» sem futuro e dá depois em «flash-back» a odisseia dos dezoito homens. Utilizando ao mesmo tempo elementos realistas, documentais, e elementos simbólicos (como o próprio vagão que é uma caixa fortemente iluminada), o espectáculo não consegue exprimir o que há de terrível na situação daqueles homens, o «huis clos» que os mata, como se fossem judeus a caminho de um campo nazi.

Basta tentar imaginar a situação real para que nos apercebamos da impossibilidade de a passar, em termos verosímeis, à realidade teatral, mesmo que o espectáculo revele o esforço dos intérpretes em transmitir o que pertence ao domínio da alucinação. Apesar das reservas que se possam fazer aos espec--táculos apresentados pela C.ª Nacional do México, parece ser de considerar tratar-se de um colectivo teatral de qualidade.

Carlos Porto

Margens

1 - Leituras

Não faças Golfo, faz Insubmição — diz um cartaz dos muitos espalhados pelas paredes de Cadiz de grupos mais ou menos esquerdistas ou anarquistas. Um outro, mais pequeno, diz *Viagem a Portugal a compras - Vila Real de Santo António*. Anúncio de página no «El País» publicita a Semana Portuguesa em Madrid (22-27 de Outubro) que inclui a estreia de uma nova encenação de *O Marinheiro* de Fernando Pessoa, em castelhano. Com este slogan: *Portugal. Más de lo que imaginas*. Imaginação de publicitários.

Num artigo impressionante sobre a Nicarágua em «El País» encontro esta história do poeta Martínez Rivas: *Pintarei um homem com uma lanterna - Fá-lo, mas que pintarás à sua volta para ser visto? - A noite, claro*. No Suplemento Literário de «El Sol» leio um artigo de Miguel Torga no qual Juan Fernandez escreve: *A obra de Torga, rigorosa e tensa — «para que escrever todos os dias a palavra solidão?» — lembra-nos que Portugal não é um sonho de Unamuno, mas um olhar prolongado sobre a nudez das coisas mais puras, um povo que faz da poesia uma pátria, a casa paterna à qual regressa, cansado da viagem, para morrer em paz.*

Nesta leitura em diagonal de sinais com que vou deparando, o mais curioso é talvez este: *Vivo ou Morto - Inimigo Público n.º 1* dos *Stanislavskianos. Constantin Sergueievitch Alexeiv Iakolev (a) «Stanislavski», será apresentado e julgado sob a acusação de «perigosidade teatral». O acto verificar-se-á durante a apresentação mundial do livro: O EVANGELHO DE STANISLAVSKI, SEGUNDO OS SEUS DISCÍPULOS... Os Apócrifos, a Reforma, os Falsos Profetas e Judas Iscarioti, de Sérgio Jiménez, editado por Escenologia (México) Assista - o seu testemunho é importante.*

A ilustrar este cartaz, espalhado pela Residência de Tiempos Libres, nove fotos de Stanislavski em várias personagens da sua carreira.

Este ano no FIT três bancas de livros de teatro: uma da Livraria Avispa, de Madrid, bem conhecida; outra com edições do Centro de Documentação Teatral e do Primer Acro; a terceira da associação teatral mexicana Escenologia. *É um teatro de crueldade* dizia um brasileiro com dificuldades inflaccionistas em frente a uma delas. O crítico português vê-se igualmente aflito com os câmbios do escudo.

2 - Falas

Começaram os colóquios previstos, como aqui tenho noticiado. Estive no Curso de Actualização do Teatro Latino-Americano dos anos «70» e «80» a ouvir Ricard Salvat que apresentou uma síntese da história do teatro espanhol contemporâneo, naturalmente condicionada pela imensidade do tema em contraste com o tempo disponível.

Mais vivo o primeiro debate sobre espectáculos com a participação dos respectivos criadores. Daqueles a que assisti o mais interessante teve por tema o espectáculo do Onitorrinco, com a presença de Cacá Rosset, Maria Alice Vergueiro e do cenógrafo José de Anchieta. Depois da crítica Carmelinda Guimarães ter evocado o percurso da companhia de S. Paulo, a mais antiga das companhias estáveis do teatro brasileiro, Cacá Rosset expôs com grande inteligência e o sentido de humor que o caracteriza, os pressupostos de que partiu na sua relação com o teatro e que podíamos resumir, deste modo, aliás, simplifista: É necessário que o espectador encontre no teatro uma emoção que nenhuma outra forma de arte lhe pode dar, alguma coisa que o espectador não encontre na televisão, por exemplo. O teatro não deverá ser uma espécie de televisão em formato maior e ao vivo mas um espectáculo não só vivo mas suficientemente agressivo (através do divertimento) para que o espectador se sinta tocado, se sinta participante. Para isso, os seus espectáculos utilizam processos (um tanto elementares, direi eu) que criam condições para a intervenção do espectador. Cacá Rosset referiu ainda a influência que recebeu em especial das experiências de Mayerhold, Mayakovski e Brecht. Também ele utiliza nos seus espectáculos uma mistura de circo, music-hall, revista, fazendo explodir os limites da alta e da baixa cultura. Combate a padronização estética imposta pela televisão em especial pela Globo que detém o monopólio da informação. Por isso defende o teatro teatral contra o teatro televisivo.

Curiosa, de acordo com uma intervenção de Carmelinda Guimarães, a área de actuação que o Onitorrinco ocupa, entre o teatro independente e o teatro comercial. Ainda recentemente, quando das medidas financeiras altamente restritivas impostas pelo Governo brasileiro o Onitorrinco continuou a esgotar as lotações do maior teatro de S. Paulo.

A discordância de alguns presentes em relação a aspectos do espectáculo brasileiro (a utilização de clássicos, o problema da participação do público) tornou o debate ainda mais interessante.

Lançamento da «Palco» no FIT

Como tinha anunciado, realiza-se no próximo sábado, dia 27, ao meio-dia, no bar da Residência dos Tiempos Libres, o lançamento do 1.º número da revista «Palco», órgão do Centro Português de Teatro. Estará presente o director da revista e presidente do Centro, Joaquim de Carvalho, e beber-se-á um cálice de Porto. Com esta iniciativa, a «Palco» revela a sua vocação de revista sem fronteiras, natural e especialmente interessada na divulgação do teatro de expressão ibérica.

O caso do Nacional

Uma história muito mal contada

Foi, nos meios teatrais, uma pequena bomba a demissão de Ricardo Pais de director do Teatro Nacional D. Maria II. Uma pequena explosão que só serviu para destruir o que estava a ser paciente e dificilmente construído por uma equipa na qual o público começava a confiar.

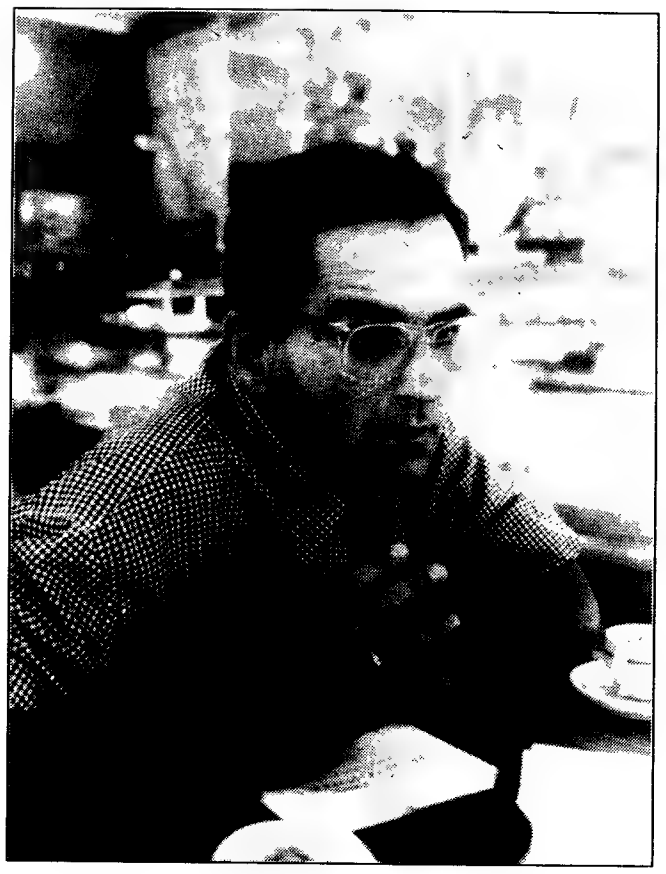
Gente de teatro a dirigir a nossa principal casa de teatro, essa a grande e feliz novidade desta proposta que parecia querer dar razão aqueles que sempre tinham reivindicado a necessidade de responsabilizar os nossos criadores na direcção e gestão do teatro de serviço público. Com a demissão de Ricardo Pais este princípio é posto em causa e talvez venha a ser posto de lado, o que me parecerá lamentável.

Tudo isto com a agravante de as razões dadas pelos dois lados desta situação serem insuficientes e insatisfatórias. Desinteligências entre a direcção do teatro e a SEC? Não seriam normais, não teria havido outras que foram ultrapassadas? Dificuldades em conciliar gestão e direcção artística? Nesse caso, não seria possível ultrapassar esse problema nomeando um gestor?

Estas as razões aduzidas por Ricardo Pais. Por parte do secretário de Estado da Cultura as coisas são ainda mais nebulosas e é evidente que ele mantém a confiança em Ricardo Pais, ainda que não tenha manifestado da melhor maneira essa confiança. Aliás, poder-se-á mesmo perguntar se o sr. Santana Lopes não teria provocado intencionalmente a saída de Ricardo Pais. Como? Convidando António Lagarto para dirigir o Festival Internacional de Lisboa?

Algumas perguntas poderão fazer-se a esse respeito: não sabia o secretário de Estado que ao convidar António Lagarto estava a tentar desmantelar uma equipa de cuja homogeneidade dependia a realização de um projecto? Por outras palavras, ignorava o secretário de Estado o facto de António Lagarto ser indispensável a Ricardo Pais? Que levou António Lagarto a aceitar o convite da SEC, sabendo da sua importância, melhor, indispensabilidade, no referido projecto? Qual é a situação de António Lagarto, está também demissionário no Teatro Nacional ou vai substituir Ricardo Pais na sua qualidade de director adjunto? Existem na atitude de Ricardo Pais sequelas do espectáculo de Filipe La Féria em ensaios? Pretende o secretário de Estado nomear Filipe La Féria director do Nacional? Por que aceitou o senhor secretário de Estado da Cultura o pedido de demissão de Ricardo Pais? Que lugar poderá haver para Ricardo Pais mais importante que aquele que deixou, nas palavras do secretário de Estado?

Tantas perguntas para tão poucas respostas, como dizia o outro. Ricardo Pais e António Lagarto conceberam um projecto para o Nacional que estavam a realizar e agora foi posto em causa. Esse projecto não era só artístico, tinha a ver com a própria estrutura física do edifício, implicava obras, a criação de novos espaços e de novas actividades (caso da livraria e do café; caso da co-edição); tinha a ver com a remodelação da equipa.



Ricardo Pais

Para realizar esse projecto Ricardo Pais convidara novos colaboradores que estavam a participar nele, com entusiasmo, suponho (diz-se que um desses colaboradores, António Augusto Barros, pediu igualmente a demissão). E agora?

Por favor, haverá alguém que queira contar esta história sem usar truques mais próprios da ficção? Contá-la direitinho como os próprios artistas e restantes trabalhadores do Teatro Nacional e o público merecem e deviam exigir?

Carlos Porto

Banda Desenhada na Amadora

De quinta-feira a 18 do corrente, encontra-se patente, na Galeria Municipal da Amadora, o I Salão de banda desenhada.

Os diferentes aspectos da mostra, sob a orientação de Vasco Granja, revestem-se de verdadeiro interesse. Refira-se, por exemplo, a visita de Maurice Bévère (Morris), autor celebrado das séries «Lucky Luke» e «Rantanplan».

Presentes, com a sua palavra e as suas criações, autores de primeiro plano no prograna nacional, como Augusto Trigo, Jorge magalhães, José Ruy, Eugénio Silva, Victor mesquita, José Garcês, Catherine Labey, José Neto e outros.

Encontros com estes autores são dirigidos aos estudantes do ensino preparatório e secundário.

Presentes também, neste I Salão, o cinema e o vídeo. Alguns nomes: Maurice de Bévère, A. Lamourrise, Norman MacLaren, Svankmamajer, etc.

Outro ponto de interesse neste I Salão de Banda Desenhada refere-se a diferentes exposições: «Mosteiro da Batalha» e «Tambor» (José Garcês), «Histórias de Macau», «Histórias do Barco» e «Bomvento» (José Ruy), «O Fato do Sultão» (Catherine Labey e Jorge Magalhães), «Lucky Luke» (Maurice de Bévère), «O Mosquito», etc.

Os jovens têm um concurso, sobre a Aviação, apoiado pelo Clube Português de Banda Desenhada e de um grupo de jovens editores do Fanzine BD e Roll.

Importa ainda sublinhar que este I Salão pretende homenagear um dos grandes pioneiros portugueses das histórias aos quadradinhos: A. Cardosop Lopes. Conhecido por milhares de leitores de «O Mosquito» como Tio Tónio, Cardoso lopes cativou muitas crianças e jovens com as suas imaginativas e fantasiosas histórias, nomeadamente «As Aventuras de Zé Pacóvio e Grilinho».

Festival de Cinema de Portalegre: futuro duvidoso

O terceiro Festival Internacional de Cinema de Portalegre, que animou esta cidade alentejana entre 26 de Outubro e 4 de Novembro, registou uma afluência de dez mil pessoas, revelou Lauro António, director da mostra.

Cerca de nove dezenas de filmes, englobados em nove ciclos, puderam ser vistos durante estes dias pelos habitantes de Portalegre, que aderiram ao acontecimento em maior número do que em anos anteriores. Não obstante, as fracas receitas conseguidas e a falta de apoio financeiro poderão, contudo, segundo o director, comprometer a continuidade do Festival e do próprio cinema em Portalegre.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

TEATRO NACIONAL D.MARIA II

FALAR DE THOMAS BERNHARD

SALÃO NOBRE

25/OUT.
18.30 Apresentação por **ALBERTO PIMENTA.**

8/NOV.
18.00 **«NO ALVO»** (Extractos) dirigido e apresentado por ANABELA MENDES

9/NOV.
18.00 **«SIMPLESMENTE COMPLICADO»** (Extractos) apresentado por E. FRO ENGELMAYER e dirigido por LÚCIA MARIA

19.00 **«O BONÉ»** apresentado por CARLOS GUIMARÃES, e leitura dramatizada do conto dirigido por RICARDO PAIS

10/NOV.
18.00 **«A FORÇA DO HÁBITO»** apresentado por ALBERTO PIMENTA e dirigido por ANTÓNIO AUGUSTO BARROS e ALBERTO PIMENTA

ELENCO:

«Simplesmente Complicado» com **CURADO RIBEIRO**
«O Boné» com **MANUEL COELHO**
«No Alvo» com **EUNICE MUÑOZ, JOÃO PERRY** e **LÚCIA MARIA**
«A Força do Hábito» com **VARELA SILVA, ANTÓNIO RAMA, PAULA BICHO, JOÃO DE CARVALHO** e **MIGUEL CAMPOS.**

INFORMAÇÕES — 01/37 10 78
PRAÇA D. PEDRO V — 1100 LISBOA

GRUPO TEATRO HOJE, TEATRO DA GRAÇA

Quem tem

Medo

de

VIRGÍNIA WOOLF?

de EDWARD ALBEE

Com: Fernando Jose Oliveira, Isabel de Castro, Maria Jose Pascoal, Mario Jacques

Encenação: Fernanda Lapa
Cenografia: Jose Manuel Castanheira
Figurinos: Jasmim de Matos

«...um espectáculo para a história... Magnificente criação»... Eugénia Vasques. Expresso

«Um belo espectáculo no Teatro da Graça». Fátima Lopes — D. Popular

EM CENA de terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00.
Marcações pelos telefs.: 87 56 26/87 58 00

SUB. SEC. *APOIOS*: Câmara Municipal Lisboa; C.C.C. — Creative Business; Conde & C.A., LDA.: Robbialac; Vítor Hugo; Voz do Operário; Antena-1; «Jornal de Letras»; Rádio Comercial

PATROCÍNIO: Círculo de Leitores

TERMINAL BAR Paul Sole
BREVEMENTE

uma cidade limpa é uma cidade viva
proteja a sua saúde
CML

Polícias e ladrões foram, durante décadas, concebidos à imagem e semelhança de Humphrey Bogart, Edward G. Robinson ou James Cagney. As divas, essas tinham o corpo e a cabeleira platinada de Jean Harlow. A iconografia, os actores e os realizadores do cinema negro são, de resto, o tema do mais recente volume da colecção Horizonte de Cinema. Atenção, pois, a «O Filme Policial» de Colin McArtur

Balas e raparigas

É fatal como o destino: fala-se em *gangsters* e pensa-se no rosto crispado de Edward G. Robinson, o charuto entre os dedos e o lenço de seda branca a protegê-lo dos perigos a que está sujeito um homem de ascensão solitária.

Mas há mais: ao actor marcado pelos estigmas da personagem junte-se toda uma iconografia e uma linguagem simbólica a que nenhum cineasta do género escapou e a que Colin McArtur alude com inteligência no seu livro «O Filme Policial», publicado entre nós com a chancela dos Livros Horizonte.

Em Hollywood era assim: pegar ou largar. Podia-se ser uma estrela no céu, mas havia que obedecer a regras que anos de experiência das *majors* foram consolidando. Depois, era uma questão de dar a volta ao texto. Colin McArtur refere-se ao facto e refere também que os policiais não foram uma moda meramente revisitada quando já tudo estava inventado. À 17ª página, ele descobre perante nós que a popularidade dos filmes de *gangsters* , como a dos *westerns*, vai beber na sociedade e na cultura norte-americana. «Poderia dizer-se -escreve o autor- que estes filmes representam a América falando consigo própria: sobre o seu passado agrário no caso do *western*, sobre o seu presente urbano e tecnológico no caso do filme de *gangsters*/polícia».

Actores obrigatórios

Muitos homens envergaram a «pele do lobo» em policiais. Alguns despiram-na com facilidade e não deixaram rasto. Outros nem tanto e, por isso, continuam, décadas volvidas, a ser identificados pelo público como os maus da fita. Em tal galeria de tiros e sedução, destacam-se naturalmente Edward G. Robinson e James Cagney.

O primeiro parece ter sido, desde o seu nascimento para o estrelato (em «Pequeno César» de 1931), talhado para o papel de homem brutal e frustrado a que nenhum traço adoçava o carácter. Edward G. Robinson era, pois, um sinal dos tempos difíceis que se atravessavam, um testemunho que a Grande Depressão inscreveu no celulóide para deixar à posterioridade. James Cagney foi-o também, mas de outro modo: o do actor completo que simultaneamente procurava trilhar outras vias.

Richard Widmark afirmar-se-ia ainda como *gangster* , mas quando a década de 40 já ia adiantado. Isto, enquanto Bogart brilhava na pele de Philip Marlowe ou de Sam Spade: o detectiveamoral de múltiplos recursos, para quem «juízinho e cabeça fresca» eram uma arma de não pouca importância. O cinema norte-americano deve a este mítico actor muita da sua fama e proveito enquanto fábrica de sonhos. Uma das mais avultadas dívidas é precisamente esta: nenhum detective do écran foi tão importante quanto os interpretados por Humphrey Bogart em «Relíquia Macabra» ou em «À Beira do Abismo», tal como nenhum advogado se mostrou à altura do bogartiano Andrew Robson de «O Crime Não Compensa». A América caía-lhe aos pés e consagrou-o seu herói. Como Martha Vickers em «À Beira do Abismo» interrogava-se se outros ídolos seriam assim tão giros. E ele, imperturbável, ripostava: «Ninguém é».

A presença de actores obrigatórios sendo importante, não bastou para fazer o género. Criaram-se igualmente referências que os anos só tornaram menos dispensáveis. Colin McArtur sugere, assim, que, nos filmes policiais, o hábito fez o monge.

Humphrey Bogart em «Relíquia Macabra»

Chapéus largos, pesados sobretudos à mistura com um sorriso pouco tranquilizador, elucidam imediatamente o espectador quanto à actividade desenvolvida pelos homens entretanto surgidos no écran.

Outro adereço fundamental são os automóveis último modelo que, tal como as roupas caras, descobrem, com um simples olhar, o estatuto social alcançado pelo *gangster*. No fundo, ele tornara-se um*self-made-man*, sem pejo em mostrar-se como tal na selva de asfalto em que se movimenta. As raparigas caiem-lhe aos pés, ao ritmo das balas disparadas pelo bando a que preside. O resto é uma questão de imaginar o que imagens destas valiam para plateias de barriga vazia e coração apertado.

Mudam-se os tempos, mudam-se os policiais

A obediência às regras não obstou a que o policial se fosse modificando. Colin McArtur afirma, assim, que uma primeira fase do filme de *gangsters* começou em 1930 com «O Pequeno César», de Mervin Le Roy, o filme de estreia de Edward G. Robinson. Durante dois ou três anos, tais fitas excitaram imaginações com histórias de foras-de-lei espertalhaços, cuja ascensão social é rápida e inequívoca.

Havia quem se alarmasse com os possíveis efeitos de uma tal imagem. A censura actuou e, em 1935, as luzes acenderam-se sobre o outro homem da história, tentando transformar o polícia num herói popular.

Os anos 40 são menos simplistas, produzindo obras antológicas, mas complicadas, como «Relíquia Macabra» e «À Beira do Abismo». Na década de 50 predominam as técnicas documentaristas e, de 60 em diante, assistimos a reconstituições, por assim dizer históricas, dos anos áureos de Al Capone e outros célebres membros do mesmo sindicato. Fizeram história filmes como «O Massacre de Chicago» de Roger Corman ou «Bonnie e Clyde» de Arthur Penn, com Warren Beatty e Faye Dunaway a reviverem uma história real de amor e violência.

Lino Ventura no filme «O Segundo Fôlego» de Jean-Pierre Melville

Generalizações à parte, há que homenagear os autores que ditaram leis e ajudaram a construír o género. Colin McArtur dedica um capítulo a cada um: Fritz Lang, John Huston, Jules Dassin, Robert Siodmark, Elia Kazan, Nicholas Ray, Samuel Fuller, Don Siegel e Jean-Pierre Melville. Mas parece esquecer-se de um homem que, afinal, citou em diversas passagens do livro: Howard Hawks, a quem o policial deve trabalhos do calibre de «Scarface» e de «À Beira do Abismo».

Do que ele, em contrapartida, não se esquece é de sublinhar a importância de que as mulheres «de estonteante irrealidade sensual» adquirem, para o bem e para o mal, de polícias e ladrões. Para o bem e para o mal porque, como Colin McArthur admite, «o mais incertop de tudo é a lealdade da figura feminina central, que pode revelar-se leal ou falsa, mas que quase sempre acaba por escravizar sexualmente o herói». O paradigma foi criado logo nos anos trinta pela inimitável Jean Harlow: cabelo platinado, um ar de vamp apanhada na rua, a quem o polícia ou o ladrão oferecem jóias, visons e vestidos feitos de seda e gaze. Tal guarda-roupa repete-se em Lauren Bacall, Barbara Stanwyck, Lizabeth Scott, Ava Gardner e, sobretudo, em Marilyn. O objectivo é duplo: demonstrar que a mulher assim vestida é, como a coruja ou o morcego, uma criatura talhada para a noite e, já agora, mostrar que o herói da fita é homem de posses...

Algumas retribuíram-lhe tal devoção com o beijo de Judas. Outras nem tanto. Mas destas, paradoxalmente, nem sempre reza a História do Cinema.

Maria João Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-C Processo 1/383

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, n.º 3133/R8 com origem no apoio n.º 7A da linha n.º 3133 e término n.º 7213 Lezíria das Cortes, com 128 metros, na freguesia de Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 1782 Processo 1/1354

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Caldas da Rainha a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 6 kV, com 1874 metros, do poste n.º 4 da linha para o PT n.º 11 LNH da EDP, em Zambujeira do Mar, ao PT n.º 46 LNH da EDP, no Seixal, freguesia do concelho da Lourinhã, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE LOURINHÃ durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 15 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1990

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação entre os apoios n.º 70 e 73 da linha aérea, a 30 kV, para o PT BNV 3, St.º Estêvão, com 419 metros, na freguesia de St.º Estêvão, concelho de Benavente, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

DESPORTO

Pinto Correia «dixit»: «Verdade, estou pronto a assumir o meu erro. O golo que o Porto marcou em Braga foi mesmo irregular. Equivoquei-me e a minha decisão prejudicou o Braga»

Golo dos «dragões» foi irregular

O golo do FC Porto foi mesmo irregular. Isso já todos sabíamos. Todos, menos o árbitro Pinto Correia que o validou mesmo depois do seu auxiliar Moisés Ferreira ter erguido a bandeirola para assinalar a irregularidade em que se encontrava Geraldão, no momento do remate vitorioso de Domingos. Pinto Correia consultou então o seu «adjunto» e decidiu erradamente. Protestaram os bracarenses, gerou-se sururu no relvado e ateou-se «fogo» nas bancadas. Pinto Correia vem agora confessar o erro alegando que o golo foi obtido em condições irregulares. Fá-lo de forma que se louva, mas a confissão certamente que não irá retirar os dois pontos ao Porto.

Irão os bracarenses protestar o jogo fundamentando-se nas declarações públicas do árbitro? Tendo-se verificado um erro técnico julgasmos ser fundamento bastante para que o protesto vingasse, mas caberá aos dirigentes do clube minhoto a decisão. Uma coisa é certa, Pinto Correia retrata o lapso. Assim:

«Efectivamente, errei. Já vi e revi o lance e o golo do FC Porto foi marcado de forma irregular. Todavia, o meu auxiliar, Moisés Ferreira, levantou a bandeirola, mas, como vi a bola ir directamente para a baliza, deixei prosseguir o lance. Quando a bola entrou, o «banco» do Braga levantou-se em direcção a Moisés Ferreira e eu dirigi-me para lá para serenar os ânimos. Uma coisa é certa: errei. Depois de ter visto o lance várias vezes só posso chegar a essa conclusão.»

Mais um caso que evidencia o mau momento da arbitragem portuguesa. Erros em excesso. Acusações a esmo. Denúncias, suspeições e acusações é trilogia onde se finca o sector que todos desejaríamos prestigiado e moralizador. Culpas de quem?

Algarve protesta

O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol do Algarve anunciou «defender e apoiar» o antigo árbitro César Correia, e pede um «rigoroso inquérito» à actuação do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol.

Num comunicado de cinco pontos, divulgado ao fim da tarde e após uma «reunião de emergência», o Conselho de Arbitragem do Algarve afirma «defender e apoiar o representante da Associação de Futebol do Algarve» César Correia, «tendo em consideração o contributo altamente positivo quando árbitro».

Depois de pedir o «total apuramento da verdade e das responsabilidades», o Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol do Algarve pede «rigoroso inquérito, honesto e justo, à actuação do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, nomeadamente à sua gestão interna desde o início da sua actividade».

O organismo algarvio pede ainda a suspensão de «todos as acções que incidam sobre qualquer elemento do Conselho de Arbitragem da FPF até à conclusão do referido inquérito».

A reunião de emergência da arbitragem do Algarve surgiu na sequência das declarações de César Correia a um trissemanário desportivo, nas quais o árbitro critica o presidente do Conselho Nacional de Arbitragem, Lourenço Pinto.

Belenenses confirma protesto

Baseando-se em erro técnico cometido pelo árbitro Bento Marques no encontro do passado domingo com o Vitória de Guimarães, o Belenenses vai hoje confirmar o protesto junto da Federação Portuguesa de Futebol. Um protesto com «pernas para andar» uma vez que o lapso do árbitro foi evidente. Um erro de direito porque atentou contra as normas legais, a menos que o relatório de Bento Marques faça constar outra irregularidade.

José António: promoção

O futebolista José António arruma as botas ao ser convidado para desempenhar as funções de treinador-adjunto de António Lopes (novo técnico principal do Belenenses). A equipa técnica do clube do Restelo fica assim constituída: António Lopes (treinador principal), José António e Vicente Lucas (adjuntos), Joaquim Murça (treinador dos guarda-redes) e o preparador físico Rui Oliveira.

Makakula regressa a Chaves

Por decisão do Tribunal de Trabalho de Vila Real, o futebolista zairense Makakula, agora ao serviço do Vitória de Setúbal, será forçado a regressar a Chaves no termo da época 1991/92 para cumprir com o contrato de três anos que tinha estabelecido com o clube flaviense. No caso de rescindir no final da presente temporada com a colectividade sadina, poderá ir imediatamente para Chaves.

Ténis

Marques: 115.º do mundo

Nuno Marques subiu ao 115.º lugar no «ranking» mundial, a melhor classificação de sempre de um jogador português na tabela da Associação de Tenistas Profissionais (ATP), divulgada ontem em Montecarlo.

A presença nas meias-finais de um torneio no Rio de Janeiro, no último sábado, permitiu a Nuno Marques somar 30 pontos e subir do 126.º ao 115.º posto da lista ATP, actualizada semanalmente, e na qual totaliza agora 307 pontos.

A anterior melhor classificação de um jogador português fora também obtida por Muno Marques, em Setembro passado, quando ocupou o 118.º posto no «ranking» mundial.

O segundo tenista português na lista da ATP continua a ser João Cunha e Silva, que esta semana baixou seis lugares, passando do 132.º para o 138.º posto da tabela, com 255 pontos.

Nuno Marques: mais um salto no «ranking»

Edberg: «o maior»

O sueco Stefan Edberg reforçou o comando do «ranking» mundial da Associação de Tenistas Profissionais (ATP), após vencer domingo o Torneio de Paris-Bercy, por desistência do alemão Boris Becker.

Edberg totaliza agora 3770 pontos, mais 321 que Becker, que abandonou domingo a final do torneio francês durante o primeiro «set» devido a uma lesão na coxa esquerda, numa altura em que se registava um empate (3-3).

A terceira posição no «ranking» mundial continua a pertencer ao checoslovaco Ivan Lendl, com 2755 pontos.

Graff no topo

A alemã Steffi Graff é a primeria classificada no «ranking» do ténis feminino mundial e na lista de receitas da Associacção das Tenistas Profissionais (WAT), divulgada em Miami.

Graff comanda o «ranking» com 4960 pontos, seguida da jovem jugoslava Mónica Seles, de 16 anos, com 3623 pontos, que ultrapassou a veterana Martina Navratilova, norte-americana de origem checoslovaca, agora terceira com 3570 pontos.

Comissão entrou em funções

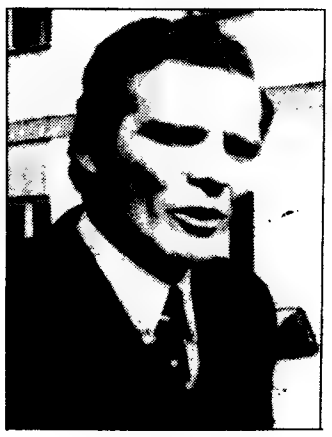
Desenvolvimento desportivo tem programa integrado

Portugal irá ter um dos mais modernos e completos sistemas desportivos da Europa, garantiu em Lisboa o ministro da Educação, Roberto Carneiro, durante a tomada de posse da Comissão para o Programa Integrado de Desenvolvimento Desportivo.

«Concluída que esteja a ciclópica missão em que o desporto português está envolvido, Portugal ver-se-á dotado de um dos mais coerentes, modernos e completos sistemas jurídicos e desportivos da Europa», afirmou Roberto Carneiro a dado passo do seu discurso.

O ministro da Educação referiu ainda que «à comissão agora empossada cabe, de parceria com a Comissão para o Desenvolvimento da Lei de Bases do Sistema Desportivo, a tarefa de maior alcance, no sentido de dar corpo às orientações programáticas para o desporto português contidas pela primeira vez, numa Lei de Bases da República — a Lei n.º 1/90, de 13 de Janeiro».

Roberto Carneiro realçou ainda que *«na vertente do desenvolvimento normativo da lei encontra-se já publicado um significativo conjunto de diplomas»*.



Noronha Feio recebeu medalha de Honra ao Mérito Desportivo

Está já também praticamente concluído no seio da CDLBSD «um vasto pacote legislativo, de contornos profundamente inovadores na ordem jurídica e desportiva nacional, que será submetido, dentro de dias, a debate público e a partes interessadas».

O presidente da comissão empossada, Veiga Simão, qualificou o programa integrado de desenvolvimento desportivo, como «um instrumento da maior relevância para a definição e coordenação da política desportiva e ao qual foi atribuída uma vigência quadrienal, coincidente com o ciclo olímpico».

No final da cerimónia de tomada de posse, foi homenageado e condecorado com a Medalha de Honra do Mérito Desportivo, o professor Noronha Feyo, qualificado no despacho ministerial como «um símbolo do desporto português, um pedagogo, e um homem de rara visão».

Os nomeados

Para além de Veiga Simão e do comandante Vicente Moura (vice-presidente) fazem parte da comissão, Henrique de Melo, Olímpio Bento, Valdemar Caetano, Gama Mendes, Luís Caldas, António Bernardo, Fernando Mota, José Gomes Machado, Rodolfo Begonha, Moniz Pereira, Carlos Queiroz (estes três designados pelo ministro da Educação), Mirandela da Costa, Gustavo Pires, João Jacinto, João Lucas, Mário Campilho, Maria Chambel, Manuel Brandão, Garcia Alvarez, José Duarte, Santos Braga, Vasco Durão, Pelágio Mota, Pedro de Almeida, João Romão, Sardiña de Barros, Maria do Carmo Fernandes, Fausto de Carvalho, António Pinheiro e Sebastião de Almeida.

Concurso DN "Portugal por sua conta"

Participe no novo concurso do Diário de Notícias: «Portugal por Sua Conta».
Descubra Portugal de Norte a Sul. E diga-nos em que sítio foi tirada a fotografia que publicamos diàriamente.
Se não souber... faça de conta.
Todas as semanas, ganhe contas poupança, do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, de centenas de contos.
1.º PRÉMIO: 750 000$00 + 250 000$00 (se tiver menos de 28 anos).
2.º PRÉMIO: 500 000$00

DE 8 DE OUTUBRO A 17 DE DEZEMBRO

O ESTADO DO TEMPO

CONTINENTE

Em todo o território: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Sueste. Períodos de chuva para o fim do dia. Pequena subida da temperatura. Mar de pequena vaga com ondulaão oeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação sueste de 1 metro na Costa Sul.

Amanhã e depois

Céu muito nublado. Vento de Sul moderado soprando forte no litoral e terras altas. Períodoas de chuva por vezes forte.

MADEIRA

Céu muito nublado. Vento de Sudoeste moderado a forte. Períodos de chuva. Mar cavado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e cavado com ondulação sudoeste de 2 metros na Costa Sul.

No Funchal: Céu muito nublado. Vento em geral fraco.

Amanhã

Céu muito nublado. Vento de Sudoeste forte e com rajadas. Períodos de chuva.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento de Oeste moderado. Aguaceiros.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento de Noroeste forte e com rajadas. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas. Mar alteroso a grosso com ondulação noroeste de 4 a 5 metros.

Grupo Central: Céu muito nublado. Vento de Norte moderado rodando para Noroeste moderado a forte para o fim do dia. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas. Mar cavado com ondulação noroeste de 4 a 5 metros.

Grupo Oriental: Céu muito nublado. Vento de Sudoeste fraco a moderado rodando para Noroeste a partir da tarde. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Possibilidade de trovoadas. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 4 metros.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento deNoroeste moderado a forte e com rajadas. Aguaceoros.

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.04	3,9m	10.51	0,7m
17.36	3,6m	23.05	0,9m

Amanhã

05.55	3,8m	11.46	0,9m
18.32	3,4m	—	—

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

O Município está disposto a demolir em Lisboa as construções clandestinas

A SITUAÇÃO ECONÓMICA INFLUIU NO RESULTADO DAS ELEIÇÕES AMERICANAS

MASTROIANI CARECA

PRÍNCIPE CARLOS: «A CULPA É DOS PAIS»

Lisboa vai demolir construções clandestinas

As construções clandestinas existentes em Lisboa estão a correr sérios riscos de demolição, em consequência de instruções do presidente do Município no sentido de ser dado um andamento mais vivo às actividades da fiscalização. No cumprimento dessas disposições, um piquete da Polícia Municipal de Lisboa selou, ontem, o acesso a dois andares e um sotão construído clandestinamente sobre o prédio 178 da Rua do Olival...

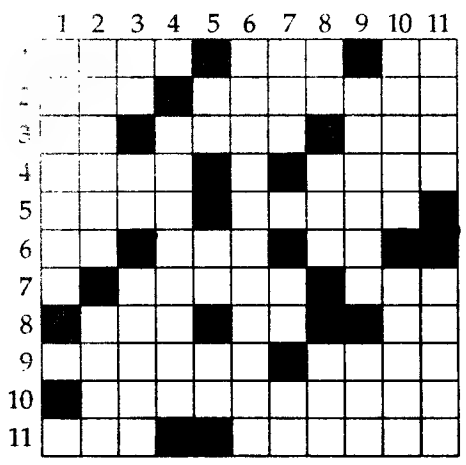
Mastroiani careca

Para descanso das suas «fans», vamoas já avançando que Marcelo Mastroiani não está careca. Trata-se apenas de uma caracterização do seu novo filme, no qual o célebre «latin lover» será Cipião, o Africano, num filme satírico que contará o declínio militar e político do general acusado por Catão de se ter apropriado de um despojo de guerra demasiado importante.

Príncipe Carlos: «A culpa é dos pais»

«A responsabilidade final do fosso entre as gerações cabe aos pais, que devem tentar lembrar-se do que sentiam quando eram jovens» - afirmou o príncipe Carlos, dirigindo-se a cinco mil homems de negócios que participaram na reunião anual do Instituto de Directores.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18038

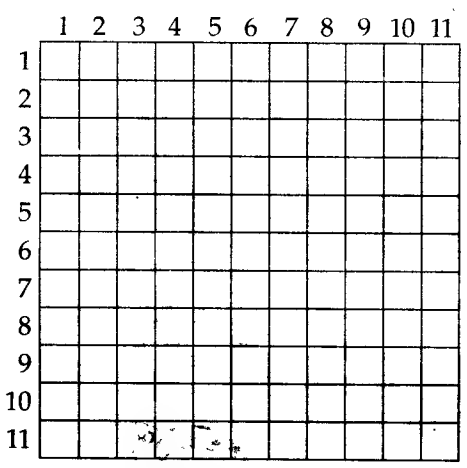
HORIZONTAIS:

1 - Aquele que. Governanta. Letra grega.
2 - Lava das feridas dos animais. Aborrentar.
3 - Érbio (s.q.). Numeral cardinal. Ave pernalta.
4 - Ponho a data em. Escavar.
5 - Erguer. Reboles.
6 - Vossa Alteza. Recusa. Nesse lugar.
7 - Pessoa impertinente, pegadiça. Fedor.
8 - Madeira (abrev.). Porco. Antes de Cristo.
9 - Mulher desprezível. Um dos estados do Brasil.
10 - Costuraríamos.
11 - Desgraça. Nivelo.

VERTICAIS:

1 - Título do vice-rei do Egipto (desde 1867 até 1922).
2 - O mesmo que pega (ave). Nome de fruto.
3 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Basta! Nome comercial do salicilato de fenílo, empregado como anti-séptico intestinal.
4 - Ciclones violentos, frequentes nas costas americanas.
5 - brisa. Clima. Neon (s.q.).
6 - Assustara.
7 - Conjunção. Preposição e artigo. Caminhar.
8 - Aparência. Olé. Igual.
9 - Teme. Gosta muito de.
10 - Ramadas. Queridos.
11 - Rezar. Sorte.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16848

HORIZONTAIS:

1 - Vila e sede de concelho (Aveiro). Pronome reflexo.
2 - Patrão. Deram urros.
3 - Erguera (uma âncora). Rio da Rússia.
4 - Cério (s.q.). Junto.
5 - Esmoncamos. Brisa.
6 - Seguia. Apelido.
7 - Nota musical. Celebravas em verso.
8 - Sonda oca para extracção de urinas.
9 - Cantiga. Deusa hindu, personificação do mito da Terra.
10 - Estimai. Saíra frequentemente à rua.
11 - Tempo do verbo ser. Nome de homem.

VERTICAIS:

1 - Povo de África entre a costa de Zanzibar e o lago Vitória. Fúteis.
2 - Ave pernalta. Vá para fora. Pronome pessoal.
3 - Gorgulhos tropicais. Rio da Suíça.
4 - Avaliaria.
5 - Túmulo de pedra ou de terra que se encontra frequentemente no Peru e Bolívia. Naquele lugar.
6 - Arregaçara as mangas a.
7 - Doutora. Basta.
8 - Autores. Atacar.
9 - Lista. Despachara.
10 - Pássaro do Brasil muito apreciado pelo seu canto. Cidade da Suíça.
11 - Preposição. Rezas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 037

HORIZONTAIS: 1 - É. RICO. QUEM. 2 - Cairo. Turma. 3 - Omo. Rires. 4 - Ais. Doiro. 5 - Ae. Nós. 6 - Postigo. Pt. 7 - Siaras. Grã. 8 - Mios. Eras. 9 - Ta! SS. Ag. 10 - Ero. Sãs. At. 11 - Mesclarias.

VERTICAIS: 1 - Ecoa. TEM. 2 - AMIGOS. Are. 3 - Rios. Sim. Os. 4 - Ir. Atais. 5 - Cordeiros. 6 - Io. Gas. Sa. 7 - Trinos. Bar. 8 - Quero. Si. 9 - Ursos. Grã. 10 - Em. Pragas. 11 - Marmotas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 847

HORIZONTAIS: 1 - Quadrazais. 2 - Unia. Valsam. 3 - Eia! Sic. Lu. 4 - Rissóis. 5 - Eca. Moca. 6 - Nascias. Ar. 7 - Cr. Oiraras. 8 - Aral. Coais. 9 - Olhamos. Ne. 10 - Ié. Asa. Oc. 11 - Cearas. SM.

VERTICAIS: 1 - Querença. JC. 2 - Uni. Carro. 3 - Aiaras. Alia. 4 - Dá. Colher. 5 - SS. Il. 6 - Avistar. Mas. 7 - Zaco. Sacos. 8 - Al. Im. Rosas. 9 - Si. Só. Aa. 10 - Sal. Casino. 11 - Mudar. Seca.

PROVÉRBIO:
É RICO QUEM TEM AMIGOS.

I Série N.º 256
Dia 6 de Novembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Portaria n.º 1103/90:
Altera o modelo da cédula militar, aprovado pela Portaria n.º 154/89, de 2 de Março.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 350/90:
Aprova o Regulamento da Comercialização de Alimentos Compostos para Animais. Revoga o Decreto-Lei n.º 221/83, de 26 de Maio, e a Portaria n.º 808/83, de 1 de Agosto.

Portaria n.º 1104/90:
Fixa categorias agrupando os ingredientes destinados ao fabrico de alimentos compostos para animais de exploração e animais de companhia.

Portaria n.º 1105/90:
Fixa as tolerâncias em caso de desvio entre o resultado do controlo oficial e os teores declarados nas embalagens, rótulos, dísticos, etiquetas ou guias de remessa dos alimentos compostos para animais.

Portaria n.º 1106/90:
Estabelece o método de cálculo do valor energético dos alimentos compostos para aves.

Região Autónoma dos Açores

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 17/90/A:
Introduz alterações em vários artigos do Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 139-A/90, de 28 de Abril.

Nota — Foi publicado um 2.º suplemento ao *Diário da República*, n.º 225, de 28 de Setembro de 1990, inserindo o seguinte:

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 39/90:
Determina a alienação de 9 500 000 acções da CENTRALCER — Central de Cervejas, S.A.

Nota — Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 227, de 1 de Outubro de 1990, inserindo o seguinte:

Presidência da República

Decreto do Presidente da Repúbl[illegible] 57/90:
Concede, a título póstumo, a dign[illegible]e marechal da Força Aérea ao general da Força Aérea Humberto da Silva [illegible]

PESSOAS & FACTOS

"Hom": vestido para seduzir

A arte da sedução não compete só às mulheres, se os homens não cuidarem do seu aspecto arriscam-se a ser desprezados pelo feminimo, cada vez mais exigente. Eles estão atentos, tanto é assim que recorrem ao uso de cosméticos e perfumes, aderem às propostas de vestuário mais audaciosas, tentam tornar-se objectos de desejo.

Na rua, andam por aí a suscitar tentações e dentro de casa, depois de um dia arrasante, também não devem descurar o visual. Para eles, a marca "Hom" criou belas camisolas de corte clássico, casacos "cardigans", peças de lã virgem, caxemira, *lambswool* e *mohair* que são quentes e confortáveis. Roupa indicada para o serão caseiro, frente à lareira, a ler um policial. Se os anti tabagistas não se importarem, já agora sugeria...o cachimbo. Fica bem no cenário muito britânico: o fogo crepitante, o camisolão, o brandy aquecido em balão e o enredo do livro. Assinado por qualquer respeitável dama inglesa especializada na literatura do crime.

Para as ocasiões íntimas aconselham-se os pijamas e roupões de cores discretas ou então, se tiver aspirações a *dandy*, escolha os paletós com bandas de veludo. Vai sentir-se um Cary Grant ou um David Niven. Não se esqueça do champanhe francês, de certeza que impressionará a pessoa amada.

CINEMAS

LISBOA

ALFA
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
SALA 1
O LEGIONÁRIO
Filme de Sheldon Lettich
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 2
O EXPRESSO DOS MALDITOS
Filme de Peter Hyams
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 4
PRESUMÍVEL INOCENTE
Filme de Alan Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 5
ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renny Arlin
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
ROBOCOP 2
Filme de Irvin Kereshner
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS
Shoping Center de Lisboa
T. 691275
SALA 1
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 2
HENRY E JUNE
Filme de Philip Kaufman
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 4
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 - Às 13.45, 15.45, 19.45, 21.45 e 00.15
SALA 5
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 6
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 7
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 8
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 9
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00
SALA 10
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
FÚRIA SILENCIOSA
Filme de Mark Goldblatt
M/12 - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
T 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16 30 19.00 e 21.30

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
AIR AMERICA
Filme de Roger Spottiswoode
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30
ESTÚDIO SHEZA
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
COMPETIÇÃO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39
T. 546085
CICLO MICHAEL POWELL
SEBASTIAN
Com Dick Bogarde, às 18 30
HOMENS MADUROS
Com James Mason às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
UM SONHO DE MULHER
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2
T. 322523
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
SALA 1
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30
SALA 2
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
SALA 3
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
T. 541037
AUDITÓRIO 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 13.30, 15.30 e 22.00
AUDITÓRIO 2
NA PELE DO URSO
Filme de Ann e Eduardo Guedes
M/12 - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques
T. 3525133
O LEGIONÁRIO
M/12anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
SALA 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45
SALA 2
SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18 00, 20.00 e 21.30
SALA 3
NA PELE DO URSO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.30 e 21.30

LAS VEGAS
Pingo Doce - Alcântara

«Henry e June», de Philip Kaufman, com Maria de Medeiros

T 3631162
SALA 1
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21 45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL
R. Martens Ferrão - T. 538743
SALA 1
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 2
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362
EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
TUAREG - O GUERREIRO DO DESERTO
Filme de Enzo G. Castellari
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLÍMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
ORGIA SENSACIONAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA
Centro Com. Alvalade
SALA 1
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão
T. 326305
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
SALA 1
MARIDOS À ÁGUA
Filme de Peter Greenaway
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00
SALA 2
NO TRILHO DA DROGA
Filme de Gus van Sant
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00
SALA 3
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00
SALA 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE
SALA 1
Av. da Liberdade, 175
T. 579144
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15
SALA 2
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45
SALA 3
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TEATRO S.LUIZ
R. António Mª Cardoso
T. 327172
CICLO - A FESTA DO CINEMA
AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA
Filme de David Zucker
Às 18.00

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
AIR AMERICA
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9
T. 3468446
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
SALA 1
DESPERTAR VIOLENTO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30
SALA 2
O SEGREDO DO SAHARA
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
SALA 1
Telef. 2841769
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15
SALA 2
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
O LEGIONÁRIO
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
SALA 1
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - às 15.15 e 21.30
SALA 2
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
SALA 1
AIR AMERICA
SALA 2
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T 4934871
O LEGIONÁRIO
M/16 anos - Às 14 00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
ATA-ME!
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos -Às 15.00, 18.00 e 21.15
SALA 2
NA CORDA BAMBA
Filme de John Badham
M/12 anos -Às 15.15, 18.15 e 21.30
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CAPITÓLIO
Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. e Feriados às 16.00 e 21.30
AI CAVAQUINHO
Enc. de Camilo de Oliveira

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 25
T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Brayner

CHAPITÔ
R. Costa do Castelo, 7
T. 878225
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes
Em cena até dia 11

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexendre Braga, 24-A
Todos os dias às 21.45
Dom. e Fer. às 16.00
PLAY STRINDBERG
De Friedrich Dürrenmatt
Em cena até dia 11

COMUNA
Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

GRUPO DRAMÁTICO RAMIRO JOSÉ
Trav. Henriques Cardoso, 107
T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃO E ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta
Em cena até dia 25

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO ABERTO
P. de Espanha - T. 770969
4ª e 6ª às 21.45. Dom. às 16.00
LOUCOS POR AMOR
De Sam Shepard
5ª e Sáb. às 21.45. Dom. às 16.00
DESEJO SOB OS ULMEIROS
De Eugéne O'Neill

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11
T. 875626
De 3ªa Sáb.às 21.30.Dom.às 16.00
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOLF
De Edward Aldee.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75
T. 601866
De 3ª aSáb.às21.00. Dom.às 16.00
A TEIA
De Graça Gonçalves

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade, 9
T. 323200
Às5ª,6ª,eSá.às21.30Dom.às 16.00
BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de Teatro «O Bando»
Em cena até dia 18

SUGERIMOS

«Non ou A Vã Glória de Mandar»
o destino português, segundo Oliveira

«Maridos à Água»
Greenaway antes de «O Cozinheiro...»

«Sweetie»
estreia de uma cineasta neo-zelandesa.Salvé!

«Na Pele do Urso»
fábula urbana luso-britânica

«Um Sonho de Mulher»
Julia Roberts enche o ecran...

«Encruzilhada de Ilusões»
edificação do amor pelo melodrama

«Henry e June»
...só para ver Maria (Anaïs) de Medeiros

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTES
Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Anjos - Lisboa Ginásio Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Baixa:** Internacional, Rua do Ouro, 228-230, Tel. 322017; **Beato:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO
Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 3963349; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3, A-B, Tel. 534027; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36, B-C, Tel. 770776; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **R. Eléctricos - Chiado - Estrela:** São Bento, Rua Polais São Bento, 73, Tel. 601673; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Permanente; **Oeiras:** Sacoor. Permanente; **Parede:** Macau, R. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado,26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, lJ, Moinho, Tel. 295027. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Cruz Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007. Até às 22 h; **Montijo:** Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50, Tel. 2310032 Até às 22 h; **Moita:** União Moitense, Av Dr Teófilo Braga, Tel. 2390025 Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250 Até às 19 h, **Alcochete:** Nunes, L Cor Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Tavares da Silva, R. Gaivotas, 68, Tel. 29316 Permanente; Saião, Av Portela, 55, Tel. 22709. Permanente; Lisboa, R. Dr. Paula Borba, 70, Tel. 22248. Até às 22ª h.

MÉDICO DE URGÊNCIA
795 06 80/9

Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

SINTRA

Amadora: Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050; S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neill Pedrosa, R. Casal Olival, Lote 3 - Massamá, Tel. 4377205. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212028. **Até às 22 h; Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A,

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade; **21.00:** Diálogo; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
17.00: Horizontes. URTI; **17.30:** A. Honneger: sonfonia n.º 2 p/orq. de cordas e trompete (26'27''); **18.00:** Noticiário; **18.15:** Ângulos e Reflexos. **19.00:** Retrospectiva da obra de Luis de Freitas Branco; **20.10:** Álbum Musical. Obras de Tomaso Albinoni, Bellini, Johann Strauss, Francesco Landini e Shostakovitch; **20.40:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Da Broadway ao West End. O musical; **22.00:** Ciclo Carl Orff. A canção pop e a introdução aos instrumentos; **22.40:** Breve destaque para Arcangelo Corelli (1653-1713); **23.00:** Eurorádio. Grav. Radiodifusão Héssia. Obras de Sandor Veress, Heinz Holliger, Sravinsky e Elliot Carter; **02.10:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m
14.00: Estúdio Três; **16.30** e **19.30:** Quando o Telefone Toca; **17.00**: Contacto; **19.00** e **23.00:** Jornais - informação; **20.00**: Praça de Táxis; **21.00:** Estrada Fora; **23.00**: Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; **15.00:** 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; **16.00:** Rock em Stock; **17.00:** A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; **18.00**: RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; **19.00:** Quatro Tempos, de PedroCastelar ;**20.00:** Nova Geração, de Fernando Quinas; **21.00**: Mercador de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora ahora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL
102.4 FM
10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música: **13.00:** Tons suaves, com Francisco Gil; **16.00:** «Surf», um programa de Augusto Fernandes; **18.00:** Nuno Soares dos Reis escolhe música suave; **20.00:** Paraísos perturbantes, de António Coelho; **21.00:** Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; **23.00:** Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO
101.5 FM
13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; 15.00: Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade do João Vaz; **18.00:** Informação geral e desportiva; **21.00:** Música suave; **00.00:** Espaço dedicado à música de vanguarda; **02.00:** Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

RADIOGESTE
96.6 FM
10.00: Oitava Colina; **17.00:** Fim de Tarde; **20.00:** A Flauta Mágica; **21.00:** Terna é a Noite; **01.00:** O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM
15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Inf. Religiosa; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Espaço Musical; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL
89.5 FM
Noticiário de meia em meia hora, editado por Miguel Monteiro e Paulo Bastos, com animação de António Macedo; **06.45:** Conversa de Vizinhas, texto de Filipe La Féria interpretado por Lídia Franco e Rita Ribeiro; **07.15:** Sons com história; **07.30, 08.30, 09.30:** Discos pedidos por personalidades convidadas; **07.50, 08.50:** O humor de Herman José; **08.15:** Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; **08.30:** Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhandra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, de 2.ª a 6.ª-feira; **12.45:** Grande Prémio, editado por João Gabriel; **18.00:** O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; **19.00:** O acontecimento desportivo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às **12.00** de sábado, Grande Júri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco; às **12.00** de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emídio Rangel.

TELEVISÃO

14.40 - PRIMEIRA MATINÉE
«Tarzan Encontra um Filho»
16.00 - PONTO POR PONTO
16.50 - O MUNDO
Um documentário sobre o Islão, que se estende de 600 a 1200, e foca desde o seu nascimento na Arábia, até se ter tornado num dos maiores impérios do mundo.
17.15 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: «Super-Rato», «Touni e Litelle», «Beulebeul», «Ola Kitty» e «Caderno Diário»
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
37ª Sessão
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
«Associação dos Of. de Justiça», «Associação da Inf. Médica do Sul» e «União Port. de Arte em Porcelana».
20.15 - TIETA
7º Episódio
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.25 - MODELO E DETECTIVE
8º Episódio: apesar das hesitações do costume, a dupla Hayes-Addison resolve tentar resolver o problema do irmão de David. Isto porque o irmão do sócio da agência de detectives «Blue Moon» tem uma namorada que foi roubada pela sócia e pretende reaver o dinheiro a todo o custo. Mas a maior surpresa está reservada a David quando chega à agência de modelos onde duas raparigas trabalham para ganhar a vida...
22.20 - PRIMEIRA PÁGINA
Entrevista com Herminio Martinho
23.30 - ALLÔ, ALLÔ
23.50 - 24 HORAS
00.20 - O TEMPO
00.25 - REMATE

Tarzan em Primeira Matinée

Ao princípio da tarde, em «Primeira Matinée», porque não recordar uma vez mais o velho Tarzan?

Porque não restam dúvi-das: foram muitos os actores que, ao longo das décadas, assumiram no ecrã a figura lendária do rei da selva, mas nenhum o fez como Johnny Weissmuller, um antigo campeão de natação que acabaria por virar grande estrela do cinema.

O filme escolhido para esta tarde - «Tarzan encontra um filho» - reúne, uma vez mais, Weissmuller com aquela que foi também a mais famosa intérprete de Jane, Maureen O 'Sullivan.

Produzido em 1939, com a chancela e a qualidade espectacular da Metro Goldwyn Mayer.

Em plena selva, «habitat» natural de Tarzan, o «homem macaco» e a sua companhei-ra Jane descobrem um pe-queno bebé, que acabam por adoptar. Para a impagável Cheeta, trata-se de um pequeno amiguinho que a macaca cuida com grande des-velo.

Filme com a duração de 90 minutos, costuma ser, apesar da vetusta idade, do agrado da generalidade dos espectadores. Filme para entreter, sem dúvida, mas muito interessante e agradável de se ver.

«Tarzan encontra um filho» em «Primeira Matinée»

A Vítima do Medo

Em «Cinemadois», passa esta noite, a partir das 21 horas e 55 minutos, o filme do britânico Michael Powell, «A Vítima do Medo», rodado em 1959.

Trata-se de um dos mais insólitos e fascinantes filmes de horror alguma vez feitos.

Produzido e realizado por aquele cineasta após o período de colaboração com Emeric Presburger, «A Vítima do Medo» (no original «Peeping Tom») é, acima de tudo, um trabalho magistral de construção cinematográfica num filme que, sendo de horror, é por direito próprio um «movie on movies» isto é, um filme sobre o sortilégio do próprio cinema que Powell serviu de forma notável ao longo da sua prestigiada carreira.

História inquietante e ao mesmo tempo de grande sensibilidade, centrada nos crimes de um jovem assistente de câmara condicionado por traumas de infância a uma irresistível obsessão pelo medo, o qual, no limite, cria nas suas vítimas através do assassínio, «A Vítima do Medo» é, por outro lado, uma visão original e surpreendente do «voyeurismo» construído através do próprio cinema, já que a personagem central se serve sempre de uma câmara e do acto de filmar o medo e a morte, para assim satisfazer a sua profunda perturbação psicopatológica.

Uma soberba realização de Powell a partir de um argumento inspirado num filme histórico que ainda passados que são trinta e um anos sobre a sua produção, é muito bem capaz de perturbar e assustar.

Quem tiver dúvidas, não tem mais que fazer: é só estar atento esta noite, a partir das 9 e 55 da noite, ao canal 2 da RTP. E depois, se quiser, diga-nos como foi.

«A Vítima do Medo», o horror em Cinemadois

SNOOPY POR SCHULZ

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO
8º Episódio
16.15 - OS HENDERSON
10º Episódio
16.40 - RECREIO DO 2
17.20 - O TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
37º Programa: o cenário é o tema proposto por Teresa Guilherme que recebe, como convidados, o arquitecto Pimenta Gama Alexandre (da Rádio Macau) e Conde Reis (cenografista da RTP).
18.30 - A IRMÃ KATE
18º Episódio
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
Brown Eyes é um «misturador» responsável por muitos dos grandes êxitos dos «tops» mundiais. Álvaro Costa fala com ele sobre a sua carreira e sobre os seus projectos futuros.
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco».
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.55 - CINEMADOIS
«A Vitíma do Medo»
23.45 - ESPECIAL DESPORTO
O Benfica e o Atlético de Madrid levam a efeito um torneio particular que designaram por Torféu Ibérico.
00.05 - UNIVERSIDADE ABERTA
00.20 - O TEMPO

«Modelo e Detective» no Canal 1

Modelo e Detective

Depois da telenovela do canal 1, cerca das 9 e 20, o que há para ver é mais um episódio - o oitavo - da série norte-americana «Modelo e Detective».

Desta vez, apesar das hesitações a que já nos habituaram (vamos aceitar este caso... não vamos... talvez... e assim por diante), a dupla Hayes-Addison resolve mesmo tentar resolver o problema do irmão de David.

E isto porque o irmão do sócio da agência de detectives «Blue Moon» tem uma namorada que foi roubada pela sócia e pretende reaver o dinheiro a todo o custo.

No entanto... a maior surpresa está reservada a David quando chega à agência de modelos, onde as duas raparigas trabalham para ganhar a vida.

E o resto não contamos. Quem quiser saber o desfecho terá mesmo que ligar para o Canal 1 da RTP. Façam lá o favor de ter paciência...

Mais tarde, logo a seguir a mais uma «Primeira Página», com Hermínio Martinho, também o oitavo episódio da série «Alô, Alô», a tal que conta, em jeito de farsa, peripécias impensáveis «passadas» no tempo da Segunda Grande Guerra. Aquele René é mesmo um pândego, podem crer...

Hermínio Martinho convidado de «P... ...ina»

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.55 - CULINÁRIA
12.10 - TOP MODEL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - NEIL YOUNG
14.05 - PRIMEIRA MATINÉE
«Vida Moderna»
16.00 - PONTO PO PONTO
16.50 - O CORPO HUMANO
17.20 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
20.17 - TIETA
21.15 - DESENHOS ANIMADOS
21.25 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Café Bagdad»
23.30 - 24 HORAS
24.00 - O TEMPO
00.10 - REMATE

RTP-2

11.52 - ESPECIAL DESPORTO
«Timisoara / Sporting»
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - AÇORES - GENTE NOSSA
16.50 - RECREIO DO 2
17.25 - O TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.50 - JOAQUIM LETRIA
00.05 - ESPECIAL DESPORTO
00.50 - O TEMPO

«É o Koweit, o primeiro de todos os reféns desta crise, que tem que ser libertado»

Editorial do «Diário de Notícias», 05.11.90

A PERGUNTA DO DIA

Graça Abranches membro do Conselho Nacional da FENPROF

Quais os temas que vão estar em debate no I Encontro Nacional de Docentes e Investigadores das Universidades, que a FENPROF vai realizar 16 e 17 de Novembro?

«A FENPROF está empenhada num debate entre os docentes do ensino superior universitário sobre os temas da avaliação e financiamento das universidades no quadro da autonomia. Pretende-se encarar esta reflexão sob o ponto de vista sindical, rejeitando as opções que, a pretexto da autonomia, visam transformar as instituições, nomeadamente as universidades públicas, em domínios privados de alguns, quer através do reforço de poderes autocráticos nas escolas quer através da criação de sucessivas dependências, no quadro de financimentos privados, relativamente a poderes económicos exteriores. A FENPROF está ciente que a perspectiva sindical promoverá uma cada vez maior democratização da vida académica, bem como a criação de condições para uma efectiva igualdade de oportunidades dos cidadãos no acesso ao ensino superior e para um ensino e uma investigação de qualidade sem cedências a perspectivas utilitaristas e imediatistas que se vêm desenvolvendo nalguns sectores e que podem hipotecar a formação global dos estudantes como cidadãos e futuros profissionais. Este debate torna-se tanto mais actual quando verificamos que, do Orçamento de Estado, saiem anualmente avultadas verbas para financiar as universidades privadas o que, sob o pretexto de permitir mais vias de acesso aos candidatos ao ensino superior, visam enriquecer alguns.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Os efeitos da crise no Golfo

Os bons e os maus cheiros

Letras de Espanha em Lisboa

ENTREVISTA

A temporada de 90/91 será, sem dúvida, a temporada de Mário Viegas. Um disco, meia dúzia de peças e um programa de televisão vão trazê-lo à ribalta. Um ano em força para este actor-recitador

«Nunca tive a tentação de escrever poesia»

D.L. - Tem recitado tanta poesia dos outros, alguma vez pensou em escrever os seus próprios poemas?

M.V. - Eu sou um recitador-actor, um divulgador, um dizedor de poesia. Há 25 anos que digo poemas e, desde a poesia galaico-doriense aos poetas nossos contemporâneos, não há poema que não tenha recitado. Como conheço muito bem a nossa poesia, nunca ousaria escrever poemas, porque não sou poeta a escrever, poderei sê-lo a dizer. Nunca tive essa tentação, até porque no meu inconsciente estão milhares de versos e, forçosamente iria imitar.

D.L. - Somos um país de poetas?

M.V. - Temos poetas óptimos, nomeadamente desde meados do século XIX, temos alguns dos melhores poetas da poesia europeia. Somos um país de pessoas que gostam de ouvir poesia e de a escrever. Na rádio e na televisão costumava pedir que me enviassem poemas e recebia cenenas de cartas, desde a menina suspirosa à dona de casa que escrevia às escondidas do marido. Tenho guardadas algumas que são cartas humanas extraordinárias, com poemas muito bonitos, muito sinceros. Um dos meus projectos é fazer um programa sobre os poetas anónimos.

D.L. - Tem preocupações diferentes ao escolher poemas para um recital ou para um programa de televisão ou de rádio?

M.V. - É fundamentalmente a maneira de dizer que é diferente e a selecção dos poemas tem que ser feita em função disso. A rádio permite dizer poemas mais graves, mais intimistas, porque é só a voz. Na televisão já há a imagem, que é mais forte que a palavra. O que eu nunca faço é escolher um poema de que não goste. Preocupo-me também em escolher poemas que contenham uma pequena história, porque nem todos os poemas se devem dizer, alguns devem ficar na intimidade da página para serem lidos.

D.L. - É difícil levar as pessoas a ouvir poesia sem se aborrecerem?

M.V. - Para mim não tem sido. Um recital de poesia pode ser uma coisa chatíssima, quando é pretencioso, pseudo-intelectual. Quando faço um programa ou um recital, faço-o pensando no grande público. Tenho levado pessoas a ler poesia e isso agrada-me muito.

D.L. - É recitador, actor e também encenador...

M.V. - Ainda não sou. Eu levei anos a até me considerar actor, até não ter vergonha de me intitular actor. No entanto, ainda tenho vergonha de me considerar encenador porque só comecei a encenar há 6 anos. Neste momento, tenho uma dúzia de encenações despretenciosas, mas ainda não me considero encenador.

D.L. - A Companhia Teatral do Chiado é o seu projecto mais novo. Como surgiu?

M.V. - Não é o meu projecto mais novo, é o meu projecto mais velho pois sempre foi o meu sonho ter uma pequena companhia de teatro. Isso nunca se proporcionou, apesar de ter feito parte de muitas, algumas como fundador. Agora consegui formar esta pequena companhia com treze pessoas, que é o meu número de sorte e que é uma homenagem ao poeta Chiado e à zona do Chiado. Os serviços culturais da Câmara de Lisboa deram-me esta sala para a temporada de 90/91. O grande drama de uma companhia é a sala e a Câmara tem sido impecável. É uma companhia muito despretenciosa, que não vai revelar nada de especial, vai fazer espectáculos muito simples para o público se divertir ao fim da tarde pois vamos ter espectáculos às 19 horas.

D.L. - Em 1987 demitiu-se da direcção do Teatro Experimental do Porto por não ter condições para continuar. Essas condições hoje existem?

M.V. - As autoridades estão mais sensibilizadas pois começaram a aperceber-se de que o teatro é um bom cartão de visita de uma cidade. Dava-se muita importância aos grandes espectáculos, mas não ao teatro e agoras as coisas parecem estar a mudar.

D.L. - A Companhia Teatral do Chiado vai apresentar cinco peças. Fale-me um pouco delas.

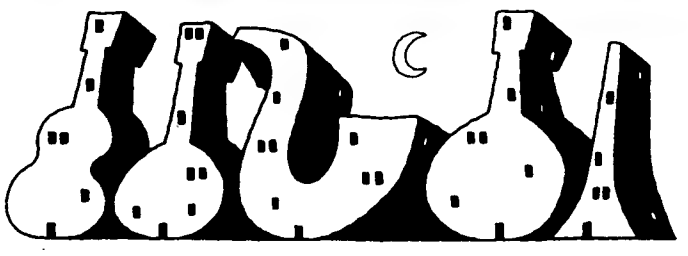
M.V. - A companhia é composta por mim, pela Carla Efe, o Rui Fialho, o Eduardo Firmo, o Juvenal Garcês e o Simão Rulim, além dos actores convidados que são o André Gomes, a Maria Vieira, a Carmen Dolores e a Fernanda Montemor. As peças vão ser apresentadas todas ao mesmo tempo, em horários diferentes. Às segunda-feiras à noite voltará o «Mário Gin Tónico», com textos inéditos do Mário Henrique Leiria e que se chamará «Mário volta a atacar». Aos sábados e domingos às 11 da manhã voltará «O regresso de Bucha e Estica». Já em Dezembro estreia «A birra do morto» e «Três actos de Beckett», constituída por três peças em um acto de Samuel Beckett. Em Janeiro deverá estrear «A Tersseira Classe», assim mesmo com dois *ss*. A seguir, vou estrear a peça de Miguel Rovisco, «Um homem dentro de um armário» que já estava preparada mas não estreou porque não havia sala.

D.L. - Além do teatro, também está a trabalhar no cinema e na televisão...

M.V. - Estou a trabalhar no filme de Manoel de Oliveira, «A divina comédia», que tem sido muito bom. O programa «Palavras Vivas» já está pronto e deverá ir para o ar em Dezembro. Além disso, gravei, com a Manuela de Freitas, um disco de poesia para crianças que sairá antes do Natal.

D.S.

CRÓNICA



Alfama sem noite

Correndo, correndo sempre, atirando com as pessoas para a direita e para a esquerda, o carteirista, com um polícia atrás, imiscuía-se pelas ruelas e escadinhas mais escondidas de Alfama. O grito de «Agarra, que é ladrão!» já não lhe chegava aos ouvidos - e só o tiro disparado para o ar lhe dava ainda aquela fúria de se escapar, de se esconder, de se sumir dos olhos da farda na sua peugada.

Com os pulmões na boca, meteu-se por um portal sem números, galgou umas escadas de tábuas desprendidas, achou-se num patamar escuro, frente a uma porta fechada. Bateu, a porta abriu-se, uma mulher com uma vassoura na mão a recuar perante ele... O carteirista caíu de borco sobre uma cama desalinhada, disse «Feche a porta, por Deus!», e ficou-se depois a respirar ruidosamente, o suor nos sovacos a alastrar pela camisa preta.

- Estão a bater à porta - ciciou a mulher, encostando a vassoura à parede. - Esconda-se debaixo da cama! Depressa! Eu tenho de abrir!

O carteirista deixou-se cair no soalho e gatinhou, lesto, para debaixo da cama. A mulher gritou «Já vou!», agarrou na vassoura e abriu a porta.

Esfarrapando as palavras, o polícia perguntou, encostando-se à ombreira:

- Não... entrou... aqui... o filho... da mãe... de um... de um...?

A mulher só fez:

- Como...?

O polícia olhou o saguão, uma água a ferver no fogão, uma toalha com manchas de café. Arrepanhando o suor que lhe cobria a cara, já mais seguro nas pernas, de novo perguntou se ali não entrara um malandrim que momentos antes deitara a mão a uma carteira.

- Não, senhor guarda - disse a mulher. - Aqui só estou eu. Ouvi um tiro, ouvi, mas...

Quando o polícia se retirou, a mulher foi-se à cama e disse para baixo:

- Saia daí, e ponha-se na alheta, que o tipo já se foi!

Só o silêncio, no entanto, lhe respondeu - e não tardou muito de que ela se apercebesse, com um grito abafado, que o homem escondido estava morto, as mãos sobre o coração. Olhando-lhe a cara, viu que era um homem de meia idade, a barba por fazer, uma carteira a sair-lhe de um dos bolsos das calças.

«Meu Deus!» - murmurou no mais íntimo de si.

Depois, os dedos receosos, apossou-se da carteira, abriu-a, contou dez, vinte, trinta contos. Sentada no chão, as notas caídas no regaço, como quem nada vê, sacudiu as mãos, olhou-as limpas de qualquer culpa - e ficou-se à espera, aturdida («Ó vida, que me fazes? Ó vida, que fazer?»), das horas a vir, das horas por bater - e longo por Alfama era o anoitecer...

Pedro Alvim

A.M.A. Auto Monumental de Arouca S.A.

CONCESSIONÁRIOS Audi VW

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

O ideal seria não haver conflitualidade nas empresas. Mas como ela existe, há que geri-la de forma a torná-la num elemento de competitividade. O autoritarismo já deu o que tinha a dar: não só não resolve os problemas como os agrava

Do "quero, posso e mando" à gestão dos conflitos

"Quero, posso e mando" é uma prática que tem foros de cidadania nas empresas portuguesas. Ao autoritarismo subjacente correspondem várias estratégias de "sobrevivência" que, apesar da diversidade de formas que assumem, enformam todas da mesma lógica: a desimplicação das pessoas das suas tarefas, que pode ir até à sabotagem assumida.

O receio, quando não a recusa pura e simples, de admitir a existência de conflitos dentro das empresas é uma perspectiva com custos elevados para estas, dizem Pedro Mendes, presidente da Associação Portuguesa dos Gestores e Técnicos de Recursos Humanos, e Correia Jesuíno, docente universitário de Psicosociologia das Organizações.

Pelo contrário, recomendam o reconhecimento frontal da existência destes conflitos. Até porque, entre outras razões, são condição de criatividade e inovação, além de que não é pela sua ignorância que eles desaparecem.

Saber manter o nível da conflitualidade é assim o desafio colocado aos responsáveis empresariais, em geral, e aos gestores de recursos humanos, em particular.

Destes, diga-se que além dos problemas específicos do seu pelouro têm ainda de se haver com incompreensões e a falta de sensibilidade de muitos dos seus colegas. Terão oportunidade em breve para fazer o ponto da situação no seu XXIII Encontro nacional.

Centrais

FSE: empresários querem esclarecer suspeitas

Quem não se lembra das "listas vermelhas" compostas por empresas suspeitas de irregularidades e desvios de verbas do Fundo Social Europeu?

Qual montanha que pariu um rato, este *dossier* nunca avançou de forma a demonstrar o empenhamento - inequívoco - dos vários responsáveis no esclarecimento das suspeitas, dúvidas e incertezas levantadas.

As instituições estatais, depois de estarem debaixo de fogo da opinião pública pela incapacidade demonstrada, são agora confrontadas com críticas de empresas formadoras agrupadas no MERE (Movimento Empresarial para os Recebimentos do FSE).

A razão de fundo das críticas é a mesma: incapacidade, à qual se deve o adiamento dos pagamentos. Mas tem novidades: do Estado recebedor líquido do FSE à estratégia de substituição dos privados pelo IEFP no consumo destas verbas.

Pág. 2

Automóveis: regras comunitárias permitem concorrência desleal

As regras comunitárias para a venda e distribuição de automóveis, estabelecidas no Regulamento 123/85, são insuficientes e permitem uma situação de concorrência desleal dentro do sector. Os concessionários protestam contra a existência dos mandatários. Os retalhistas contestam o desnivelamento de preços dos diferentes países da Comunidade. A flutuação das taxas de câmbio, a inflação e os direitos aduaneiros são também factores de desestabilização.

A ACAP e a ANECRA são duas das associações que mantêm uma posição crítica contra o modo incipiente como a Comissão da CEE legislou esta matéria. Apesar disso, consideram que aquele Regulamento é positivo porque se trata do único instrumento que utilizadores e produtores possuem para se defender.

Num seminário subordinado ao tema «Regras de Concorrência», efectuado na passada semana, organizado pela Confederação do Comércio Português, com o apoio da direcção-geral da Concorrência e Preços, foi salientada a importância que esta legislação tem para os agentes económicos no sentido de tornar eficaz o controlo das operações de concentração.

Pag.8

Tecnologias e recursos humanos são factores de competitividade
Pág. 6

Microelectrónica é um negócio de grande volume e importância
Pág. 7

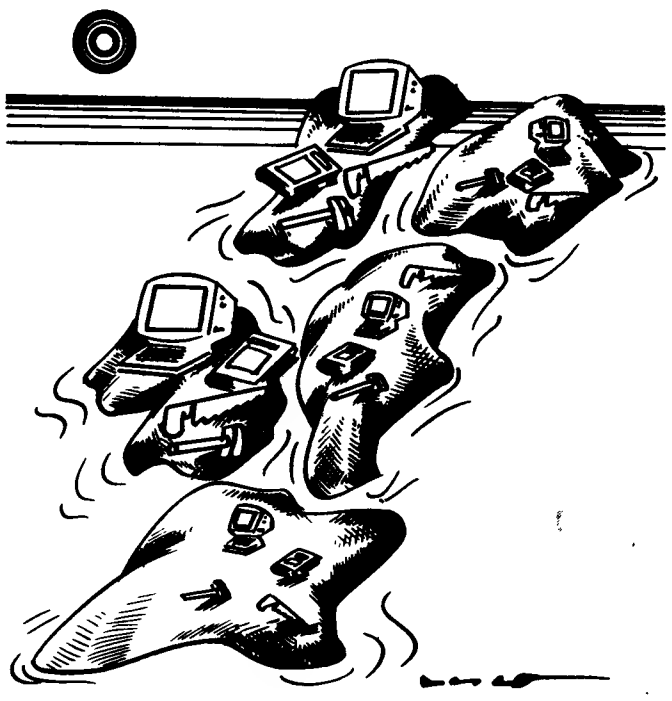
Consumidores preferem mobiliário de estilo
Pág. 3

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Demissão do Estado no esclarecimento das muitas suspeitas nas aplicações das verbas do fundo social europeu provoca o congelamento de pagamentos devidos... mas não o dos impostos

FSE: Manutenção de suspeitas prejudica empresários



"Suspeita-se que há irregularidades. Suspenda-se o pagamento. Não se esclareçam as suspeitas" - esta é a lógica do comportamento do Departamento para os Assuntos dos Fundo Social Europeu (FSE), acusam os dirigentes do recém-criado Movimento Empresarial para os Recebimentos do FSE (MERE).

A razão da criação do MERE - último desenvolvimento do sempre em foco "*dossier* FSE" - é fácil de contar: há empresas que promoveram acções de formação profissional nos anos de 1986 a 1989 que ainda não receberam as comparticipações a que tinham direito por tal, ao contrário do que era suposto. A razão para tal esgota-se no raciocínio referido.

Dado que a manutenção desta realidade é-lhes de todo inconveniente (peso dos juros bancários sobre empréstimos contraídos, amálgama de prevaricadores com respeitadores das normas, desincentivo à realização de novas iniciativas, tributação fiscal sobre o dinheiro não recebido...), os associados do MERE já se disponibilizaram para os esclarecimentos necessários.

Só que, afirma Fernando Vargas, porta-voz do Movimento, «parece que não há interesse dos responsáveis governamentais nesse esclarecimento, o que é esquisito».

Privados: *out*!

De resto, esta falta de interesse inserir-se-á em uma estratégia que visará o afastamento dos privados das verbas do FSE, o que cria campo livre ao seu aproveitamento pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, a passagem de uma mensagem de culpabilização dos privados e a minimização do problema.

Por outro lado, a mesma falta de interesse serviria de capa à incapacidade demonstrada pelas instituições responsáveis pelo FSE em esclarecer as suspeitas e transformá-las em certeza.

Esta aparente demissão do Estado do cumprimento das suas funções é, de resto, uma constante que se repete em toda a história do FSE em Portugal: da recepção das candidaturas à avaliação dos relatórios finais, passando pela fiscalização das acções, não faltaram, nem faltam, motivos substanciais de reparo.

O que também não falta, em contrapartida a esta incapacidade, acusam os associados do MERE, é a "batota" governamental na definição de regras.

Segundo dizem: «O Estado nunca definiu regras comuns e chegou ao ponto de criar despachos normativos com efeitos retroactivos na prática, o que significava a mudança das regras do jogo a meio deste».

Assim, as empresas que tinham os seus projectos aprovados e a funcionar segundo certos parâmetros acabavam por ser avaliadas por outros.

Radica aqui, mas não exclusivamente, a causa dos cortes *a posteriori*, em certas rubricas aprovadas inicialmente pelo DAFSE. Isto causou que haja empresas «que estavam à espera de receber três ou quatro mil contos e o Estado acabou por lhes pedir o pagamento de 20 mil».

Algumas entidades mais inconformadas já puseram o Estado em Tribunal devido a estes cortes. É o caso da Associação Industrial de Braga, diz Fernando Vargas, que está a contestar um corte de 11 mil contos. Além deste existem mais sete casos de recurso aos Tribunais com o mesmo pretexto.

Os associados do MERE dizem que o DAFSE "desculpou" o método expedito de aprovação, que originou estes cortes, porque não tinha capacidade de resposta às solicitações. «Mas se contrataram firmas de auditoria para o ajudar...», comentam, perplexos.

Tudo ao molho

Fruto da permissividade estatal no arrastar de uma situação com casos que vêm de 1986, não cessam de desfilar as razões de queixa e de crítica. A questão dos "*dossiers* agrupados" é mais uma.

Em 1987 e 1988, o Estado fomentou o agrupamento das candidaturas de forma a facilitar a sua avaliação e despacho para Bruxelas.

Fernando Vargas (MERE): «É esquisito que o Estado não queira esclarecer as suspeitas»

Ora, hoje, basta haver uma suspeita sobre uma empresa de um desses agrupamentos para que todas as outras sejam afectadas e não recebam um chavo. De acordo com Fernando Vargas, apesar do MERE, lançado há mês e meio, só ter cerca de 150 associados, há quase mil empresas afectadas por este esquema de funcionamento do DAFSE.

Demissão total

Além dos pormenores resultantes da lógica referida, é a esta que o MERE se ataca com "unhas e dentes": «O DAFSE demite-se completamente de agir. Não faz coisíssima nenhuma. Quando recebe uma denúncia, nem que seja por carta anónima, suspende os pagamentos, para o que não tem qualquer fundamento legal. Isto é a lei do cansaço, como se houvesse um princípio de que a partir do momento em que o dinheiro da Comunidade entra em Portugal fica bloqueado».

Quem não se bloqueia, deduz-se das suas queixas, é o fisco: haja ou não recebimentos das comparticipações do FSE, há lugar ao pagamento da Contribuição Industrial.

E perguntam: «qual o destino dos juros que o dinheiro retido está a render?».

R. N.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 1782 Processo 1/1352

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Caldas da Rainha a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com 994 metros do poste n.º 1 da linha para o PT n.º 72 LNH da EDP, em Areia Branca (antigo PT 379) ao PT n.º 17 da LNH da EDP, na Praia da Areia Branca (II) (antigo PT 101), freguesia e concelho da Lourinhã, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE LOURINHÃ durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 15 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/2005

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha mista, a 30 kV, com origem no PTC ACN 9 Alviela e término no PTC STR 462 Amiais de Baixo, com 2935 metros, nas freguesias de Louriceira e Amiais de Baixo, concelhos de Alcanena e Santarém,
na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

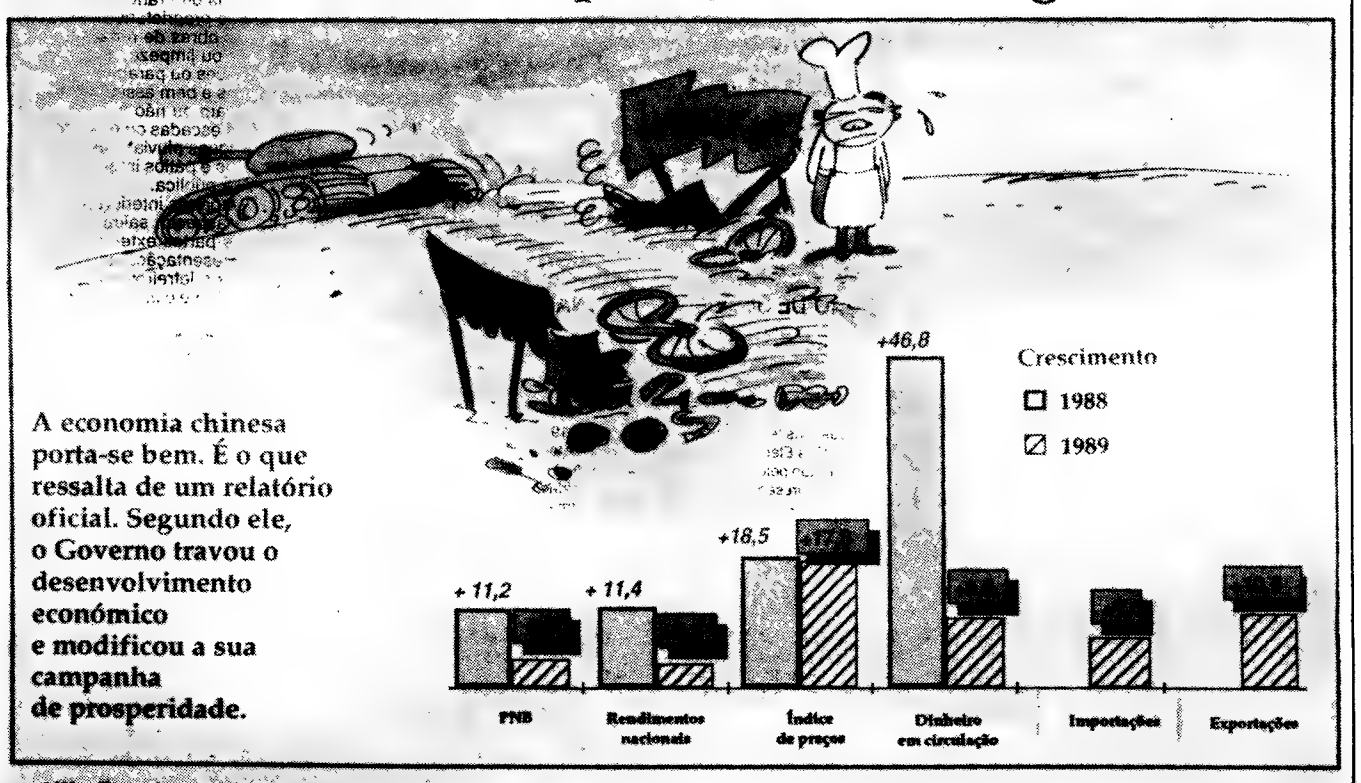
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/14/90

Economia chinesa: operação de travagem



ECONOMIA

O sector industrial já pesa mais de 85 milhões de contos na economia portuguesa, mas tem necessidade de se modernizar e reestruturar

Consumidores manifestam preferência pelo mobiliário de estilo antigo

O mobiliário de madeira de estilo antigo tem a preferência dos consumidores, logo seguido dos móveis «contemporâneos» e modernos e do rústico. Na verdade, a produção portuguesa deste sector industrial produz 55 por cento do primeiro, 40 por cento do segundo e apenas cinco por cento do último.

A indústria de mobiliário de madeira tem vindo a conhecer uma franca expansão desde 1987, ano em que a sua produção foi de 65 milhões de contos. Em 1988 subiu para os 75 milhões e em 1989 para os 85 milhões de contos.

Também as exportações têm tido um comportamento positivo, pois que, de 4,5 milhões de contos em 1987, passaram para 6,5 milhões em 1988 e em 1989 para os 8,9 milhões de contos.A indústria do mobiliário de madeira é constituída por cerca de 2500 empresas, das quais 70 por cento se situam no distrito do Porto e os restantes 30 por cento nos distritos de Braga, Aveiro, Viseu, Leiria e Lisboa. Emprega cerca de 27 mil trabalhadores.

Os principais mercados externos de destino do mobiliário de madeira português são a Alemanha (28,5 por cento), a França (27,5 por cento) e a Espanha (17,6 por cento).

Modernização

O sector do mobiliário de madeira tem sentido uma premente necessidade de se modernizar, o que só agora começa a ser possível com a recente criação de um programa específico no âmbito do PEDIP.

As necessidades de modernização fazem-se sentir essencialmente ao nível do equipamento, do *design* e da reestruturação empresarial.

Neste último caso, é de referir que o sector é constituído essencialmente por numerosas pequenas empresas (muitas delas familiares), pelo que o Governo aconselha uma estratégia de fusões, de forma a poder-se aumentar a competitividade.

No que se refere ao *design*, está em vias de ser estabelecido um acordo com o Centro Português de Design, que permita criar estilos de raiz nacional, acabando-se com a dependência do estrangeiro.

No caso do equipamento, pretende-se recorrer à tecnologia mais avançada, nomeadamente à de base computorizada (CAD/CAM e CIM).

Mobiliário de estilo é preferido pelo mercado

Ano de 1991 vai ser difícil para a economia britânica

A economia britânica vai enfrentar uma situação difícil no próximo ano, apesar da recente adesão da libra esterlina aos Sistema Monetário Europeu.

Esta previsão é tida como certa pela maioria dos analistas britânicos, tendo inclusivamente o ministro das Finanças, John Major, dito há dias que «era imprevisível o grau de dificuldades da economia do país para o ano de 1991».

A opinião pública britânica não está, por isso, convencida que a adesão ao SME seja um remédio para todos os males, tanto mais que o índice de desemprego é elevado. Em 1990 registaram-se 1,66 milhões de pedidos de emprego.

Por outro lado, a taxa de inflação fixou-se em 10,9 por cento no mês de Setembro e a produção industrial sofreu uma quebra de um por cento durante o trimestre de Junho a Agosto, em relação ao mesmo período de 1989. As taxas de juro desceram, entretanto, um ponto desde o anúncio da adesão ao SME, em 5 de Outubro passado.

Recentemente, John Major fez um apelo aos parceiros sociais para que adoptassem «uma disciplina mais dura» com o objectivo de fazer face à concorrência europeia.

Os trabalhistas e os sindicatos rejeitaram todavia os apelos do ministro das Finanças quanto à moderação nas reivindicações salariais, salientando que o Governo não pode culpar os salários dos fracassos económicos da Grã-Bretanha.

Portugueses na Feira de Luanda

A Feira Internacional de Luanda abriu este fim-de-semana com a participação de 166 empresas portuguesas das áreas da construção civil, serviços e assistência técnica.

Para os empresários portugueses, este certame, em sétima edição, significa mais uma «questão de prestígio» do que uma intervenção a nível de vendas, devido ao facto de Angola ser o principal parceiro económico de Portugal em África.

Nesta Feira, que ficará aberta até ao próximo dia 11 de Novembro, estão representados a Espanha, Alemanha, Cuba, Brasil, China, Argentina, Tanzânia, Moçambique, entre outros.

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/496

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção de Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 12 da linha aérea para o PT n.º 1561, na Herdade do Poceirão — Alter do Chão e término no PT n.º 2052, com 1701 metros, na freguesia da Cunheira, concelho de Alter do Chão, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALTER DO CHÃO durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Outubro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 6/11/90

MUNICÍPIO DE LISBOA
EDITAL
N.º 83/90

REPARAÇÃO E BENEFICIAÇÃO DE EDIFICAÇÕES

Tendo em vista o disposto no Artigo 9.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, que determina:
«As edificações existentes deverão ser reparadas e beneficiadas pelo menos uma vez em cada período de oito anos, com o fim de remediar as deficiências provenientes do seu uso normal e de as manter em boas condições de utilização», em todos os aspectos de que trata o citado Regulamento, ao abrigo deste mesmo preceito e tendo ainda em conta o disposto nas posturas elaboradas em sua execução, a Câmara Municipal de Lisboa determina e faz saber o seguinte:

1. Até 31 de Dezembro do corrente ano de 1990, deverão sofrer as referidas obras de beneficiação e reparação geral todos os prédios e demais edificações ou instalações, situadas nas freguesias de Alto do Pina, Beato, Marvila, Penha de França, Santa Engrácia, Santa Maria dos Olivais e São João, pelo que, por este edital, ficam os respectivos proprietários intimados a executá-las.
2. As obras de reparação ou beneficiação deverão incluir, sempre que a sua natureza o justifique, a caiação, pintura ou limpeza, conforme os casos, e abrangerão as seguintes áreas dos prédios.
a) Faces ou paramentos exteriores das fachadas principais, posteriores e laterais, as empenas, telhados ou coberturas e bem assim os muros ou vedações de qualquer natureza, barracões, barracas, telheiros e outros cobertos, sejam ou não vistos da via pública.
b) As escadas ou quaisquer passagens de serventia dos prédios, as canalizações de esgoto e as de escoamento de águas pluviais, as canterias, azulejos e demais revestimentos ou motivos de ornamentação, as paredes dos saguões e pátios interiores, os alpendres, as portas, caixilhos, persianas e gradeamentos, quer deitem ou não para a via pública.
c) As partes interiores dos prédios relativamente às obras necessárias para corrigir as degradações que afectem o bom aspecto, salubridade e segurança das habitações.
d) As partes exteriores correspondentes a estabelecimentos comerciais e industriais, quando, no aspecto da sua apresentação, tenham sido tratadas de forma que as distingue do resto da fachada, incluindo as respectivas montras e letreiros ou símbolos publicitários.
3. Durante o ano de 1990 a realização de obras de beneficiação geral está isenta de taxa de ocupação da via pública.
4. O não acatamento da intimação preenche o tipo de ilícito contra-ordenacional previsto e punível nos termos do 3.º do Artigo 162.º do R.G.E.U., na redacção dada a este diploma pelo Decreto-Lei n.º 463/85, de 4 de Novembro com coima a fixar entre 500$00 e 40 000$00.
5. Podem ser dispensados da realização das obras referidas neste Edital:
a) Os proprietários de construções concluídas há menos de oito anos, desde que estas se encontrem em razoável estado de limpeza e conservação.
b) Os proprietários de construções que durante os últimos oito anos tenham sido submetidos a obras gerais de reparação e beneficiação como as que este Edital impõe, e desde que as mesmas construções se encontrem em razoável estado de limpeza e conservação.
6. As dispensas mensionadas no número anterior devem ser requeridas pelo proprietário à Câmara Municipal dentro do prazo a que se refere o ponto 1., mediante pedido fundamentado.

Paços do Concelho de Lisboa, em 20 de Setembro de 1990.

Por delegação do
Presidente da Câmara Municipal
O Vereador
Vasco Franco

NOTA: ESTA INTIMAÇÃO É VÁLIDA PARA TODOS OS EFEITOS LEGAIS, NOMEADAMENTE PARA A REALIZAÇÃO COERCIVA DAS OBRAS NOS CASOS EM QUE A CÂMARA ENTENDA QUE SE JUSTIFICA TAL ACTUAÇÃO. NESTES CASOS OS PROPRIETÁRIOS SERÃO POSTERIORMENTE NOTIFICADOS DA OCUPAÇÃO DO IMÓVEL NOS TERMOS DO ARTIGO 160.º DO R.G.E.U.

«DL» — 6/11/90

É muito mais oneroso contentar-se com a "paz podre" nas empresas do que admitir a existência de conflitos. Até porque estes existem mesmo sem tal admissão

Ignorância dos conflitos sai cara às empresas

Levar os trabalhadores a participar na vida da empresa pode evitar a radicalização das posições e o absentismo

«É muito mais caro dizer que não há conflitos nas empresas do que reconhecer a sua existência», afirma Pedro Mendes, presidente nacional da Associação Portuguesa dos Gestores e Técnicos dos Recursos Humanos (APG). Com esta afirmação, este dirigente associativo e profissional do sector quer alertar para o preço da "paz podre" dentro das empresas, com que muitos empresários e/ou gestores se comprazem.

O facto de uma empresa não apresentar sintomas evidentes do descontentamento dos seus trabalhadores não significa que não os tenha (sintomas e descontentamento).

Custos da ignorância

Como diz Pedro Mendes, algumas das "compensações" para a aparente paz social interna são o absentismo, a baixa de produtividade, as avarias de máquinas, a frequência elevada de entradas e saídas dos trabalhadores (*turnover*) na empresa, os desperdícios na produção, a quase total ausência de relações inter-pessoais, a total incapacidade empresarial para a inovação, uma cultura organizacional reactiva e uma cultura agressiva face à envolvência.

Nestas empresas, tudo é atribuído à entidade com a maior largura de costas em Portugal - "Eles" -, graças à qual os problemas não são pessoalizados e são "resolvidos" através da agressão/descarga abstracta.

A contrapartida da ausência de discussão sobre, por exemplo, qualidade e modernização é a sobranceria e a indiferença perante as situações e os problemas.

Ora, a recusa do empresário/gestor em encarar a existência de conflitos dentro da sua empresa, ou em aceitar a tese dos conflitos, é tanto mais difícil de explicar quanto a realização de um negócio corresponde precisamente à ocorrência de um conflito entre interesses diferentes.

Pedro Mendes diz que não há que recear o conflito nem procurar evitá-lo: «Há que geri-lo e mantê-lo em níveis suportáveis para a empresa e os trabalhadores».

Só que a concretização de tal proposta depara com um obstáculo de monta: «Muitos gestores desprezam e ignoram os mecanismos organizacionais e continuam a fazer uma gestão paternalista».

Os custos de tais práticas de gestão, além dos referidos, são os derivados da incapacidade de aproveitar as sinergias internas que os conflitos podem desencadear: «Já se percebeu a faísca no céu, mas na empresa ainda não».

Tal aproveitamento «não é questão de ter jeito, porque os homens, hoje, são relativamente mais ricos, mais cultos, mais informados, mais exigentes». O que se passa é que «às exigências dos comandados não tem correspondido o aumento da qualidade dos comandantes».

Gerir o conflito

Com este pano de fundo, Pedro Mendes entende que «a formação na área da gestão dos conflitos não só é importante como devia ser obrigatória», porque, justifica, «um gestor bem informado sobre o micro-cosmos da empresa pode conter o conflito nos níveis suportáveis em vez de pensar que pode eliminá-lo, porque não pode».

Sem dominar a gestão do conflito, os responsáveis empresariais estarão condenados a assistir à evolução entrópica da empresa. Como diz o presidente da APG: «Não somos médicos nem enfermeiros para tratar das nódoas negras feitas pelos outros».

O reconhecimento do conflito como fenómeno próprio e natural da vida das empresas é algo que ainda não é adquirido. Não há qualquer estrutura encarregada da gestão dos recursos humanos na maioria das empresas. Em muitas onde existe, é tolerada como «um mal necessário», porque «os empresários descobriram a existência do conflito».

O facto de os primeiros responsáveis por tais departamentos serem oficiais do Exército reformados (de preferência, de Cavalaria) ou advogados diz bem do modo como se pretendiam resolver os problemas do conflito, ou, segundo uma terminologia mais adequada para o caso , "tratar dos assuntos do pessoal".

Ou seja, tais departamentos «surgem precisamente da tentativa de abafar o conflito».

De resto, esta lógica corresponde ao domínio da burocracia, que quer forçar a uniformidade e a conformidade.

Sem preço

Porém, o perfil destes responsáveis está a mudar, o que leva Pedro Mendes a estar satisfeito com as perspectivas que se abrem à classe.

Entre os sinais que destaca, incluem-se o ritmo de crescimento do número destes profissionais, a adesão elevada à APG, o facto de o Congresso (ver "caixa) contar com cerca de 600 pessoas e as novas visões que predominan nas grandes empresas, a propósito do desenvolvimento das pessoas, da organização e da cultura organizacional.

Este último caso leva-o, inclusivé, a recomendar que as empresas sejam extremamente exigentes nos seus recrutamentos para a área do pessoal, porque «um bom director de pessoal não tem preço».

Na base de tal asserção está o entendimento que «esta função, mais do que as outras, é feita fundamentalmente por quem a ocupa».

No desempenho desta, o gestor de recursos humanos tem os «vértices básicos» da sua acção representados pela negociação, comunicação e ensino dos outros gestores a agir dentro da percepção dos mecanismos institucionais inerentes à lógica da negociação permanente.

Pedro Mendes exemplifica com o seu quotidiano: «O meu papel é fazer pontes entre vários membros e instituições das organizações. Quando me perguntam o que faço, respondo: "Faço *bridging*"».

Rui Nunes

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

1 ANO	—	18 000$00
6 MESES	—	9 000$00
3 MESES	—	4 500$00
1 MÊS	—	1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio cheque vale do correio

• Números atrasados 70$00 cada • Mudança de endereço 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

COMENTÁRIO

Da ausência do conflito

"Quero um emprego e não um trabalho" será, por ventura, a frase popular que traça, com exactidão, a bissectriz dos vários sentimentos em que assenta o divórcio trabalhadores/função/empresa.

Reflexo do arcaísmo português materializado em várias relações (sociais, políticas, pessoais, profissionais, culturais, profissionais, empresariais...), esta afirmação esconde/revela um vasto conjunto de sintomas de mal-estar existentes no quotidiano intra-empresa.

O arcaísmo neste caso concreto é materializado pela substituição do conflito aberto por esquemas e expedientes, vários e variados, que obedecem todos à mesma lógica: substituir o conflito - formal, aberto e manifesto - pelo suportar a convivência com a frustação.

Se, pela parte dos trabalhadores, a frustação tanto pode ser financeira, como psicológica, como "meramente" resultado da observação da incorrecção dos métodos de funcionamento da empresa, pela parte dos empresários (ou dos patrões) a frustação reside nos resultados naturais da filosofia do "quero, posso e mando": negativos e com consequências nas relações mantidas com trabalhadores, fornecedores e clientes, entre outros.

A falta do hábito de diálogo e entendimento entre empregadores e empregados, no terreno da micro-economia - para glosar recuperação deste termo, tão em voga ultimamente -, representa a causa comum a ambos os "desgostos", que nem as discussões institucionais (institucionalizadas...) no Conselho Permanente da Concertação Social escondem.

As empresas que têm um quotidiano marcado por relações norteadas pelo paternalismo dos empregadores e pela submissão inconformada e rebelde dos empregados - que representam a maioria do tecido produtivo nacional - estão perante um dilema para não soçobrar:

Falta de hábito no recurso ao diálogo intra-empresa "impõe" a força como método de resolução de conflitos e o absentismo e a sabotagem surda como válvulas de escape

Incipiência democrática inibe resolução dos problemas

A incipiência da democracia portuguesa poderá estar na base das poucas manifestações de conflito organizacional apresentadas pelas empresas, admite Correira Jesuíno, docente universitário da área de Psicologia Social: «O conflito é muito mais latente que aberto».

Segundo diz, uma eventual explicação poderá ir beber à definição de democracia dada por um autor (Norberto Bobbio), segundo o qual esta «é o meio para resolver conflitos sem ser pela força».

Ora, em Portugal «há pouca democracia substantiva, isto é, na sociedade civil e em geral. Ainda está muito limitada ao serralho, à classe política, à Assembleia da República».

Só agora, diz, «começamos a aprender a reclamar enquanto clientes, por exemplo».

O tipo de democracia substantiva, que premeia associações e organizações da sociedade civil, está pouco disseminada, o que é compensado pela resistência surda á autoridade.

A fuga ao confronto, alimentada pela inapetência pelo exercício da autoridade e pelo dizer "não", é substituída por outros comportamentos: «Vamos mais pelo absentismo, pela sabotagem surda e pela desimplicação do nosso trabalho».

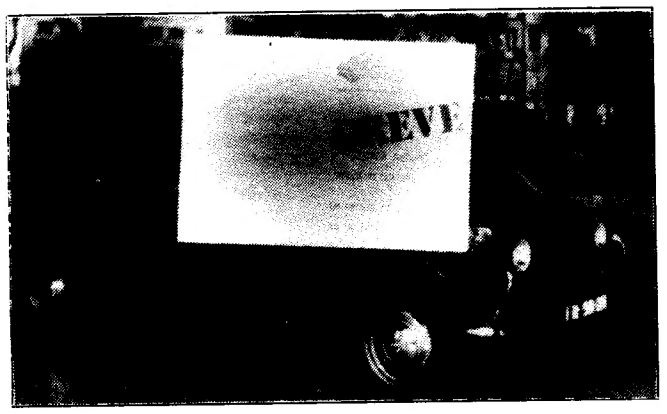
Fruto de hábitos enraízados, esta situação está, porém, a alterar-se.

Correia Jesuíno prevê: «Vamos ser mais conflituosos, no bom sentido do termo, porque a sociedade civil está a enriquecer-se, a ser mais densa. Vamos exprimir os nossos interesses e ir para negociações mais civilizadas». Mas não deixa de relembrar a realidade: «O tecido democrático da sociedade civil ainda é muito débil».

Frustação

A importância da fraqueza da base social para tratar com o conflito surge na sua plenitude se se considerar que na base de um conflito está sempre uma frustação.

No caso das empresas, os conflitos (e as frustações que os originam) são parte integrante do dia-a-dia. «São até condição de criatividade», afirma.



A fuga ao confronto leva a comportamentos mais violentos

Para o nosso interlocutor, empresas constituídas por pessoas sempre de acordo com o que se faz, não estão nas melhores condições para responder a preocupações de renovação. Mais: «Um gestor deve desconfiar quando não existe conflitualidade».

O preço que se paga para haver criatividade, diz, é a existência de um nível de conflitualidade mais elevado. A arte da gestão dos conflitos é encontrar o ponto óptimo da expressão do conflito. Pretende-se assim evitar os pólos indesejáveis: as situações de apatia e as opostas, em que a empresa, sob a "lei da selva", transforma-se em uma arena política.

No limite, o entrechocar incontrolado de interesses divergentes pode conduzir a empresa à fragmentação e ao colapso.

Entender que os empregados estão ligados por dois contratos à empresa é meio caminho andado para lidar com a dinâmica e a lógica dos conflitos: o contrato formal, de carácter económico, e o informal, de carácter psicológico.

Ver só parte da relação empresa-empregado não é, por certo, a melhor maneira de gerir o conflito, até porque, desde logo, inibe a percepção da sua ocorrência com outros intervenientes.

Por outra palavras, o conflito, na empresa, manifesta-se entre duas pessoas, dentro de um departamento, entre departamentos ou, ainda, entre a empresa e os agentes externos que com ela se relacionam: concorrência, clientes, fornecedores, autoridades económicas e fiscais, sindicatos...

Negociação/consenso

Do grau de irredutibilidade das posições em presença depende a forma de actuação com vista à resolução do conflito: os extremos são tipificados pelo consenso e pela negociação.

A solução alcançada será função do modo de gestão aplicado: ou se chegará a uma aproximação entre as partes ou assistir-se-á a uma escalada, com a polarização das posições.

Eliminada a gestão consensual, resta o método da negociação para alcançar uma decisão conjunta face a interesses divergentes.

Neste existem várias etapas: negociação directa entre as partes, recurso à mediação, à arbitragem, às instâncias judiciais e, por fim, às acções ilegais, que podem incluir a violência.

Em termos gerais, pode dizer-se que quanto mais consensual for uma organização mais solucionará os seus conflitos através da comunicação, ao passo que uma outra mais politizada (no sentido de dividida por "capelinhas") tenderá a recorrer mais à negociação.

A habilidade da mentira

Das técnicas de negociação - reduzidas, ao fim e ao cabo, à comunicação e à persuasão - fazem parte a comunicação (verbal e não verbal), com que se pretende detectar incongruências no adversário e medir a sua coerência, a persuasão, que tem motivado uma certa recuperação da Retórica, e a influência social.

Estas formas de inter-relacionamento, diz Correia Jesuíno, têm alimentado toda uma plêiade de disciplinas académicas: matemática do conflito, economia da negociação, psicologia da negociação, modelos formais, teoria dos jogos estratégicos...

Porém, na base de toda as matrizações encontra-se sempre o Homem.

Daí que «toda a habilidade da negociação reside na descoberta do mínimo e do máximo que o adversário oferece». A cultura negocial é, assim, constituída pela «exaltação dos aspectos positivos e pela ocultação dos negativos». Dizer «meias-verdades» faz, pois, parte das regras do jogo.

Com o entendimento do diálogo como "variável invariante", há autores que classificam a empresa como «uma ordem negociada». Daqui à visão da negociação de um contrato colectivo de trabalho como uma oportunidade de «socialização do diálogo», mais do que como um momento para fixar um montante salarial, vai um passo de anão.

R. N.

ito ao conflito da ausência

entre
rega-
icro-
ar
o, tão
te -,
um a
que
insti-
nali-
Per-
tação

n um
or re-
pater-
ores e
nfor
mpre-
am a
utivo
e um
obrar:

ou encaram e admitem a existência dos conflitos, e aproveitam as suas potencialidades, ou adiam o seu fim, através do reforço do paternalismo.

Isto enquanto a concorrência o permitir...

Porque se há dado adquirido na economia portuguesa são as alterações decorrentes do aumento das influências da "Europa" (leia-se: internacionalização da economia portuguesa) e a importação de novas grelhas de referência e modelos analíticos na gestão do dia-a-dia empresarial.

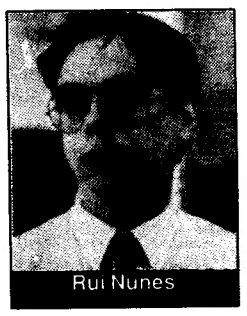
Desencadear sinergias e aumentar produtividades é o objectivo.

Claro que não é difícil admitir que tais lógicas provêem de outro universo, com outra atmosfera e onde os agentes estruturantes têm outras morfologias que não as dos seus homólogos portugueses.

Pretende-se, com isto, dizer que não basta que os empresários passem a ver o conflito nas suas empresas como fonte dinâmica de solução de problemas, para que as "coisas" passem a correr bem de acordo com os seus objectivos e para que os trabalhadores se envolvam na empresa, como se de coisa sua se tratasse.

Por outras palavras ainda, a ausência de uma "clássica" gestão de conflitos em Portugal mais não faz do que acompanhar outras ausências, que afectam negativamente a tão propalada produtividade.

Ou seja: a gestão dos conflitos é importante, mas não esconde deficiências, impreparações e ausências nos campos da formação (onde se inclui a dos próprios patrões, empresários, gestores, enfim dirigentes e responsáveis *tout court*), das infraestruturas, dos transportes, das condições de vida, das referências culturais, dos modos de vida...



Pelo contrário, reflecte-as.

Reduzir (ou promover) um factor a alavanca de mudança é tomar a árvore pela floresta.

É como pôr Carvalho da Silva ou Torres Couto no Ministério do Trabalho, Ferraz da Costa no Ministério do Emprego, Eusébio no Ministério dos Desportos ou Amália Rodrigues no Ministério da Cultura.

As coisas valem o que que valem, pesam o que pesam, relacionam-se como se relacionam e estão inseridas nos ambientes onde estão.

Encontro nacional de gestores de recursos humanos

A Associação Portuguesa de Gestores e Técnicos de Recursos Humanos realiza o seu XXIII Encontro anual nos dias 14, 15 e 16 do próximo mês, na FIL. O tema central do Encontro é "Emprego e formação: horizonte 2000". Paralelamente, decorre um *trade-show* com cerca de 60 expositores.

Entre os participantes no encontro que apresentam comunicações contam-se Manuel Vilares, presidente do Instituto Nacional de Estatística, Bagão Félix, secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, o director-geral da Cooperação, o presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional, Manuel Nazareth e Ribeiro Telles. Do estrangeiro virão responsáveis das universidade de Lovaina (o reitor) e Barcelona, o ex-director-geral da Explosivos de Rio Tinto, Manuel Ularte, e o director de *marketing* da Longman's.

Os organizadores estimam que o Encontro contará com a presença de 600 a 650 participantes.

Refira-se que a APG conta com 1750 sócios, dos quais 1200 são efectivos, 250 estudantes e 300 empresas. Por outro lado, está empenhada em reformular a sua revista ("Pessoal") para fazer dela «uma coisa a sério», afirma Pedro Mendes.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$80	51$80
ALEMANHA (marco)	87$80	89$00
ÁUSTRIA (xelim)	12$50	12$70
BÉLGICA (franco)	4$080	4$330
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	112$05	114$55
(notas de 5 a 1000)	112$55	114$05
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA	1$363	1$483
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	129$50	133$00
(notas de 5 a 1000)	130$00	133$50
FINLÂNDIA (marka)	36$90	37$50
FRANÇA (franco)	26$20	26$90
HOLANDA (florim)	77$90	79$00
IRLANDA (libra)	234$85	238$85
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$992	1$047
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	257$15	261$65
SUÉCIA (coroa)	23$55	24$05
SUÍÇA (franco)	104$20	105$70
VENEZUELA (bolívar)	2$395	3$195

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

É necessário formar homens que dominem as tecnologias e que se faça a sua integração na sociedade pós-industrial, defende o economista Alain d'Iribarne

Competitividade das empresas passa pela inovação social

As tecnologias são apenas mais um dos factores de competitividade de uma empresa. O tecido social é também importante. É necessário formar os homens para que possam dominar estas tecnologias, mas igualmente para que se integrem na sociedade pós-industrial. Negligenciando este aspecto, como é muitas vezes o caso, as firmas expõem-se aos riscos da explosão social.

Nesta entrevista, Alain d'Iribarne, director do PIRTTEM, Programa Interdisciplinar sobre Tecnologias, Trabalho, Emprego e Modos de Vida, e autor duma obra intitulada «Competitividade, Desafio Social, Batalha Educativa» (Presses CNRS,1989), desenvolve estes temas.

Le Monde - *Quais são as batalhas das novas tecnologias?*

Alain d'Iribarne - O meu livro analisa as consequências da automatização do fabrico e do tratamento da informação - pela via da informática - sobre as actividades económicas, quer sejam industriais ou terciárias.

As máquinas elementares desta produtividade são conhecidas: equipamento de comando numérico, robots, automáticos programáveis ou ordenadores. Estas tecnologias adaptam-se a dois conjuntos essenciais de funcionamento da empresa. Primeiro geram um grupo de fluxos de produção, desde as primeiras matérias até ao produto final, tornando solidárias as unidades de produção cada vez mais descentralizadas.

Por outro lado, elas reuniam todas as informações relevantes da vida da empresa, permitindo definir objectivos de produção ou de gestão e controlar os resultados. Os estudos levados a cabo sobre esta nova «arquitectura» mostram que ela responde mais que os esquemas clássicos - a saber, unidades reunidas e pouco solidárias - às exigências da concorrência. Isto é, baixa os custos, melhora a qualidade, reduz a duração de fabrico e assegura uma maior flexibilidade na produção. É o que faz a superioridade dos italianos, como, por exemplo, a Benetton na indústria das malhas.

LM - *Quais são as consequências da sua introdução nas estruturas das empresas?*

A.I. - Não acredito no impacto das tecnologias em termos de consequências sobre as estruturas da empresa. De facto, no interior das sociedades, tecnologia e organização desenvolvem-se separadamente. Todavia, apesar desta autonomia, elas agrupam-se criando novas estruturas num quadro geral definido, dum lado, pela descentralização da produção e, por outro, pela concentração do poder decisório.

Face a estes obstáculos tecnológicos e de mercado, cada sociedade deve construir a organização mais pertinente para ela, tendo em conta os meios que dispõe e a sua estratégia. Não existe um modelo único da empresa com bons índices de produtividade.

LM - *Que mudanças devem empreender as firmas francesas para assegurar a sua competitividade?*

A.I. - Mudar, para as empresas francesas, implica entrar nesta nova forma de arquitectura tecnológica sobre a qual repousa, neste momento, a competitividade. Ora, de uma forma geral, elas têm ainda as estruturas de produção tradicionais, ao contrário de grandes países industriais como a Alemanha, o Japão e a Itália.

Este desnível é menos sensível com os EUA ou a Inglaterra. O caso mais típico é o da indústria automóvel, apesar dos esforços desenvolvidos. Consequência para o nosso país: a balança industrial dos bens e serviços tem dificuldades em equilibrar-se face a nações mais desenvolvidas.

A sociedade francesa é conservadora

LM - *Não existem outros motivos que expliquem o económico francês?*

A.I. - Efectivamente, é preciso levar em conta a insuficiência dos investimentos produtivos levados a cabo desde 1979 comparados com os países concorrentes. Por outro lado, as empresas francesas privilegiaram os investimentos da produtividade sobre os investimentos de capacidade ou novo fabrico. Estes últimos foram orientados através de equipamentos clássicos ou de máquinas de alta tecnologia nem sempre utilizadas de maneira óptima (ateliers flexíveis e linhas robotizadas no automóvel, por exemplo).

Globalmente, o aparelho de produção envelheceu e, paralelamente, a sua taxa de utilização não parou de baixar segundo a redução do tempo de trabalho. Durante o mesmo período, os investimentos na organização do trabalho e na formação, que teriam sido necessários para manter a sua eficácia, foram negligenciados. Assim, contrariamente a uma ideia feita, o problema da indústria francesa é menos o da duração do trabalho e mais o da sua capacidade de pôr a trabalhar mais depressa e eficazmente o próprio pessoal.

LM - *Porque é que as empresas francesas colocam objecções à mudança tanto no plano tecnológico como no humano?*

A.I. - Globalmente a sociedade francesa é conservadora por que procura manter nas mesmas bases do seu sistema social saídas da história do país. Temos que criar diferenciações entre grupos de indivíduos que conduzam a estratificações profissionais e sociais específicas, como por exemplo a distância entre operários e quadros. A sociedade francesa só aceita as mudanças na condição de não a porem em causa e de operarem na estabilidade. Toda a arte da transformação consiste em encontrar formas tecnológicas e organizativas que não a violentem. A invenção duma gestão para ultrapassar esta dificuldade aumenta a competência dos chefes das empresas.

Modificar as crenças

LM - *Fala de «intelectualização» das actividades económicas. Que significa essa expressão?*

A.I. - A noção de intelectualização remete-nos para a invenção das técnicas de ponta e de novos produtos, quando é necessário criar novas maneiras de produzir. Esta última medida pertence a todas as empresas, grandes ou pequenas. Para conceber os intrumentos de gestão que referi atrás, é preciso dispor de matéria cinzenta. É neste sentido que se pode definir a noção de intelectualização. Ora, em França existe uma divisão do trabalho entre os investigadores, cuja missão é pensar, e os homens de acção que actuam nas empresas.

Nós produzimos o conhecimento abstracto enquanto que os operacionais agem e raramente têm tempo e gosto em reflectir no quadro do seu trabalho quotidiano. Não se pode manter por muito mais tempo este corte porque ele implica desperdícios, erros de compreensão e faltas de gestão graves.

LM - *Você defende o «profissionalismo» no seio da empresa. Que entende por isso?*

A.I. - A noção de profissionalismo tem um fraco estatuto em França. É o homem brilhante ou o amador esclarecido que ganha todos os louros. A situação é radicalmente diferente nos países anglo-saxónicos onde o profissionalismo remete para a capacidade de um indivíduo se mobilizar inteiramente face aos objectivos que lhe foram propostos ou que ele se dispôs a fazer.

Atrás desta ideia, encontram-se as noções de autonomia e de competência que traduzem uma fiabilidade social. Em França, só a fiabilidade técnica é levada em conta. Todavia, alguns esforços são desenvolvidos para reabilitar o conceito de profissão para os executivos. Os profissionais, na tradição nacional, tinham um modo de trabalhar que se assemelha à do profissional no sentido anglo-saxónico do termo. A nossa competitividade passa por esta mudança de estado de espírito.

LM - *O desemprego seria ainda tão alto em França se os empregadores dominassem antes de mais as novas tecnologias?*

A.I. - Se se partir do princípio que as nossas empresas necessitam de uma mão-de-obra apta a dominar as novas tecnologias para aumentar a competitividade, ganhando partes do mercado, então pode-se estabelecer uma diminuição do desemprego que resultaria da formação, mas este raciocínio não é sempre evidente, pois na prática os ganhos de produtividade crescem muitas vezes mais rapidamente que os mercados, não justificando necessariamente a contratação de pessoal.

Por outro lado, as empresas exigem sempre mais competência da parte dos indivíduos com vista a realizar a melhor selecção possível. Elas querem sempre «os melhores» e não se sentem preocupados com os outros. O problema não é dos que procuram emprego em geral, mas dos menos favorecidos que o procuram, não dispondo de nenhum atractivo para o empregador, ficando no desemprego quaisquer que sejam as condições do mercado. É pois necessário que estes adquiram os elementos profissionais precisos para se tornarem produtivos nas formas de organização renovadas. Pode fazer-se muitas coisas com pessoas tidas por não competitivas, modificando as nossas certezas e a nossa maneira de actuar.

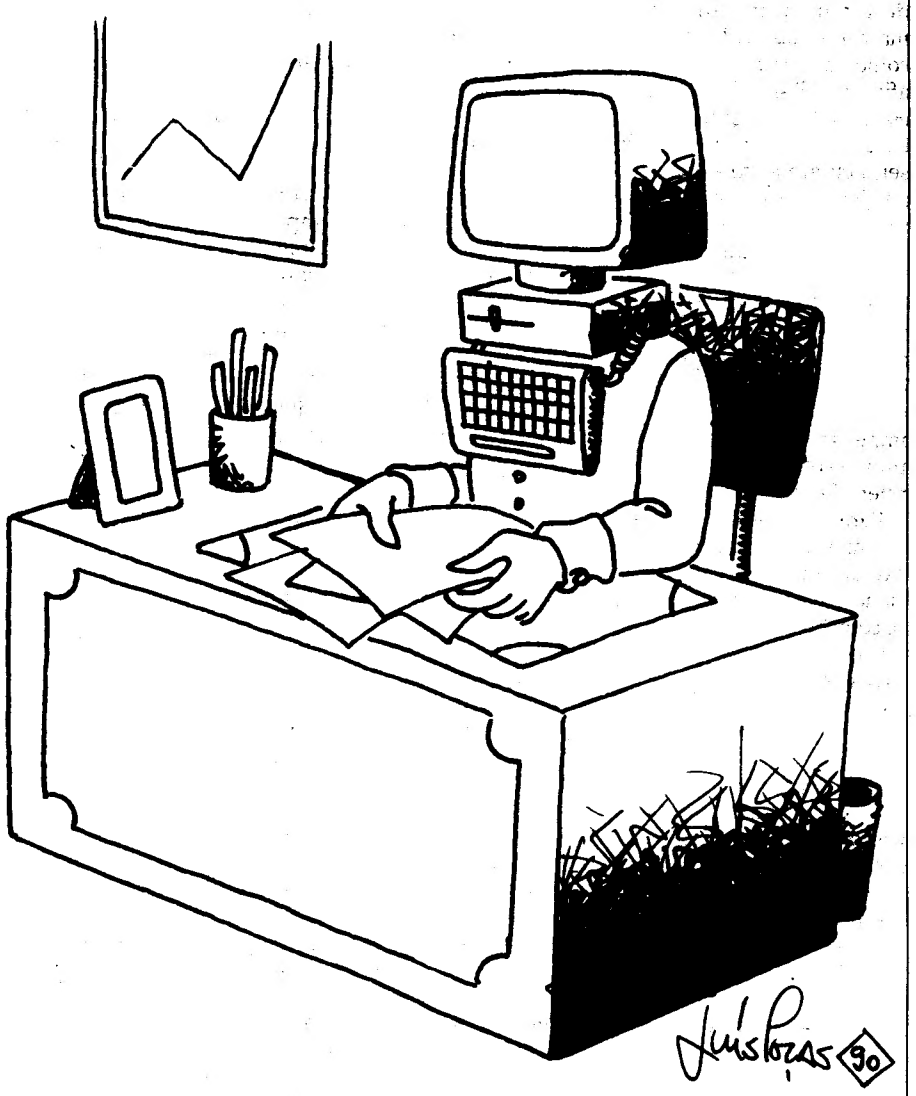
Avaliamos demasiado os indivíduos por atributos exteriores: o número de anos de estudo, a experiência, os comportamentos. Mas estes últimos são susceptíveis de mudanças se se criarem condições para essa mudança, como por exemplo através de formas evoluídas de enquadramento e de organização do trabalho. As empresas podem dizer-nos que isso não é a função delas. Eu respondo: essa é também a vossa missão.

LM - *Quais são os laços entre a modernização do aparelho produtivo e a modificação do aparelho educativo?*

A.I. - Não se deve pôr o problema sob este ângulo: a modernização do aparelho educativo deve responder à modernização do aparelho de produção. Tal como se faz para as tecnologias e as organizações, devemos orientar a transformação educativa e a da produção de um modo coerente, pois elas possuem uma dinâmica e uma finalidade próprias e interligam-se entre si. Esta coerência é necessária e deve garantir simultaneamente competitividade económica e coerência social.

Com efeito, não se pode encarar, por um longo período, uma competitividade que se sobreponha à coesão social. Assim, uma lógica de crescimento que se apoia sobre a exclusão massiva duma parte da população seria uma estratégia suicidária. Teríamos de um lado os homens e as mulheres rentáveis, bem pagos, com um estatuto elevado, considerados como os únicos cidadãos de direito. Do outro lado, um outro sector: o dos biscates, com indivíduos susceptíveis de assistência, de um estatuto de segunda.

Este esquema não resistiria senão com um governo forte e um ministério do Interior particularmente sólido e recuaria para uma concepção de Estado completamente contraditória com os fundamentos dum país democrático. O debate sobre a modernização do aparelho produtivo e do educativo remete para escolhas da sociedade. Penso que neste domínio ainda não se reflectiu bastante. E os que reduzem esta problemática a meros aspectos técnicos cometem um erro. No fundo, a competividade das empresas passa pela inovação social.



Exclusivo DL/Le Monde

Passatempos, processamento de dados no escritório, automação industrial, recolha de dados para a defesa do meio ambiente seriam impensáveis sem a ajuda dos minicérebros cristalinos

Microelectrónica: uma ideia revoluciona o mundo

«Poucas invenções deixaram um cunho tão marcante na vida humana como a microelectrónica», afirma o físico F. S. Becker, especialista em supercondutividade e em tecnologia laser, actualmente a trabalhar na Siemens, onde participa num projecto de desenvolvimento de um chip de 16 Megabits.

«Passatempos, processamento de dados no escritório, automação industrial e recolha de dados para a defesa do meio ambiente seriam impensáveis sem a ajuda dos minicérebros cristalinos», refere Beccker.

Para ele, a rápida ascensão da microelectrónica deve-se a uma simbiose única entre a ciência e a economia. «Para se compreender esta situação é necessário considerar tantos os aspectos técnicos como os económicos», afirma, passando a desenvolver o seu pensamento conforme passamos a transcrever.

Da ideia à produção em série

Há três décadas atrás, a invenção do circuito integrado iniciou uma revolução técnica que ainda não acabou. A soldadura morosa de componentes, como transistores, díodos ou condensadores, foi substituída pela sua produção em simultâneo num «chip» de silício. Dez anos mais tarde era já possível integrar mil transistores num só «chip». Hoje em dia, o mercado oferece módulos com quase 10 milhões de componentes activos e o «gigabit», com um bilião de trsnsistores integrados, já parece possível.

Vários factores contribuíram para o aumento da capacidade dos «chips». Estruturas cada vez mais finas são integradas em superfícies de «chips» cada vez maiores. Desde há alguns anos recorre-se também activamente à terceira dimensão. A delicadeza real das estruturas fica patente através da comparação com um cabelo humano, o qual é 50 vezes mais espesso do que elas.

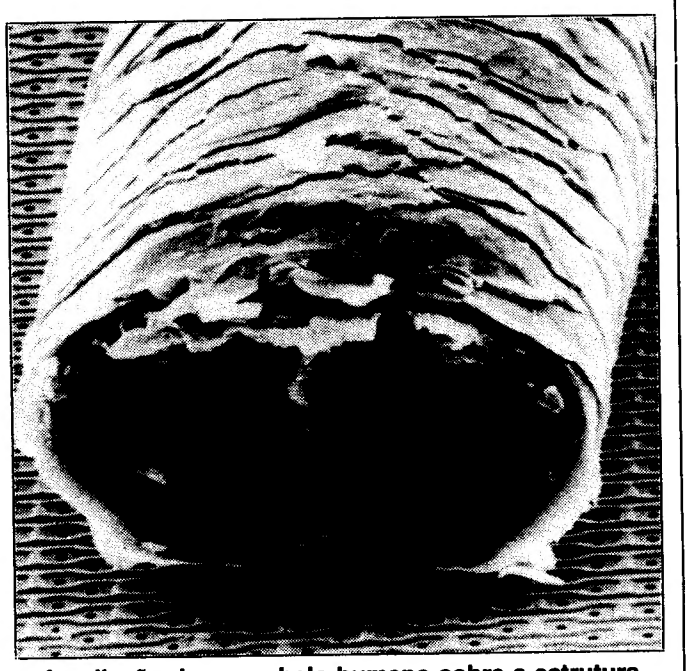
Os módulos de memória desempenham um papel especial na microelectrónica, porque são produzidos aos milhões e apresentam uma estrutura muito regular. Graças a esta propriedade, eles são um veículo de teste ideal para optimizações baseadas em análises estatísticas de novas técnicas de fabrico. Por isso as memórias constituem tradicionalmente a «ponta de lança» do progresso tecnológico da microelectrónica, i.e. elas apresentam a maior densidade de integração. Alguns anos depois, o processo de fabrico assim ensaiado é utilizado para a produção de outros circuitos integrados, por exemplo os microprocessadores.

Os módulos de memória não são concorrentes, mas sim complementos dos suportes magnéticos, visto desempenharem o papel de «memórias voláteis» na técnica digital. Consoante a aplicação exigisse maior velocidade ou menor consumo de energia, assim foram desenvolvidos vários princípios para a armazenagem de informações.

No caso das SRAM (Static Random Access Memory), é a posição do interruptor flip-flop que define o bit individual, ou seja, a informação básica «sim/não». A DRAM (Dynamic Random Access Memory), pelo contrário, lê a informação através de um transistor selectivo para um condensador e estabelece assim a informação 0/1. Este tipo de memória chama-se «dinâmico» por causa da carga do condensador diminuir gradualmente em consequência de correntes de fuga, exigindo a regeneração periódica de um circuito lógico integrado no «chip».

Para o fabrico de uma DRAM de 4 Mbits, ou seja, de uma memória capaz de armazenar exactamente 4 milhões 194 mil e 304 bits, são necessárias cerca de 450 fases de processo, repetidas peridiodicamente em grupo. Em todas estas fases é exigido um elevado grau de perfeição, superior a 99 por cento. Com apenas 99 por cento e após 450 fases a 99 elevado à 450ª potência, o aproveitamento final de «chips» operacionais diminui para menos de 1 por cento.

Uma comparação facilita a compreensão do problema: se um «chip» de 4 Mbits da Siemens, com dimensões de 14 por 6,5 milímetros, fosse aumentado pelo factor 10.000, atingindo o tamanho de um campo de futebol, teria espaço para 270 quilómetros de condutores de alumínios. A camada de isolamento mais fina teria 0,13 milímetros de espessura e não toleraria mais do que uma partícula de sujidade do tamanho da cabeça de um alfinete. O aumento das superfícies e estruturas ainda mais delicadas tornarão os futuros «chips» ainda mais susceptíveis a defeitos.



Ampliação de um cabelo humano sobre a estrutura de um «chip»

No caso das DRAMs, desenvolveu-se no passado, em cada três anos, uma nova geração com quatro vezes mais capacidade de memória. Depois das DRAMs de 4 Mbits, introduzidas no mercado em 1989, seguir-se-ão as de 16 Mbits em 1992 e as de 64 Mbits em 1995.

Depois disso será mais difícil prever o desenvolvimento, dado que a geração das estruturas exigirá provavelmente o recurso a raios X e os aspectos de rentabilidade económica ainda não estão esclarecidos.

Actualmente, os custos de desenvolvimento aumentam 50 por cento em cada geração de memórias e os custos de fabrico de 50 a 100 por cento. O número de empresas capazes de financiar tais verbas é cada vez menor e os acordos de cooperação e as fusões aumentam.

Factor económico importante

O primeiro «wafer» com memórias de 16 Megabits

A microelectrónica é, hoje em dia, um produto de massas, cujas vendas mundiais em 1988 ascenderam a 110 biliões de marcos alemães, dos quais 2,8 biliões apenas na Alemanha Federal.

Contudo, estes números não reflectem totalmente a importância dos «chips», indispensáveis para muitos dos produtos modernis. Só na Alemanha Federal foram produzidos em 1988 bens no valor de 600 biliões de marcos, desde maquinaria, electrotecnia, mecânica de precisão, óptica, relojoaria, indústria automóvel, equipamento de escritório e de processamento de dados.

Neste conjunto de produtos, o valor económico dos «chips» tem um papel subordinado, mas em termos de capacidade eles são decisivos. Sem a inteligência artificial dos «chips» os produtos de um país altamente industrializado não podem concorrer no mercado internacional.

Sendo certo que uma parte dos «chips» pode ser importada de outros países, é igualmente certo que um país não pode dispensar a longo prazo uma base própria de microelectrónica - os circuitos integrados de aplicações específicas exigem um nível cada vez mais elevado de conhecimentos, que terão de ser adquiridos a outrém no caso da importação de «chips».

Além disto, o factor tempo desempenha também um papel fundamental, tendo em conta que dentro das grandes empresas japonesas os protótipos de novos «chips» são disponibilizados para a própria empresa antes de passarem para a concorrência europeia. O primeiro a montar os circuitos integrados mais modernos nos seus produtos garante um avanço muitas vezes decisivo em relação aos concorrentes.

Sem uma indústria de microelectrónica própria, é quase impossível criar e manter a base industrial indispensável às instalações altamente complexas para a produção de «chips».

Perante os efeitos dificilmente previsíveis que a alteração de uma fase do processo de produção de «chips» pode ter sobre a funcionalidade do circuito, devem ser desenvolvidas novas instalações em estreita cooperação com o fabricante dos «chips». É óbvio que o «know-how» essencial só estará mais tarde à disposição de terceiros.

Em nenhuma outra indústria o factor tempo é tão decisivo como na licroelectrónica; o rápido progresso técnico condiciona uma rápida queda dos preços.

Dificilmente existirá outro pro-duto de massas cujo fabricante se tenha de contentar com apenas um décimo do lucro inicial, após pouocs anos de fabrico. A deterioração dos preços leva, por sua vez, as empresas a lançar componentes mais integrados, a fim de melhorar a sua margem de lucro.

Há 20 anos, como inventores do circuito integrado, os Estados Unidos dominavam o mercado internacional. Nos últimos anos, porém, o Japão tornou-se um concorrente de respeito, com uma política selectiva e agressiva, conquistando nalguns produtos, por exemplo memórias dinâmicas, quase 90 por cento do mercado mundial. Embora os Estados Unidos ainda detenham uma posição forte nos microprocessadores e equipamentos de produção de «chips», os japoneses já estão a avançar em força.

A Europa desempenha sobretudo um papel de consumidor, importando dois terços das suas necessidades de «chips». Devido aos efeitos negativos já aqui esboçados, os europeus empenharam-se nos últimos anos em diversos projectos, como por exemplo o projecto Mega (a DRAM de 4 Mbits da Siemens), lançado no mercado em 1989.

A iniciativa JESSI (Joint European Submicron Silicon) é a sucessora deste projecto e visa um reforço da investigação e da indústria de equipamentos. Mais de uma centena de empresas europeias querem cooperar e investir mais de oito biliões de marcos nesta iniciativa.

Mesmo assim, serão necessários esforços adicionais para garantir à Europa uma posição relevante na tecnologia do futuro: a microelectrónica. Sem isto, a Europa corre o perigo de perder a «guerra dos chips» e, consequentemente, a sua posição no qudro das potências industriais.

F. S. Becker

ECONOMIA

Concorrência desleal dos mandatários, dependência dos concessionários aos produtores e desnivelamento dos preços são questões omissas na legislação comunitária do sector

Regulamento sobre automóveis não agrada aos utilizadores

As regras comunitárias para venda e distribuição de automóveis não agradam a todos, nomeadamente aos concessionários que ficam dependentes dos fornecedores, e a concorrência nem sempre é feita de uma maneira transparente devido em grande parte aos mandatários.

A informação e a discussão sobre esta matéria é vital para os agentes económicos portugueses, cada vez mais perto da Europa dos Doze. Neste sentido, a CCP, Confederação do Comércio Português, efectuou na passada semana um seminário subordinado ao tema «As Regras da Concorrência», com o apoio da direcção-geral da Concorrência e Preços.

Como disse ao DL Alexandra Costa Artur, directora do gabinete de Assuntos Internacionais da CCP, «a CCP está empenhada em sensibilizar os agentes económicos e quadros das associações portuguesas para a importância das regras de concorrência em termos de legislação comunitária e nacional. Trata-se de uma legislação que surge para controlar as operações de concentração».

O Regulamento Comunitário nº 123/85 sobre os acordos de distribuição e serviço de venda e após-venda de veículos automóveis, publicado em 18 de Janeiro de 1985 e válido para 10 anos, diz respeito à aplicação do nº 3 do artº 85 do Tratado de Roma.

Segundo aquela cláusula, referiu Jorge Frazão, da DGCP, existem quatro condições que devem ser cumulativamente satisfeitas para que uma isenção possa ser concedida pela Comissão.

Regras comunitárias sobre distribuição e venda de automóveis não agradam a todos

A primeira diz que o acordo deve contribuir para melhorar a produção ou a distribuição dos produtos ou para promover o desenvolvimento técnico ou económico.

A segunda condição refere que o acordo deve reservar aos utilizadores uma parte equitativa do benefício resultante e a terceira condição diz que não deve impôr restrições que não sejam indispensáveis para atingir os objectivos.

Por último, a quarta sublinha que o acordo não deve eliminar a concorrência numa parte substancial do mercado dos bens ou serviços em causa.

Algumas restrições

Na análise que fez ao Regulamento 123/85, Jorge Frazão salientou que os contratos de distribuição exclusiva de automóveis comportam «algumas restrições» à concorrência, mas que essas restrições podem, sob certas condições, «ser tidas por racionais e indispensáveis ao bom funcionamento do sector», pois se trata da utilização um bem de consumo durável que necessita cuidados especiais de manutenção e reparações especializadas, as quais devem poder ser feitas em qualquer Estado membro onde a rede de distribuição actue.

Como pano de fundo, a Comissão considera que é fundamental a cooperação estreita entre o construtor do veículo automóvel e um número limitado de distribuidores.

Desta cooperação «resultam benefícios de ordem económica para os utilizadores que dificilmente seriam obtidos se estivés-semos perante organizações dissociadas, tendo de um lado o agente produtor ou importador e do outro as organizações de venda e de após-venda».

Por outro lado, acrescenta José Frazão, os utilizadores devem exigir que o veículo que lhe é entregue esteja em condições perfeitas e, neste sentido, «compete ao distribuidor/vendedor proceder a um controlo técnico que é feito por si tendo em conta as directivas do construtor».

É por estas razões de capacidade técnica e de eficácia, salienta Jorge Frazão, que a colaboração entre o concedente e o concessionário «não deve ser estendida a um número ilimitado de distribuidores» e acrescenta que a concorrência no sector automóvel «joga-se, de preferência, entre as marcas e entre as redes de distribuição rivais o que permite admitir, até certo ponto, restrições de concorrência entre distribuidores duma mesma rede de distribuição para produtos da mesma marca».

Mandatários sim ou não

Apesar de ser considerado positiva a existência do Regulamento enquanto único mecanismo legal que define as regras de concorrência, os utilizadores apontam-lhe algumas críticas.

O problema da existência de mandatários, como são chamados no sector os intermediários, e o desnivelamento dos preços de compra de veículos nos diversos países da Comunidade são considerados dois factores de perturbação tanto por Helder Pedro da ACAP, Associação do Comércio Automóvel de Portugal como por Athaíde Tavares da ANECRA, Associação Nacional das Empresas de Comércio e Reparação Automóvel.

Para Athaíde Tavares, a figura do mandatário «é perigosa» porque prejudica os retalhistas, fazendo uma concorrência desleal. São estes últimos que correm riscos, que investem em stocks e que prestam os serviços após-venda.

O mandatário apenas é contratado para, por exemplo, ir comprar um carro ao estrangeiro e colocá-lo mais barato no mercado nacional.

Registe-se que este problema, omisso no Regulamento, deu já origem a uma queixa da Peugeot contra a Ecosistem, uma empresa francesa que se dedica a ir comprar carros da marca Peugeot à Bélgica e a Luxemburgo, com os benefícios da concorrência desleal.

Para além dos problemas dos stocks de carros novos que acumulam juros quando não são logo vendidos, da quebra de confiança dos produtores em relação aos concessionários e da venda paralela de peças de substituição, questões omissas pelo Regulamento, referidas por Helder Pedro, a questão da diferença de preços é preocupante.

Segundo este responsável da ACAP, é muito difícil estipular os preços base dos veículos automóveis por razões de flutuação da taxa de câmbios dos diversos países da Comunidade, por questões de inflação e devido aos direitos aduaneiros.

Rui Ferreira e Sousa

Acordos de distribuição exclusiva pesam nas decisões da Comunidade

Várias empresas foram já condenadas por tentarem manter uma protecção territorial absoluta visando uma alta artificial dos preços

«A nível comunitário, cerca de 40 por cento das decisões proferidas pela Comissão das Comunidades Europeias envolvem acordos de distribuição», disse Azeem Bangy, da DGCP, durante o seminário da Confederação do Comércio Português, sobre «Regras de Concorrência».

Para este responsável da direcção-geral da Concorrência e Preços, a unidade do Mercado Único «pode ser posta em causa por práticas ou comportamentos de empresas, designadamente acordos de repartição de mercados, proibições de exportações, obstáculos às importações paralelas ou outras quaisquer práticas restritivas de concorrência conducentes à compartimentação dos mercados e ao reestabelecimento de fronteiras que, embora menos visíveis, são seguramente tão eficazes como aquelas que se pretendem eliminar».

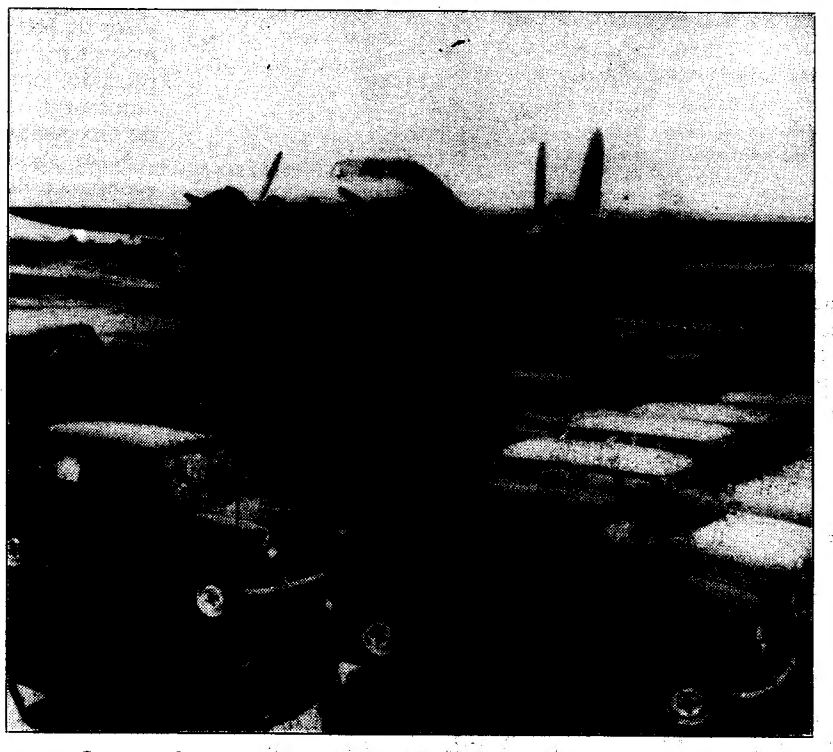
Foi precisamente para prevenir e sancionar «esse tipo de práticas restritivas da concorrência» que se incrementou ao nível comunitário uma política de concorrência aplicável quer às empresas quer aos Estados membros.

Como referiu Azeem Bangy, têm sido infligidas pesadas multas a importantes empresas de renome mundial, que pela via de acordos de distribuição «dificultaram o comércio intra-comunitário ou procuraram influenciar os preços dos agentes económicos situados a juzante na cadeia económica»

Encontram-se neste caso, a título de exemplo, a Grundig-Consten, a Kawasaki, a Pioneer e a Johnson & Johnson. Por outro lado, houve decisões favoráveis aos sistemas de distribuição de empresas como a BMW, a Saba e a IBM.

Os processos de condenação movidos pela CEE devem-se ao facto dos processos de distribuição exclusiva das empresas envolverem «práticas restritivas da concorrência que nunca são aceites em qualquer sistema de distribuição», nomeadamente as que têm por objecto assegurar uma protecção territorial absoluta visando «a manutenção artificial de uma alta de preços» num dado mercado de bens e serviços.

R. F. S.



Concorrência desleal dos mandatários e desnivelamento de preços na Comunidade são algumas das críticas feitas ao sector por parte dos utilizadores